



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, INTERAÇÃO SOCIAL E SAÚDE
DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA



VIRGINIA LUCIA COSTA NEVES

SEXUALIDADE DE MULHERES IDOSAS SOLTEIRAS, VIÚVAS OU SEPARADAS:
CONCEPÇÕES E ATITUDES DE FAMILIARES

Recife
2024

VIRGINIA LUCIA COSTA NEVES

**SEXUALIDADE DE MULHERES IDOSAS SOLTEIRAS, VIÚVAS OU SEPARADAS:
CONCEPÇÕES E ATITUDES DE FAMILIARES**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como parte da obtenção do título de doutora na linha de Pesquisa Família, Interação Social e Saúde.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Cristina Maria de Souza Brito Dias.

Recife
2024

N935s Neves, Virginia Lucia Costa.
Sexualidade de mulheres idosas solteiras, viúvas ou
separadas: concepções e atitudes de familiares / Virginia
Lucia Costa Neves, 2024.
134 f.: il.

Orientadora: Cristina Maria de Souza Brito Dias.
Tese (Doutorado) – Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia
Clínica. Doutorado em Psicologia Clínica, 2024.

1. Mulheres idosas - Comportamento sexual.
2. Idosos - Relações com a família. 3. Psicoterapia.
I. Título.

CDU 159.922.1

Luciana Vidal - CRB-4/1338

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Aprovada em 13/12/2024

VIRGINIA LUCIA COSTA NEVES

**SEXUALIDADE DE MULHERES IDOSAS SOLTEIRAS, VIÚVAS OU SEPARADAS:
CONCEPÇÕES E ATITUDES DE FAMILIARES**

BANCA EXAMINADORA:



Prof^º. Dr^a. Cristina Maria de Souza Brito Dias -UNICAP - Orientadora



Prof^º. Dr^a. Danielle de Andrade Pitanga – UFPE



Prof^º. Dr^a. Flávia de Maria Gomes Schuler - UNIFAFIRE



Prof^º. Dr^a. Silvana Maria de Macêdo Uchôa - UNICAP



Prof. Dr. Tailson Evangelista Mariano - UNICAP

Recife

2024

Dedicatória

Dedico este trabalho às minhas amadas filhas *Manoela e Marilia*.

Agradecimentos

Agradeço

Ao Criador pela vida e por estar hoje escrevendo estas palavras.

A meu Anjo Guardião, por seu zelo e cuidado.

À vovó Neném e vovô Vicente (avós maternos) *in memoriam*.

À mamãe Alice e papai Costa (avós paternos) *in memoriam*.

À Isabel e Wilson (meus pais) *in memoriam*.

Ao Carlos “meu Chuchu” (*in memoriam*).

Aos meus irmãos consanguíneos e aos de coração.

Às minhas filhas, netas, neto e genros.

Aos meus sobrinhos(as), cunhados(as) e sobrinhos-netos.

Sou grata

Por todos os dias vividos e por todos que terei para viver.

Por ter amigas e amigos muito queridos(as).

À coordenação do Centro de Convivência, no qual desenvolvi esta pesquisa.

A todas as mulheres que participaram e que muito me ensinaram.

Aos colegas de doutorado, amigos e funcionários da Universidade Católica de Pernambuco, com quem convivi, neste percurso.

Aos Professores que aceitaram participar da minha banca e contribuir com este trabalho:

Danielle de Andrade Pitanga – UFPE, Flávia de Maria Gomes Schuler (UNIFAFIRE),

Silvana Maria de Macedo Uchôa (UNICAP) e Tailson Evangelista Mariano (UNICAP).

À CAPES, que me concedeu a bolsa para realizar este estudo.

Minha gratidão especial à minha orientadora, Prof^a. Cristina Maria de Souza Brito Dias, de fundamental importância no percurso e na conclusão desta jornada. A ela, meu carinho e minha admiração!

Alma Gêmea

Alma gêmea de Minh'alma
Flor de luz da minha vida
Sublime estrela caída
Das belezas da amplidão

Quando eu errava no mundo
Triste e só no meu caminho
Chegaste devagarinho e
Encheste-me o coração

Vinhas da mansão dos deuses
Na divina claridade
Tecer-me a felicidade
Em sorrisos e esplendor
És meu tesouro infinito
Juro-te eterna aliança
Porque eu sou tua esperança
Como és todo o meu amor

Alma gêmea de minh'alma
Se eu te perder algum dia
Serei a escura agonia
Da saudade dos teus véus

Se um dia me abandonares
Luz terna dos meus amores
Hei de esperar-te entre as flores
Das claridades dos céus

* Extraído do romance *Há 2000 Anos* (1999), psicografado por Francisco Cândido Xavier, editado pela FEB.

Apresentação

Não feito, não perfeito, não completo;

Não satisfeito nunca, não contente;

Não acabado, não definitivo

Eis aqui um vivo, eis-me aqui.

(Trecho da música “Vivo”)

De: Lenine

Aqui estou eu, Virginia Lucia (Barros) Costa Neves, muitos anos e alegrias vividas, algumas lágrimas derramadas, poucas coisas aprendidas e muitas a aprender.

Na conclusão desta jornada que me leva ao título de ‘doutora’, estão reunidas muitas inquietações, tanto dentro quanto fora da academia.

Comecei na Biomedicina e, na lida, dentro de um Laboratório de Análises Clínicas, percebi que a Psicologia me chamava e eu atendi ao seu chamado.

Em seguida, encontrei-me fazendo parte da Primeira Turma de Gerontologia da Universidade Católica de Pernambuco. Logo após, veio o Mestrado e, neste momento,
“Eis aqui, um vivo”.

Sendo Especialista em Gerontologia, ensaiei no Mestrado algumas argumentações teóricas para dissertar, entretanto a temática da sexualidade me arrebatou e apurou-se no Doutorado, apesar de “não perfeito, não completo”.

Sempre inquieta, aguardo o que o Universo me reserva, na certeza de estar expressando neste estudo nuances de minha própria sexualidade.

Assim, carrego minha bagagem na mochila, alegre e otimista, como sempre me senti, consciente de tudo que nela falta e sabendo que estou
“não acabada, não definitiva”, mas viva.

RESUMO

A velhice é algo singular, um destino vivido de inúmeras maneiras. O indivíduo que habita em cada um não envelhece, “é atemporal”, contudo, o espelho o desmente e são os familiares os primeiros a negar às pessoas idosas os seus desejos, especialmente, em relação à sexualidade, por sua herança de concepções históricas. Esta tese teve como objetivo geral compreender as concepções e as atitudes de mulheres solteiras, viúvas ou separadas e de seus familiares, acerca da sexualidade na velhice. Especificamente, almejou-se: avaliar se as vivências anteriores repercutem na sexualidade de mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas; identificar se há e como se dá a influência de familiares na expressão da sexualidade das pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas, na perspectiva das próprias idosas; propor uma intervenção psicoeducativa com filhos(as), netos(as) ou sobrinhos(as) de pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas, na expectativa de conhecer suas crenças sobre a sexualidade na velhice e de estimular a reflexão e/ou minimizar preconceitos; analisar na narrativa das participantes idosas possíveis mudanças nas ideias ou nas atitudes dos familiares, acerca da sexualidade na velhice, quatro meses após terem participado da intervenção. A base teórica foi a Teoria de Seleção, Otimização e Compensação (Teoria SOC), que tem como fundamento a perspectiva *Life-Span*. Foi uma pesquisa qualitativa, longitudinal, com amostra intencional, da qual participaram 10 mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas (SVS), entre 60 e 81 anos e 10 familiares (todas do sexo feminino), entre 18 e 45 anos. Os instrumentos foram: um questionário biossociodemográfico; uma primeira entrevista semiestruturada para pessoa idosa SVS; uma intervenção psicoeducativa com familiares (filhas, neta e sobrinha); uma segunda entrevista semiestruturada, com as mesmas idosas, quatro meses, pós-intervenção. Os resultados foram analisados pela Técnica de Análise de Conteúdo Temático e os principais resultados evidenciaram que: 1) a sexualidade, na concepção das mulheres idosas SVS e familiares estava associada à atividade sexual, exceto para uma das filhas; 2) as vivências anteriores repercutem na sexualidade das mulheres idosas SVS; 3) as mulheres idosas participantes referiram que seus familiares influenciavam na sua sexualidade; 4) as participantes familiares: i) a maioria não reconhecia as pessoas idosas da família como representantes de um passado/ancestral, ainda presente; ii) desconheciam a presença da sexualidade em todas as fases da vida, sua amplitude e sua importância na velhice; iii) desconheciam que o idadismo, a invisibilidade e/ou a exclusão das pessoas idosas podem acontecer, de forma sutil, até no contexto familiar; iv) não se davam conta de que atividades prazerosas desenvolvidas pelas pessoas idosas promovem qualidade de vida e é uma das formas de canalizar a sexualidade; v) referiram que estavam saindo da intervenção psicoeducativa com mais e melhores informações sobre a sexualidade, para si e seu ciclo sociofamiliar; 5) na velhice, para vivenciar a sexualidade, as pessoas idosas fazem escolhas mais seletivas, com base nos seus recursos internos, para atingir compensação; 6) para algumas mulheres idosas, a viuvez ou a separação pode representar um novo *status*, que inclui mais liberdade e qualidade de vida, já para outras, a forma de sentir prazer é através do sexo. O diário de campo, com as impressões objetivas e subjetivas da pesquisadora foi compartilhado em recortes, no decorrer da apresentação dos resultados. Diante disso, reconheceu-se a relevância de familiares conhecerem melhor a sexualidade, suas dimensões e importância na vida diária das pessoas, na velhice e, particularmente, na vida das mulheres idosas SVS, diante das possíveis lacunas ou mudanças impostas pela nova situação civil. Espera-se dar visibilidade social e científica ao tema; contribuir para a desconstrução de estereótipos que têm acompanhado os idosos(as) neste segmento; estimular outros profissionais da área a realizar intervenção psicoeducativa com pessoas idosas e com pessoas mais jovens, principalmente, familiares; produzir, a partir desta tese, um material de conteúdo educativo, para facilitar concepções mais amplas sobre a sexualidade para jovens, adultos e idosos.

Palavras-chave: Familiares. Intervenção Psicoeducativa. Mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas. Sexualidade.

ABSTRACT

Old age is something unique, a destiny experienced in countless ways. The individual who inhabits each person does not age; they are "timeless." However, the mirror contradicts this, and family members are often the first to deny elderly individuals their desires, particularly regarding sexuality, due to inherited historical conceptions. This thesis aimed to understand the perceptions and attitudes of single, widowed, or separated women and their family members regarding sexuality in old age. Specifically, it sought to: assess whether past experiences influence the sexuality of elderly single, widowed, or separated women; identify whether and how family members influence the expression of sexuality among elderly single, widowed, or separated individuals, from the perspective of the elderly themselves; propose a psychoeducational intervention with children, grandchildren, or nieces and nephews of elderly single, widowed, or separated individuals to understand their beliefs about sexuality in old age and to encourage reflection and/or minimize prejudices; analyze, through the narratives of elderly participants, potential changes in family members' ideas or attitudes regarding sexuality in old age, four months after participating in the intervention. The theoretical foundation was the Selection, Optimization, and Compensation Theory (SOC Theory), which is based on the *Life-Span* perspective. This was a qualitative, longitudinal study, with a purposive sample, including 10 elderly single, widowed or separated (SWS) women, aged between 60 and 81 years and 10 family members (all female), aged between 18 and 45 years. The research instruments used were: a biosociodemographic questionnaire; an initial semi-structured interview with the elderly SWS participants; a psychoeducational intervention with family members (daughters, granddaughter, and niece); a second semi-structured interview with the same elderly participants, conducted four months after the intervention. The results were analyzed using the Thematic Content Analysis Technique, and the main findings indicated that: 1) sexuality, in the perception of elderly SWS women and their family members, was associated with sexual activity, except for one daughter; 2) past experiences influenced the sexuality of elderly SWS women; 3) the participating elderly women reported that their family members influenced their sexuality; 4) the family members: i) most did not recognize the elderly individuals in their family as representatives of a past/ancestral presence still relevant today; ii) were unaware that sexuality is present throughout all life stages, including its breadth and importance in old age; iii) did not recognize that ageism, invisibility, and/or exclusion of elderly individuals could occur subtly, even within the family context; iv) were unaware that pleasurable activities pursued by elderly individuals promote quality of life and serve as a way to channel sexuality; v) reported leaving the psychoeducational intervention with more and better information about sexuality for themselves and their social-family circle; 5) in old age, to experience sexuality, elderly individuals make more selective choices based on their internal resources to achieve compensation; 6) for some elderly women, or separation represents a new status, bringing greater freedom and quality of life, while for others, pleasure is still experienced through sex. The field diary, containing both objective and subjective impressions from the researcher, was shared in excerpts throughout the presentation of results. Given these findings, the importance of family members having a deeper understanding of sexuality, its dimensions, and its role in the daily lives of elderly individuals, especially elderly SWS women—was recognized, considering the possible gaps or changes imposed by a new marital status. This study aims to provide social and scientific visibility to the subject, contribute to deconstructing stereotypes that have historically surrounded elderly individuals in this aspect, encourage other professionals in the field to conduct psychoeducational interventions with both elderly and younger individuals (especially family members), and produce educational materials based on this thesis to foster a broader understanding of sexuality among young people, adults, and the elderly people, especially family members; produce, based on this thesis, educational content material to facilitate broader concepts about sexuality for young people, adults and the elderly.

Keywords: Family members. Psychoeducational intervention. Single, widowed or separated elderly women. Sexuality

RESUMEN

La vejez es algo único, un destino vivido de innumerables maneras. El individuo que vive dentro de cada persona no envejece, “es atemporal”, sin embargo, el espejo lo niega y los familiares son los primeros en negar a las personas mayores sus deseos, especialmente en relación a la sexualidad, debido a su legado de concepciones históricas. Esta tesis tuvo como objetivo general comprender las concepciones y actitudes de las mujeres solteras, viudas o separadas y sus familias respecto a la sexualidad en la vejez. En concreto, se pretendía: evaluar si las experiencias previas inciden en la sexualidad de mujeres mayores solteras, viudas o separadas; identificar si los miembros de la familia influyen en la expresión de la sexualidad de las personas mayores solteras, viudas o separadas, y de qué manera, desde la perspectiva de las propias mujeres mayores; proponer una intervención psicoeducativa con hijos, nietos o sobrinos de personas mayores solteras, viudas o separadas, con la esperanza de comprender sus creencias sobre la sexualidad en la vejez y fomentar la reflexión y/o minimizar prejuicios; Analizar en la narrativa de los adultos mayores participantes posibles cambios en las ideas o actitudes de los familiares respecto a la sexualidad en la vejez, cuatro meses después de haber participado en la intervención. La base teórica fue la Teoría de Selección, Optimización y Compensación (Teoría SOC), que se basa en la perspectiva de Vida Útil. Se trató de una investigación cualitativa, longitudinal, con muestra intencional, en la que participaron 10 mujeres adultas mayores solteras, viudas o separadas (SVS), entre 60 y 81 años y 10 familiares (todas mujeres), entre 18 y 45 años. Los instrumentos fueron: un cuestionario biosociodemográfico; una primera entrevista semiestructurada para una persona mayor SVS; una intervención psicoeducativa con familiares (hijas, nieta y sobrina); una segunda entrevista semiestructurada, con las mismas mujeres mayores, cuatro meses después de la intervención. Los resultados fueron analizados mediante la Técnica de Análisis de Contenido Temático y los principales resultados mostraron que: 1) la sexualidad, en la concepción de las mujeres mayores del SVS y sus familiares, estuvo asociada a la actividad sexual, con excepción de una de las hijas; 2) Las experiencias previas tienen un impacto en la sexualidad de las mujeres mayores del SVS; 3) Las mujeres mayores participantes informaron que sus familiares influían en su sexualidad; 4) Participantes familiares: i) la mayoría no reconoció a las personas mayores de la familia como representantes de un pasado/ancestro, todavía presente; ii) desconocían la presencia de la sexualidad en todas las etapas de la vida, su alcance y su importancia en la vejez; iii) desconocían que el edadismo, la invisibilidad y/o la exclusión de las personas mayores pueden ocurrir, de manera sutil, incluso en el contexto familiar; iv) no se dieron cuenta de que las actividades placenteras realizadas por las personas mayores promueven la calidad de vida y son una de las formas de canalizar la sexualidad; v) manifestaron que egresaron de la intervención psicoeducativa con mayor y mejor información sobre la sexualidad, para sí mismos y su ciclo sociofamiliar; 5) en la vejez, para experimentar la sexualidad, las personas mayores toman decisiones más selectivas, basadas en sus recursos internos, para lograr una compensación; 6) Para algunas mujeres mayores, la viudez o la separación puede representar un nuevo estatus, que incluye más libertad y calidad de vida, mientras que para otras, la forma de sentir placer es a través del sexo. El diario de campo, con las impresiones objetivas y subjetivas del investigador, fue compartido en extractos durante la presentación de los resultados. Frente a ello, se reconoció la relevancia de que los familiares tengan una mejor comprensión de la sexualidad, sus dimensiones e importancia en la vida cotidiana de las personas, en la vejez y, particularmente, en la vida de las mujeres adultas mayores SVS, ante las posibles brechas o cambios que impone la nueva situación conyugal. Se espera dar visibilidad social y científica al tema; contribuir a la deconstrucción de los estereotipos que han acompañado a las personas mayores en este segmento; animar a otros profesionales del sector a realizar intervenciones psicoeducativas con personas mayores y jóvenes, especialmente con sus familiares; Producir, a partir de esta tesis, contenidos educativos que faciliten conceptos más amplios sobre la sexualidad a jóvenes, adultos y adultos mayores.

Palabras clave: Familiares. Intervención Psicoeducativa. Mujeres mayores solteras, viudas o separadas. Sexualidad.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Resumo das proposições teóricas características da Psicologia do desenvolvimento ao longo da vida	47
Tabela 2 –	Dados biossociodemográficos das pessoas idosas solteiras, viúvas e separadas participantes	70
Tabela 3 –	Dados biossociodemográficos dos familiares participantes	70
Tabela 4 –	Subgrupo A – Imagens que representaram a sexualidade para as participantes	85
Tabela 5 –	Subgrupo B – Imagens que representaram a sexualidade para as participantes	86
Tabela 6 –	Subgrupo A – Imagens que representaram a sexualidade de pessoas idosas solteiras, viúvas e separadas, para as participantes	87
Tabela 7 –	Subgrupo B – Imagens que representaram a sexualidade de pessoas idosas solteiras, viúvas e separadas, para as participantes	87
Tabela 8 –	Sentimentos experienciados pelas participantes, durante a Terceira Intervenção Psicoeducativa	92
Tabela 9 –	Respostas das participantes à pergunta: “ <i>O que eu trouxe e o que eu levo dos encontros?</i> ”	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese dos procedimentos para a coleta de dados nos três momentos da pesquisa	62
Quadro 2 – Caracterização, categorização de análise e descritores	64
Quadro 3 – Síntese do primeiro momento da pesquisa	79
Quadro 4 – Síntese do segundo momento da pesquisa (intervenção psicoeducativa)	96
Quadro 5 – Síntese do terceiro momento da pesquisa	100

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Representação esquemática da sexualidade humana	37
Figura 2 –	Perspectiva Life-Span: representação esquemática das mudanças normativas e não-normativas.....	49
Figura 3 –	Representação esquemática da operacionalização e interação entre as três principais influências do desenvolvimento Life-Span	50
Figura 4 –	Representação gráfica de três princípios que regem a dinâmica entre biologia e cultura ao longo da vida	52
Figura 5	Representação esquemática dos riscos relacionados ao envelhecimento, aos fatores psicossociais e à adaptação na velhice.....	54

LISTA DE SIGLAS

CEP	Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos
IBDFAM	Instituto Brasileiro de Direitos de Família
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IP	Intervenção Psicoeducativa
OMS	Organização Mundial da Saúde
SOC	Seleção, Otimização e Compensação
SVS	Solteira(s), Viúva(s) ou Separada(s)
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 SEXUALIDADE HUMANA: PANORAMA SÓCIO-HISTÓRICO.....	26
1.1 Contextualização	26
1.2 Reflexões sobre a sexualidade de mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas	38
2 A PERSPECTIVA <i>LIFE-SPAN</i> E A TEORIA DA SELEÇÃO OTIMIZAÇÃO E COMPENSAÇÃO (TEORIA SOC)	43
2.1 Histórico e fundamentos	43
3 OBJETIVOS E MÉTODO	55
3.1 Objetivo Geral	55
3.2 Objetivos Específicos	55
3.3 Método	55
3.3.1 Desenho metodológico e natureza da pesquisa	55
3.3.2 Participantes	57
3.3.3 Procedimentos éticos	58
3.3.4 Instrumentos da pesquisa	58
3.3.4.1 Questionário biossociodemográfico	58
3.3.4.2 Primeira entrevista com mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas, pré- intervenção com as familiares	58
3.3.4.3 Intervenção psicoeducativa com familiares	58
3.3.4.4 Segunda entrevista com mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas, pós- intervenção com as familiares	59
3.3.5 Procedimentos de coleta de dados	59
3.3.6 Procedimentos da análise de dados	63
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	64
4.1 Caracterização dos participantes idosos e dos familiares	65
4.1.1 - Pessoa idosa – Begônia / Familiar – Bonina	65
4.1.2 - Pessoa idosa – Cattleya / Familiar – Cidrila	65
4.1.3 - Pessoa idosa – Dioneia / Familiar – Dhália	66
4.1.4 - Pessoa idosa – Genciana / Familiar – Gardênia	66
4.1.5 - Pessoa idosa – Hortência / Familiar – Helicônia	67
4.1.6 - Pessoa idosa – Margarida / Familiar – Melissa	67

4.1.7 - Pessoa idosa – Petúnia / Familiar – Perpétua	67
4.1.8 - Pessoa idosa – Rosa / Familiar – Rosário	68
4.1.9 - Pessoa idosa – Tulipa / Familiar – Torênia	68
4.1.10 - Pessoa idosa – Violeta / Familiar – Vanda	69
4.2 Resultados do primeiro momento da pesquisa - entrevista com as mulheres idosas	
solteiras, viúvas ou separadas, pré-intervenção com as familiares	73
4.2.1 Repercussões das vivências anteriores, na sexualidade de mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas	74
4.2.2 A influência de familiares na expressão da sexualidade de mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas	77
4.3 Resultados do segundo momento da pesquisa – intervenções psicoeducativas	
com os familiares.....	80
4.3.1 A intervenção psicoeducativa, facilitando reflexões e potenciais mudanças de concepções e de atitudes nas familiares, sobre a sexualidade de pessoas idosas	81
4.3.1.1 Primeira Intervenção Psicoeducativa.....	81
4.3.1.2 Segunda Intervenção Psicoeducativa.....	83
4.3.1.3 Terceira Intervenção Psicoeducativa	85
4.3.1.4 Quarta Intervenção Psicoeducativa	91
4.3.1.5 Quinta Intervenção Psicoeducativa	94
4.4 Resultados do terceiro momento da pesquisa - entrevista com as mulheres idosas	
solteiras, viúvas ou separadas, pós-intervenção com as familiares	97
4.4.1 Novas trilhas para vivenciar a sexualidade na velhice	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	105
ANEXO 1 – Parecer Consubstanciado	116
ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pessoa	
Idosa Solteira, Viúva ou Separada	121
ANEXO 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as Familiares	123
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO BIOSOCIODEMOGRÁFICO – PESSOA IDOSA	126
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO BIOSOCIODEMOGRÁFICO – FAMILIAR	127
APÊNDICE C – ROTEIRO DA PRIMEIRA ENTREVISTA COM AS MULHERES IDOSAS	
SOLTEIRAS, VIÚVAS OU SEPARADAS	128
APÊNDICE D – ESQUEMA DA INTERVENÇÃO PSICOEDUCATIVA COM AS	

FAMILIARES	129
APÊNDICE E – LETRA DA MÚSICA UTILIZADA NA INTERVENÇÃO	130
APÊNDICE F – FIGURAS DE DOMÍNIO PÚBLICO UTILIZADAS NA INTERVENÇÃO	131
APÊNDICE G – FRASES DE COMANDO, UTILIZADAS NA INTERVENÇÃO	132
APÊNDICE H – FICHA DE AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO	133
APÊNDICE I - ROTEIRO DA SEGUNDA ENTREVISTA COM AS MULHERES IDOSAS SOLTEIRAS, VIÚVAS OU SEPARADAS QUATRO MESES PÓS- INTERVENÇÃO.....	134

INTRODUÇÃO

“A velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo”

(Simone de Beauvoir, 2018)

Este estudo deu continuidade a uma investigação iniciada no mestrado em Psicologia Clínica na Universidade Católica de Pernambuco, no qual pesquisei acerca da sexualidade de pessoas idosas e a partir daí percebi a escassez de trabalhos sobre a temática, incluindo familiares dessas pessoas. A população com 60 anos ou mais cresce, significativamente, a cada ano e talvez seja a que vem presenciando avanços globais, em termos de tecnologia e direitos humanos, nunca vistos na história da humanidade. Essas mudanças impactam a sociedade como um todo, posicionando “a pessoa idosa” em um lugar de maior visibilidade, embora muitas questões ainda sejam incipientes. A sexualidade faz parte dessas mudanças.

A percepção da sexualidade é fruto de uma herança histórica, impregnada na sociedade ao longo dos séculos e que reverbera, especialmente, nas concepções da geração 60+ e nos seus descendentes diretos (filhos, netos e sobrinhos). As ideias a seu respeito giram em torno de mitos e preconceitos, conferindo ao idoso o papel de dependência, assexualidade, perda dos desejos, entre outros. Ter vivido mais tempo, apesar dos desgastes inexoráveis que normalmente acarretam vulnerabilidade física e/ou psicológica em diversos graus, não impede a pessoa idosa de continuar a sonhar, desejar, amar e ser amada. Por outro lado, nessa fase, muitas mulheres vivem a experiência da viuvez, separam-se, ou chegam à velhice já separadas, ou ainda não tiveram a oportunidade de vivenciar um relacionamento como gostariam.

A inclusão de familiares foi necessária no recorte escolhido (mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas), porque não considero suficiente passar informações sobre a sexualidade e a atividade sexual apenas para as pessoas idosas. Aqueles que as cercam, iniciando pelos familiares, precisam compreender que o desejo de viver e de se sentir vivo e incluído não acaba e que a sexualidade e/ou a atividade sexual continua sendo importante para a manutenção da qualidade de vida na velhice. Caso contrário, as pessoas idosas continuarão sem espaço para viverem e serem aceitas nos seus anseios. Foi com esse intuito que se propôs uma intervenção psicoeducativa com filhos, netos ou sobrinhos, que têm vínculos afetivos com suas mães, avós ou tias idosas, na condição de solteiras, viúvas ou separadas para se conhecer as concepções que guardavam sobre a sexualidade e suas atitudes relacionadas ao tema. A escolha da metodologia se ateve a possibilidade de facilitar o acesso as crenças e aos sentimentos dos

participantes, estimulando novas aprendizagens, a partir da reflexão.

As bases teóricas escolhidas (perspectiva *Life-Span* e Teoria da Seleção, Otimização e Compensação – Teoria SOC) que preconizam o desenvolvimento ao longo de toda a vida, a meu ver são pertinentes e adequadas, por ser o que realmente acontece, nesta experiência terrena, vivida de forma singular por cada pessoa, que tem a sorte de viver sua velhice.

Nesta caminhada, tive a oportunidade de conhecer mulheres idosas com histórias de todas as cores e teores que, sem dúvida me enriqueceram como pessoa e como profissional. As filhas, a neta e a sobrinha que participaram me mostraram o quanto ainda precisa ser feito, junto aos familiares e às comunidades, na divulgação de informações e realização de trabalhos educativos sobre a sexualidade de pessoas idosas.

O processo de envelhecimento aponta para as diferenças individuais, em distintos contextos populacionais. As características vinculadas à velhice não se relacionam, unicamente, ao que acontece com o corpo, em determinado tempo cronológico. Apesar de estarem associadas a uma condição natural, contínua e irreversível, que vai determinar um ciclo biológico, também estão ligadas a uma sequência de acontecimentos que “situam os indivíduos em diversas esferas da vida social, como no trabalho, na família”, na comunidade, entre outros (Camarano & Fernandes, 2022, p. 2).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) destacou que o número de pessoas com 65 anos ou mais na população atingiu 10,9%, representando um aumento de 57,4%, em relação a 2010. Já o grupo com 60 anos ou mais chegou a 15,6%, um aumento de 56,0% desde 2010. O índice de envelhecimento indicou que há 55,2 pessoas com 65 anos para cada 100 crianças entre zero e 14 anos e 80 pessoas com 60 anos ou mais para o mesmo número de crianças, na mesma faixa etária.

Vale ressaltar que esse crescimento foi resultado do aumento da natalidade nas décadas de 1950 e 1960 e do declínio nas taxas de mortalidade dessa população, entre outros fatores. Camarano e Fernandes (2022), assim como Papalia e Martorell (2022), concordam no sentido de que o valor do aumento do tempo de vida de um grupo populacional só consegue refletir um impacto econômico positivo, se o grupo a que se refere tiver uma proporção significativa de pessoas saudáveis e fisicamente funcionais.

O que vem sendo observado na atual realidade das pessoas idosas são problemas ligados à saúde, estes associados unicamente à idade, na medida em que refletem consequências de disfunções biopsicossociais, como as relacionadas aos estados emocionais, às atitudes comportamentais e aos estilos de vida adotados ou impostos aos senescentes (Dantas et al.,

2017; Neves, 2020). Apesar de a velhice, como processo biológico, ser um período cercado por vulnerabilidades naturais ou adquiridas, atualmente as pessoas que se encontram nesta fase inclinam-se a vivenciar o caminho para a finitude de forma mais ativa e participativa, buscando a manutenção da autonomia e do protagonismo social (Miranda et al., 2016).

Mendonça et al. (2021) referem que, no Brasil, a população idosa ativa é de 86,4%, enquanto 13,6% apresentam algum tipo de dependência, como as demências, ou outras comorbidades causadoras de inúmeras disfunções de natureza física e/ou mental. Para os autores, os quadros de dependência tendem a gerar repercussões sociais limitadoras, principalmente dentro das famílias que preferem optar pelo cuidado dos seus idosos, privando, muitas vezes, os responsáveis por essas tarefas de investir em seus projetos pessoais.

A expectativa de longevidade que vem se mostrando na transição demográfica vigente ocorre em paralelo às transições epidemiológicas, científicas, organizacionais, acadêmico-profissionais e midiáticas. Nesse aspecto, espera-se que esse “ganho” em tempo de vida seja de vida saudável, porém “saudável” é um termo amplo, que envolve parâmetros clínicos (funcionais/objetivos) e psíquicos (mentais/emocionais/subjetivos), entre outros (Mendonça et al., 2021; Tomazini, 2019). Ser uma pessoa idosa autônoma e independente, com capacidade de gerir a própria vida, desempenhar tarefas e tomar suas próprias decisões seria o ideal para a dignidade e a cidadania dessa população (participação sociocultural, espiritual e cívica), o que remete a uma vivência promotora de satisfações positivas, associadas ao que se chama “qualidade de vida”. (Dantas et al., 2017).

A qualidade de vida na velhice é algo particular, um destino vivido de inúmeras maneiras, diretamente relacionadas ao contexto social, que considera suas idiossincrasias individuais (Beauvoir, 2018). Batistoni (2016) corrobora e faz alusão às concepções relacionadas aos aspectos emocionais/subjetivos da população idosa, como precursores de declínio, no qual predominavam os afetos negativos. Contudo, nas últimas décadas, tem ocorrido uma melhora expressiva na compreensão da importância dos processos emocionais e adaptativos do ser humano. Motivadores de cognição, interação social e contínuo desenvolvimento psicológico regulam a adaptação e impactam no bem-estar físico e mental, possibilitando a otimização do funcionamento emocional, nessa fase da vida.

A partir desse princípio, entende-se que aspectos emocionais associados aos interesses subjetivos não se alteram com o tempo. Eles passam a ter as adequações necessárias. No entanto, tendem a se expressar de maneira diversa e sutil na velhice, estando ou não a saúde preservada (Araújo, 2015). Um dos aspectos ligados a uma vida satisfatória na velhice é o apoio social, caracterizado pela ajuda mútua informal e a solidariedade prestada pelos familiares,

amigos ou grupos comunitários (Falcão, 2012).

No que tange à família, a citada autora considera esta instituição um sistema complexo e interativo, entre pessoas que estabelecem acomodações e comunicações constantes, que dependem das situações estressoras externas e das alianças internas. Nesse espaço, as mudanças sociais têm proporcionado aos longevos diferentes papéis: avós, bisavós e tios. Muitos deles passam a corresidir com três ou mais gerações. Colussi et al. (2019, p. 5) arrematam, dizendo que as concepções acerca da velhice dependem do sistema familiar, considerado prioritário em relação aos cuidados nesta fase de vida, os quais “são percebidos a partir das particularidades de cada arranjo familiar, das condições socioeconômicas, dos valores culturais e morais”. Reforçam que, no contexto social, as concepções (maneira de conceber, noção, ideia, conceito, compreensão) associadas à velhice estão ligadas aos saberes e valores passados entre as gerações, que se mesclam com as mudanças adotadas pelos mais jovens e se externalizam por meio das atitudes (modo de agir, comportamento), em relação às pessoas idosas.

Entre os saberes e valores privados, encontra-se um dos aspectos inatos do ser humano: “a sexualidade”. Esta deve ser compreendida como parte integrante da totalidade do ser, na forma de sentir, de comunicar e de expressar este universo interior e particular, que sofre influência da família durante todo o processo de desenvolvimento. Ampliar o olhar sobre a sexualidade possibilita a reflexão sobre sua importância na vida das pessoas, em todas as fases da vida, dentro das instituições, prioritariamente no contexto familiar (Neves & Dias, 2019).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2010), saúde sexual é um estado de bem-estar biopsicossocial em relação à sexualidade e não é a ausência de doença, disfunção ou incapacidade. Pode também ser entendida como uma “energia vital” que traz motivação para encontrar amor, afeto, ternura e intimidade, integrando-se ao modo como os indivíduos sentem-se, movem-se, tocam-se ou são tocados.

Essa energia vital remete a um universo de impressões relativas, pessoais e/ou paradoxais. Refere-se ao traço mais íntimo do ser humano que se manifesta de forma peculiar em cada indivíduo de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas, podendo ser canalizada para outras formas de prazer pessoal, que envolvam ações e vínculos mais amplos (Neves, 2020).

No que diz respeito à sexualidade e à atividade sexual da pessoa idosa, esse bem-estar retoma as formas primárias de amor sentidas pelos indivíduos, reinventando o afeto e o prazer, que extrapolam a genitalidade. Ocorrem redirecionamentos, redescobertas de sentimentos, de companheirismos e de intimidades compatíveis com as mudanças verificadas no organismo, influenciando o estado geral do indivíduo. A velhice, como um todo, vem deixando de ser vista

como um período de doença, de decadência e de dependência sociofamiliar, antes constrangedor, para um tempo de privilégios, de atividades e de liberdade para vivenciar novas situações ou oportunidades (Araújo, 2015; Debert & Brigeiro, 2012; Debert, 2019).

Kramer et al. (2023), analisando fatores socioculturais associados à satisfação com a vida em pessoas idosas, entre seus resultados, observaram que ter com quem dividir os momentos felizes, compartilhar as dificuldades e as atividades diárias, ter companhia na hora de ir ao médico, na hora da refeição, de ver televisão, de visitar ou de receber amigos ou familiares, de praticar exercícios, entre outros eventos, faz toda a diferença na vida dessas pessoas. Além disso, ter uma vida sexual ativa, seja qual for seu alcance, está associado com a troca de afeto e satisfação diante da vida.

Papalia e Martorell (2022) referem estudos de coortes realizados com população idosa, nos quais a maior satisfação com a vida está associada a uma atitude positiva em relação à sexualidade. Esse fato deve ser considerado por familiares e cuidadores, tendo em vista o bom funcionamento cognitivo e psicológico, embora as famílias lidem com suas relações e seus laços familiares de acordo com suas raízes culturais.

As autoras continuam afirmando que, diferente de outros vínculos, o casamento na cultura ocidental é visto como benéfico, quando associa a amizade afetiva ao parentesco, podendo ser uma das melhores ou uma das piores experiências emocionais para uma pessoa. Quando os cônjuges, que se mantêm juntos na vida adulta tardia, descrevem seu casamento como satisfatório e menos problemático, isso está relacionado a bons índices de saúde e bem-estar psicológico. Contudo, o risco de viuvez é inerente entre os casais que convivem por muito tempo, tendendo a acontecer, principalmente, entre as mulheres.

As mulheres sobrevivem melhor à viuvez e são menos propensas a um novo casamento, enquanto os homens buscam com mais frequência novos relacionamentos. Eles parecem ser mais afetados pela solidão, com maior risco de morte ou chance de institucionalização. Já o crescimento do número de divórcio nessa fase pode estar relacionado com diversos fatores, como: o prolongamento da convivência dos casais longevos possibilita a dissolução “de fato” de um rompimento já existente; há maior probabilidade de divórcios nos novos relacionamentos; quando há independência financeira da mulher, ela se sente mais encorajada a decidir pela separação, caso esteja insatisfeita na relação (Berger, 2011; Papalia & Martorell, 2022)

No que se refere aos julgamentos inconsistentes, estes ocorrem especialmente dentro das famílias, quando reproduzem antigos padrões no cotidiano das discussões (Soares e Meneghel, 2021). Uma vez que o apoio, a afeição, a percepção de pertencimento promovidos

pela “aproximação e simpatia do outro” impactam positivamente na qualidade de vida, os aspectos subjetivos a eles associados passaram a ser objeto de interesse de diversos saberes. Essa atenção vai desde o poder pastoral até o da ciência, que vêm esmiuçando o que existe de mais antigo e secreto na conduta humana. Assim, a perspectiva da sexualidade para uma “velhice saudável”, na maioria das vezes, surge como uma “vida sexual ativa”, fazendo com que essas pessoas se sintam incluídas ou excluídas, a depender de suas condições físicas, emocionais, relacionais e contextuais (Bazza & Navarro, 2019).

No caso da sexualidade, mesmo na presença de perdas fisiológicas, sua continuidade no decorrer dos anos de vida restantes pode trazer compensações e bem-estar (Gatti & Pinto, 2019). Oliveira et al. (2023) mencionam que o avançar da idade traz alterações indeléveis e irreversíveis, porém os sentimentos afetivos, o valor da atenção e do cuidado carinhoso não se modificam. Nessa etapa de vida, a sexualidade pode ser vivenciada em sua visão mais ampla, aspecto com que Neves e Dias (2019) concordam e acrescentam: na idade avançada os desejos continuam presentes, especialmente os que estão ligados à sexualidade, independentemente da orientação sexual ou da fase da velhice.

Apesar de os avanços da ciência e da tecnologia reforçarem a possibilidade de as pessoas idosas vivenciarem mais e melhor sua sexualidade e/ou sua vida sexual, adequando-a de forma prazerosa, a sociedade precisa ser educada sobre o tema, mudando o julgamento dos familiares, dos próprios idosos e dos profissionais de saúde (Dantas et al., 2017; Villa Nova et al., 2024).

A família é apontada pela literatura como principal agente na supressão dos desejos e na negação da sexualidade das pessoas idosas, atitudes que fomentam a invisibilidade, respaldando o idadismo ou etarismo (em inglês *ageism* – termo definido em 1969, pelo médico e gerontólogo americano Robert Neil Butler (1927-2010), que representa o preconceito ou a avaliação negativa relacionada à idade, categorizando, dividindo e causando prejuízos e injustiças (Faleiros, 2023; Souza et al., 2022).

Nessa lógica, a utilização de recursos educacionais representados por programas, práticas ou técnicas voltadas para as reais necessidades do grupo senescente possibilita que tanto a população idosa quanto a mais jovem façam o ‘re-conhecimento’ de conceitos e a ‘re-caracterização’ desse grupo etário. Entre as alternativas viáveis, a psicoeducação para jovens e idosos se destaca como um recurso capaz de melhorar a comunicação e, conseqüentemente, a saúde dos mais velhos no âmbito global (Neri, 2014).

Essa prática pode contribuir com os processos biopsíquicos, buscando melhor adaptação, manejo e crescimento das interações entre os indivíduos e o seu meio. As intervenções psicoeducativas ou socioeducativas são focadas no presente e na resolução de

problemas pré-definidos na sua estruturação. No cenário social, elas atuam na prevenção de aspectos disfuncionais físicos ou emocionais e na promoção de educação em saúde e/ou bem-estar de um determinado grupo; na capacitação de pessoas, grupos ou comunidades e na tessitura de ambientes mais saudáveis à vida comum, dirimindo dúvidas, diminuindo situações indesejáveis e estimulando ações corretivas (Batistoni, 2016; Brito & Ponciano, 2021).

A meta das intervenções psicoeducativas é conhecer as crenças, as ideias e os sentimentos e submetê-los à reflexão, trabalhando os significados afetivos, os mitos, os preconceitos, visando à adaptação e/ou à mudança de atitude. Facilita aos participantes novas informações, modos alternativos de pensar e novos estados emocionais em relação à temática trabalhada, que podem estar camuflados pelo cotidiano, co-construindo uma dialógica transformadora e promotora de psico-higiene, dentro do grupo familiar ou social (Afonso & Coutinho, 2015; Batistoni, 2016; Dias & Schuler, 2013; H. Szymanski & L. Szymanski, 2014).

Na crescente expectativa de longevidade que se desenha, essa proposta se coaduna com as dinâmicas consolidadas entre os aspectos genético-biológicos e os socioculturais dos pressupostos do paradigma *Life-Span*, que “considera múltiplos níveis e dimensões do desenvolvimento, visto como processo interacional, dinâmico e contextualizado”. Os atributos mencionados regulam perdas e ganhos desde a infância, tendo maior ênfase na velhice. De forma sistêmica e por meio dos mecanismos de Seleção, Otimização e Compensação (SOC), tem-se uma meta-teoria desenvolvida para descrever o envelhecimento bem-sucedido, no qual a plasticidade é a inspiração central (Neri, 2022, p. 1228).

Logo, acredita-se na relevância deste estudo, que apresenta a intervenção psicoeducativa com familiares como uma alternativa capaz de possibilitar reflexões e/ou mudanças de concepção acerca da sexualidade de pessoas idosas, especialmente as solteiras, viúvas ou separadas (SVS). Uma sociedade na qual a viuvez, a solteirice ou a separação de uma pessoa idosa pesa sobre ela, tende a levar, prioritariamente, a família a influenciar nas suas escolhas, inibindo sonhos ou desejos, que precisam ser revisitados, ampliando a visão sobre o tema. Não basta dizer ao ‘novo idoso’ do século XXI que ele pode viver mais e melhor, usufruindo da vida, se seus familiares estão presos ao idadismo ou a velhos conceitos ou “padrões” sociais.

Portanto, se questionou: os familiares (filhos, netos, sobrinhos) de mulheres idosas solteiras viúvas ou separadas influenciam em sua sexualidade? Partindo deste questionamento, levantamos a seguinte alternativa de hipótese: os filhos, os netos ou os sobrinhos que têm vínculos familiares e afetivos significativos influenciam na sexualidade de mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas.

Nesta tese, o objetivo geral foi compreender as concepções e as atitudes de mulheres

idosas solteiras, viúvas ou separadas e as de seus familiares acerca da sexualidade na velhice. Especificamente, almejou-se: avaliar se as vivências anteriores repercutem na sexualidade de mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas; identificar se há e como se dá a influência de familiares na expressão da sexualidade das pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas, na perspectiva das próprias idosas; propor uma intervenção psicoeducativa com filhos, netos ou sobrinhos de pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas, na expectativa de conhecer suas crenças, sobre a sexualidade na velhice e estimular a reflexão e/ou minimizar preconceitos; analisar na narrativa das participantes idosas possíveis mudanças nas ideias ou nas atitudes dos familiares, acerca da sexualidade na velhice, quatro meses após terem participado da intervenção.

A presente tese está estruturada da seguinte forma: uma breve introdução, apresentando a justificativa, a temática, o questionamento, a hipótese e o problema delineado neste estudo sobre as concepções e as atitudes de mulheres solteiras, viúvas ou separadas e de familiares acerca da sexualidade na velhice. Seguiram-se quatro capítulos, referências, anexos e apêndices. No primeiro capítulo, discorreu-se sobre o panorama sócio-histórico da sexualidade humana e fez-se uma reflexão sobre a sexualidade de pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas. No segundo, explanou-se sobre as raízes teóricas e sobre os fundamentos do paradigma *Life-Span* e da Teoria da Seleção, Otimização e Compensação (SOC). O terceiro foi dedicado aos objetivos e ao método utilizado na pesquisa. No quarto capítulo, encontram-se a análise e a discussão dos resultados nos três momentos da pesquisa, além dos recortes do diário de campo: o primeiro e o terceiro momentos foram baseados nas histórias narradas pelas pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas e, no segundo momento, fez-se a discussão a respeito da intervenção psicoeducativa realizada com familiares das idosas participantes (filhas, neta e sobrinha) e apresentaram-se os resultados, concluindo com algumas considerações sobre o trabalho realizado.

1 SEXUALIDADE HUMANA: PANORAMA SÓCIO-HISTÓRICO

A sexualidade, tal como a entendemos, é efetivamente uma invenção histórica, mas que se efetivou progressivamente à medida que se realizava o processo de diferenciação dos diferentes campos e de suas lógicas específicas.

(Pierre Bourdieu, 2012)

1.1 Contextualização

A sexualidade e o sexo, embora sejam manifestações inatas, além de serem o que existe de mais antigo e secreto na conduta da espécie humana, são aspectos regidos e esmiuçados ao longo da história das civilizações, bem como ditados por normas socioculturais que sofrem mudanças com o passar do tempo. Apesar de documentada por muitos escritores e historiadores, a sexualidade foi ignorada no âmbito investigativo que envolve a produção científica, até bem pouco tempo.

Os registros são inúmeros e fazem parte dos acervos mundiais, por meio de documentos escritos, da tradição oral passada entre as gerações, dos artefatos arqueológicos, dos produtos gráficos e artísticos, entre outros. Neste relato, reuniram-se alguns apontamentos relevantes, alusivos à evolução da sexualidade humana, coletados em livros e artigos, tanto mais remotos, quanto mais recentes, sem a pretensão de apresentar uma versão completa, tendo em vista os diversos aspectos que esta temática envolve (elicia e está vinculada).

A pesquisadora escolheu substituir o termo “sexualidade”, referido na maioria dos relatos históricos antigos quando esta nomenclatura ainda não existia, por sua real expressão na época. Optou por utilizar os termos “sexo”, “sexual”, “prática sexual” ou “atividade sexual”, prazer sexual, entre outros que, ao longo do contexto sócio-histórico, foram empregados pelos poderes políticos e eclesiásticos com o intuito de exercer controle.

Na Era Vitoriana, em 1838, o termo “sexualidade” foi mencionado pela primeira vez, no campo da biologia, no *Dicionário Petit Robert*, em substituição a referência “sexual”. Em 1905, particularmente com a publicação dos *Três Ensaios sobre Sexualidade* de Freud (1856-1939), passou-se a levar em conta a sua grafia, embora apenas no final do século XX a sexualidade tenha sido compreendida como uma energia pulsional, que move a vida em toda sua amplitude, que pode ou não se mostrar. “Uma força que fica pressuposta na intenção do comportamento ou no desejo de fazer. É algo que se esconde nas dobras do dia a dia e aparece

na interpretação de quem observa ou de quem sente” (Silveira, 2013, p. 285).

O sexo, sendo um ato, é uma premissa fisiológica dos indivíduos de uma mesma espécie, presente em todos os momentos da História e “é mais que qualquer outra função biológica, permitida, tolerada ou condenada em função dos padrões mutáveis” definidos pela cultura. Todavia, “em nenhuma circunstância se poderá deixar de considerar o imperativo reprodutor da própria prática sexual e a forma como a sua estruturação não deixou de refletir na origem e evolução da humanidade, bem como na organização das suas sociedades”. Uma figura dissonante é a figura da mulher como uma presa, delicada e submissa, que era arrastada pelos cabelos até a gruta pelo troglodita, e as descobertas arqueológicas ao longo do século XX, que mostraram a sexualidade humana intimamente ligada à gênese do divino, de forma implícita ou explícita (Diniz & Ribeiro, 2009, p. 27-32).

O homem primitivo era uma criatura essencialmente material e suas principais preocupações eram a busca pelo abrigo e pelo alimento, contando com a natureza, que tanto era provedora quanto algoz. Na Pré-História, o sobrenatural se presentificava por meio dos fenômenos da natureza (o Sol, a Lua, as estrelas, o trovão, as marés, entre outros). O vínculo entre sexo e procriação era desconhecido e os homens não imaginavam sua participação no nascimento de uma criança, fato este ignorado por milênios (Neves, 2020; Rocio, 2015).

A figura da mulher era associada à fertilidade e ao poder de governar a vida e a morte. Seu corpo (com um receptáculo mágico) era capaz de reproduzir outros seres e alimentá-lo, além da capacidade de fazer o órgão masculino se erguer, ter e oferecer prazer, tornando alegórica a ideia de submissão. As mulheres pertenciam a todos os homens e vice-versa. Os laços eram grupais e as crianças tinham vários pais e várias mães (Lins, 2012).

Sendo assim, a Mãe Terra (Gaia) foi a primeira entidade deificada em um processo natural da mente humana (Gaia dá abrigo e sustento). Entretanto, embora não se percebesse, a conexão entre o sexo e a concepção era um ato instintivo e prazeroso, “algo além da simples explicação material”. Os filhos de Gaia (entidade suprema) viviam livres sob o céu e dela recebiam tudo. Esse contexto permitiu que “as sociedades humanas, organizadas dentro de uma esfera matriarcal, desenvolvessem suas religiões tendo uma entidade feminina como centro de toda a criação”. Dessa conexão entre prazer e crença religiosa (antiga e persistente), proliferam no mundo primitivo objetos fálicos de cunho religioso (Rocio, 2015, p. 5).

O autor continua pontuando acerca do paradoxo em associar sexo e religião, mas ressalta os documentos históricos e as descobertas arqueológicas que estreitam esta relação, seja de forma implícita (mitos sobre heróis, filhos de deuses), ou explícita (orgias ritualísticas), influenciando o comportamento sexual de seus seguidores. Refere ainda que as religiões

monoteístas do ocidente, como o Cristianismo e o Judaísmo, tentaram eliminar a conexão entre seus dogmas e a sexualidade humana. Falavam da purificação, do celibato, do nascimento de Jesus Cristo de uma virgem (entre outras), na tentativa de distanciar o carnal do divino. Já nas sociedades greco-romanas, particularmente na Grécia, o sexo representava o desejo, a satisfação pessoal e a expressão do poder. Relacionamentos “verticais” (como mestre-aluno), muitas vezes exibindo grande diferença de idade, hoje desaprovados, eram normas nas sociedades antigas. De modo semelhante, nas figuras e nas esculturas, existiam cenas de nudez e de sexo nas quais o pênis, além da conotação sexual, representava fertilidade e força. Nenhuma mulher foi representada nua ou em algum ato sexual, exceto Afrodite e Vênus (Rocio, 2015).

Foucault (1985) lembra que os discursos sobre a sexualidade aparecem em momentos sócio-históricos precisos, como uma tentativa de normatizar as práticas sexuais de acordo com os padrões de cada época, pois o controle da vida social e política só poderia ser atingido pelo controle do corpo e do sexo. Gregersen (1983) evidencia que o sexo nunca permaneceu como um ato meramente físico, visto que se transformou, dentro das sociedades humanas, em “referência” para normatizar a moralidade e organizar os povos.

Hipócrates (460-370 a.C.) defendia a participação das mulheres na geração dos embriões, acreditando que as secreções da mulher equivaliam ao masculino (doutrina das duas sementes), teoria esta defendida por Galeno no século II da Era cristã. Aristóteles (384-322 a.C.), considerado pai da sexologia ocidental, no entanto, negava a participação das mulheres e comungava com as ideias da igreja em relação às atividades sexuais, fomentando os padrões da sociedade patriarcal (Gregersen, 1983; Neves, 2020).

Os primeiros cristãos buscavam reprimir os impulsos biológicos naturais. As tentações sexuais eram consideradas demoníacas. “Freiras e outras mulheres cristãs muitas vezes protestavam raivosamente, dizendo que o íncubo (um anjo caído) as visitara e as obrigara a cometer atos indecentes” (Lins, 2012, p. 119). No tocante às pessoas idosas, os primeiros registros oficiais datam do século I d.C., em papiros egípcios. Elas eram lembradas a respeito de tudo o que conheceram ao longo da vida. Não obstante, ao chegarem aos 60 anos de idade, passavam a ser privadas das vontades habituais, assim como dos desejos sexuais (Neves, 2020; Oliveira, 2019).

Neste ínterim, a igreja dos séculos III ao V fortalece e consolida sua influência social e ascensão sobre os fiéis, passando a vigiar as atividades sexuais e instituindo o sexo dentro do ideal cristão, ou seja, apenas para fins procriativos. A figura do velho (da velhice), desde o século IV, servia como exemplo de conduta para moralizar e controlar os impulsos inatos (Neves, 2020). O casamento foi aprovado, porém foram criadas as regras para a atividade sexual

considerada, na época, um subproduto da união. No século III, Clemente de Alexandria escreveu “O Instrutor”, livro no qual estavam as normas de conduta para as pessoas casadas ou não, como: as horas do dia deviam ser dedicadas à oração e à leitura de livros religiosos. “O casal só podia se deitar juntos após a ceia. Essa permissão não era uma licença para o ato sexual, pois ele continuaria sem pecado se a volúpia fosse eliminada e o controle, mantido” (Lins, 2012, p. 124).

No século IV, a participação eclesiástica avançou na política e nas questões civis, fato este legitimado pelo imperador Constantino (307-336), “que tornou os vereditos episcopais em matérias legais irrevogáveis e perpétuas” (Silva, 2015, p. 243). Na Espanha, realizou-se o Concílio de Elvira (302 a 324), que tratava dos cânones da vida cristã, determinando as normas relativas ao celibato dos sacerdotes, ao casamento, ao batismo, à idolatria, à excomunhão, às heresias, entre outras. A proibição dos casamentos com pessoas não fiéis à igreja e com hereges tinha raízes no Direito Apostólico, que influía decisivamente sobre a conduta, reforçando a observância de matrimônio apenas entre cristãos. Os casos de infidelidade, se fossem do esposo eram deferidos. Caso partisse das esposas, era exigido que o marido se separasse dela (Lins, 2012; Lombardía, 1954).

Ainda neste século, nos escritos de São João Crisóstomo (349 – 407 d. C.), Arcebispo de Constantinopla, e nos de Santo Agostinho (354 – 430 d. C.), ambos ‘Doutores da Igreja’, a figura do homem idoso (corpo) era associada ao pecado (comparando o mal e o pecado à velhice, pela pele enrugada e pela decrepitude física), enquanto o corpo jovem representava o belo. Os velhos deveriam ocultar os sentimentos; não tinham direito à diversão e o sexo era algo vergonhoso. Alguns homens se divorciavam de suas esposas, quando percebiam o aparecimento das rugas, alegando que a perda da beleza interferia na convivência do casal e na atração (Oliveira, 2019).

O século V assistiu à queda do Império do Ocidente (476 d.C.) e ao nascimento da Idade Média, período que durou até o século XV (1453 d.C.), com a queda de Constantinopla. Nesse intervalo histórico, ocorreram muitas mortes, destruições e ocupações territoriais. Contudo, a igreja conseguiu se manter protegida e influenciar as decisões políticas, chegando a formular os conjuntos normativos de conduta, deste século (V) e dos séculos subsequentes (VI e VII) (Silva, 2015).

Mesmo sendo um período de protagonismo e de dominação masculina, historiadores medievalistas, como Régine Pernoud (1909-1998), referem que algumas mulheres, excepcionalmente, tiveram acesso à educação, embora em número muito reduzido e conquistaram posicionamento na sociedade, com direito à propriedade. Entre elas, pode-se citar

Hipátia de Alexandria, que viveu entre os séculos IV a V (351/370-415 d.C.), considerada a primeira mulher ‘matemática na história’, seguindo os passos de seu pai, além de lecionar filosofia e astronomia. Outra figura ilustre foi Hilda de Whitby (614 a 680 d.C.), abadessa de vários mosteiros na Inglaterra, fundadora da Abadia de Whitby, que depois da morte foi considerada santa. Também não era incomum algumas mulheres assumirem a chefia da família, quando se tornavam viúvas (Pernoud, 1977; Silva, 2015).

Vale salientar que as mulheres não eram vistas como cidadãs, eram necessárias à procriação (Gregersen, 1983). Cabia ao homem exercer domínio sobre elas, a quem concernia a submissão e a total subordinação à vontade dos homens (pais, tutores, irmãos mais velhos e eclesiásticos), ou seja, o papel de reprodutora e de cuidadora, além de ‘moeda de troca’ nas negociações dos casamentos, entre as famílias (Cardoso, 2010). Aqueles séculos se caracterizaram pela barbárie, violência endêmica e colapso econômico, porém a igreja tentou estruturar a ordem por meio das medidas canônicas aceitas pelos reis da época. Assim, o desejo sexual foi rebaixado à luxúria e, para os cristãos, desde o início da Idade Média, o amor foi dissociado do sexo, passando a ser um sentimento divino dirigido unicamente a Deus, nunca se aplicando ao casamento (Lins, 2012; Silva, 2015).

Durante os séculos VII e VIII, a igreja regulou as atividades sexuais dentro do casamento, proibindo-as nos dias de festividades religiosas, nos domingos, durante a gravidez, no período menstrual e em quarenta dias após o parto (dias em que a mulher era considerada impura). Além disso, determinava também a posição: no coito, o homem deveria ficar em cima da mulher. As desobediências eram punidas e, nos casos mais graves, os infratores podiam ser condenados a passar sete anos sem se tocar (Cardoso, 2010; Gregersen, 1983).

Até o século IX, as uniões eram reconhecidas por meio da comunidade presente no ato laico e privado, sendo que a igreja não participava, nem dos festejos, nem da celebração. Na verdade, era a formação de uma aliança política que acontecia na casa do noivo, após a negociação, durante a transmissão da herança e dos títulos. O momento mais importante acontecia no quarto nupcial, quando, na frente de todos, os noivos se deitavam e recebiam a bênção do pai do noivo. Em seguida, consumavam o ato, enquanto os convidados retornavam para a festa (Araújo, 2002; Dantas, 2010; Neves, 2020).

Malgrado as autoridades religiosas não conduzissem as uniões conjugais, eram responsáveis pela moral cristã. Seus representantes tinham o privilégio da instrução nos mosteiros e difundiam uma visão intolerante em relação à vida em sociedade. O celibato significava um símbolo de moralidade, em um nível superior ao casamento e à castidade, um estado de graça. O sexo deveria acontecer apenas dentro do casamento, praticado para a

procriação, com critério e limitado ao máximo. No século X, pregou-se nas cidades a submissão incondicional ao Papa e, no século XI, a igreja decretou a castidade absoluta do clero. Impôs normas e limites, definiu proibições e transformou todos em pecadores, cobrindo o ato sexual de culpa, sendo a igreja o único agente das punições (Seixas, 1998).

Entre os séculos XII e XIII, a igreja começou a interferir nas celebrações das uniões, gradativamente, passando a estimular os cristãos a seguirem o modelo matrimonial indissolúvel e monogâmico, convertendo a cerimônia pública em religiosa. Assim, passou a sacramentar o casamento, obtendo o legítimo controle sobre a vida dos cônjuges e reafirmando o poder político da igreja. Tolerava-se o desejo empregado para a propagação da espécie, vigiava-se o prazer e repudiavam-se as extravagâncias (Dantas, 2010; Neves, 2020).

As mulheres solteiras costumavam ser enviadas para os conventos, quando não se prostituíam. Não ter marido significava não ter valor algum. Essa mentalidade perdurou por muitas décadas, fazendo das mulheres “solteironas” pessoas reclusas ou malfaladas, incapazes de se sustentar sozinhas, portadoras do peso de transgredir a “lei da natureza”, em relação à maternidade. Além disso, representavam uma ameaça constante aos casais (Lins, 2012).

As mulheres idosas eram vistas como hipersexuadas, sobretudo as viúvas eram tidas como “uma potencial ameaça”, uma vez que seus maridos despertaram seus apetites sexuais. Todavia, esta projeção conflitava com o ensinamento da Igreja, visto que, dentro do casamento, o sexo tinha o propósito procriativo. A atividade sexual pós-menopausa era considerada ilícita e inapropriada. As mulheres sem marido estariam vulneráveis ao Diabo. A mudança da aparência na velhice fazia com que fossem repudiadas e, caso fossem consideradas “feias”, eram vistas como malignas ou feiticeiras, particularmente se fossem possuidoras de uma sabedoria oral e conhecessem os segredos relacionados à cura (Lins, 2012; Neves 2020).

Estas ideias caracterizaram o declínio da Idade Média, entre os séculos XIV e XV, período em que se inicia a “caça às bruxas”. Seu crescente foi entre os séculos XV e XVI (1480 a 1520), quando houve uma pausa, retornando com força no final do século XVI (1580) até o XVII (1670). Portanto, enquanto o mundo entrava na Renascença, acontecia a mais delirante perseguição às mulheres (Lins, 2012).

Homens e mulheres dos séculos XVI ou XVII têm dificuldade em conceber sua identidade entre as regras sociais e suas realidades concretas. As mulheres eram vítimas de maus-tratos e de violência por parte dos homens, consideradas como sem valor, humilhadas e expostas a uma prática masculina específica: o duplo padrão sexual. No entanto, pregava-se que a salvação de sua alma cobrava tal preço (Cardoso, 2010; Lins, 2012).

Durante os séculos XV, XVI e XVII, proliferam os manuais confessionais que

ressaltavam a importância de controlar os pensamentos e os desejos. Os pecadores eram advertidos e o pecado não se restringia ao ato, ampliando as zonas de perigo aos sonhos, aos pensamentos, à imaginação e às recordações. Não obstante, “o rigor que marcara a Idade Média, embora não desaparecesse, figurou como mais flexível, associando-se às noções de pecado pessoal, de contrição e de perdão”. Logo, no final do século XV, a relação com o passado começou a definhir, fazendo emergir lentamente a família nuclear limitada ao casal e sua prole (Cardoso, 2010, p. 6; Dantas, 2010).

Com o surgimento de novas religiões nos primórdios do século XVII, as ordenações sociais, ainda vacilantes e condescendentes, permitiam livres expressões dos pensamentos. Com o desenvolvimento do capitalismo e a Idade da Repressão, o prazer sexual ficou limitado às questões reprodutivas. O sexo era proibido, refreado e qualquer insinuação constituía uma atmosfera transgressora deliberada, que infringia o controle do poder por confrontar a lei, pressagiando uma liberdade futura (Foucault, 1988).

O século XVIII foi marcado por grandes mudanças sociais iniciadas pelo surgimento do Iluminismo em 1715, até 1789, quando irrompe a Revolução Francesa. Já na segunda metade desse século, a Revolução Industrial anuncia a transição do feudalismo para o capitalismo, período no qual a juventude representava a produtividade, pela sua força braçal e a decrepitude à figura do idoso (apesar dos sacerdotes, dos reis e dos patriarcas, nobres e abastados serem associados à sabedoria). O clérigo inglês da igreja anglicana Thomas Robert Malthus (1766-1834), contrariando as concepções da época, publicou em 1798 “*An Essay on the Principle of Population*”, preocupado com o crescimento populacional do período. Sua premissa tinha por base uma visão ‘pessimista’ e desigual entre o aumento demográfico ilimitado e a produção limitada de alimentos. (Araújo, 2002; Lins, 2012).

Com isso, buscou na ética e no desejo de ascensão social, fundamentados na ideologia burguesa, avaliar os custos e benefícios do casamento, formulando o que se chamou de “Teoria Malthusiana”. Nela, sugeria o controle da natalidade e o adiamento das uniões, em uma espécie de “modelo” no qual centralizava seus objetivos nos aspectos econômicos e psicológicos. O amor romântico passou a justificar a ausência de filhos, advertindo acerca do desequilíbrio entre crescimento econômico e demográfico. Desta maneira, surgiu o revolucionário modelo malthusiano de união conjugal na Inglaterra (séculos XVIII e XIX) na fase de ascensão do capitalismo (Araújo, 2002; Neves, 2020).

Ainda no século XVIII, iniciaram-se os discursos sobre a histeria, o surgimento dos manicômios e clínicas, com longos confinamentos, fomentados pelo cientificismo da Salpêtrière na França. Em 1786, o médico francês D. T. Bienville (1726-1813), cujo nome

verdadeiro era Jean Baptiste Louis de Thesacq, publicou em Veneza a obra “A Ninfomania”, na qual constavam informações sobre formas de combater o mal no corpo das mulheres, o chamado “furor uterino”. A obra trazia uma mescla de tratado médico, prescrição de remédios caseiros e literatura erótica. Em linhas gerais, para Bienville, a mulher sofria de histeria, ninfomania ou furor uterino, por estar sedenta por relações sexuais. Caso ficasse privada por algum motivo, passava a ser agressiva, o que ocorria também quando um homem se recusava a satisfazer os seus desejos (Schmitz, 2021).

O interesse e os estudos sobre a temática sexual despontaram com maior efervescência na Era Vitoriana, entre o século XIX e o início do século XX (junho de 1837 a janeiro de 1901), período do romantismo, em que o ideal era a virtude e a união entre o amor carnal e o sublime. Com o surgimento do termo “sexualidade”, em 1838, desponta o desenvolvimento do saber sexual e das manifestações verbais e escritas. Naquele período, as reformas sociais e os diversos estudos sobre esse assunto geraram edições de muitos compêndios acerca do comportamento sexual. Exacerbou-se o saber biológico reprodutivo, desenvolvendo-se uma medicina voltada para o sexo por meio de regras diversas (Freire & Sousa, 2017; Gregersen, 1983; Lins, 2012; Neves, 2020).

Foucault (1988) refere a prevalência de duas grandes rupturas:

Uma no decorrer do século XVII: nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivas obrigatórias do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem; a outra, no século XX, com menos ruptura, aliás, do que inflexão da curva: é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar. Passar-se-ia das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extramatrimoniais; a desqualificação dos perversos teria sido atenuada e sua condenação pela lei, eliminada em parte; ter-se-iam eliminado, em grande parte, os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças (p. 109).

No final do século XIX, progrediram no Ocidente os debates sobre prostituição, divulgação de pornografias e uso de preservativos, fazendo da sexualidade uma questão social. Nesse contexto, destacaram-se pesquisadores importantes como: Richard von Krafft-Ebing (1840-1902), psiquiatra alemão que introduziu os conceitos de sadismo masoquismo e fetichismo, com sua obra *Psychopathia Sexualis*, em 1886; Henry Havelock Ellis (1859-1939), médico, psicólogo e escritor britânico, que conduziu um importante estudo transcultural sobre

sexologia social; Abert Moll (1862-1939), médico alemão, que desvinculou sexo de procriação em sua obra *Untersuchungen über die Libido sexualis*, em 1897 (Hekma, 1995).

Ellis e Moll são considerados fundadores da sexologia. Para Ellis, o essencial foi mostrar que as pessoas são sexualmente diferentes e que as culturas, a depender da época, tiram proveito dessas diferenças. Defendia que “o sexo é claramente um imperativo fisiológico, mas a sociedade pode dominar sua expressão de maneiras incrivelmente poderosas”. Já Moll, com seus estudos sobre a sexualidade da procriação e as perversões sexuais, influenciou Freud (1856-1939) que, na mesma época, estruturava a teoria da sexualidade em outra perspectiva. Moll, em seu discurso, fez o sexo passar a ter significado e neutralidade científica, sublinhando que as acusações de abuso sexual feitas às crianças precisavam ser revisadas, dizendo existir sexualidade já na infância (Gegersen, 1983, p. 35; Hekma, 1995).

O século XIX ostentou grande progresso dos círculos científicos, principalmente na França, quando se passou a analisar o fenômeno da histeria sob uma ótica mais científica. O precursor desses estudos foi Jean-Martin Charcot (1825-1893), médico francês que se notabilizou na psiquiatria, descobrindo na hipnose um método para diagnosticar e tratar a histeria. Sua parceria com Josef Breuer (1842-1925), entre 1885 e 1886, contribuiu e influenciou, sobremaneira, Sigmund Freud (aluno de Charcot) que, por meio da análise psicológica, ajudou a penetrar mais profundamente na histeria, trazendo à tona a sexualidade em uma perspectiva nunca abordada até então. Em 1900, Freud trouxe a análise do inconsciente, a interpretação dos sonhos e, em 1905, apresentou a “Teoria da Sexualidade”, quando o sexo foi posto em evidência e discussão (Schmitz, 2021).

Toda essa movimentação em torno do comportamento sexual e os estudos sobre a sexualidade humana tipificam a evolução da corporalidade, no século XIX, fazendo-a passar de “objeto de modelação, para um corpo que importa exercitar... a caminho de uma plenitude corporal dominada pelo bem-estar, pela fruição dos prazeres, numa palavra, pela liberdade” (Cardoso, 2010, p. 9). No que toca à velhice, esse processo imperativo em todos os momentos históricos foi marcado pelos ajustes dos indivíduos, quanto ao modo de lograr dos benefícios morais de uma velhice pós-sexual. No século XIX, postulava-se “que um estilo de vida prudente deveria procurar retardar o declínio, mas aceitá-lo era parte do exercício moral de ajustamento aos efeitos do processo de envelhecimento” (Debert & Brigeiro, 2012, p. 38).

Esse “novo corpo”, recém-chegado ao século XX, se consolida e se reabilita ao ponto: da própria identidade pessoal; dos padrões de valorização estético (dietas, exercícios, cremes, tecnologias de rejuvenescimento); da relação com o vestuário (as cintas e os espartilhos cedem lugar às calcinhas e soutiens), entre outros. Nessa proposta, a sexualidade passa a exhibir as

liberalizações do corpo, os casais se organizam em torno da harmonia sexual, valorizando a sedução, o erotismo e o prazer (Cardoso, 2010).

Ainda que as gerações mais novas abrissem espaços para expressões mais ousadas de sua sexualidade, os reflexos desse percurso histórico, que tentou a todo o custo refrear o desejo e inibir a atividade sexual, deixaram marcas indeléveis na vida de homens e de mulheres. Os vestígios, mais fortemente observados ao longo do século XX, estenderam-se – e ainda se estendem – na vida das mulheres, a ponto de “muitas serem incapazes de se expressar sexualmente, muito menos de atingir o orgasmo” (Lins, 2012, p. 25).

Na década de 1950, a mulher ainda tinha sua atividade sexual controlada. O casamento era o principal objetivo de vida para a maioria delas, bem como sua reputação se respaldava na capacidade de resistir aos apelos sexuais dos rapazes, antes do casamento. Os homens, por sua vez, também sentiram essa repressão, tendo como principal preocupação não perder a ereção, garantir a ejaculação e a procriação, afirmando o lugar do ‘masculino’ na relação, enquanto a mulher se adaptava, pouco usufruindo do prazer (Lins, 2012; Neves, 2020).

A relação sexual era uma relação social de dominação, construída pelo princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo. Este princípio cria, organiza, dirige e expressa o desejo. A força da ordem masculina ainda se evidenciava na história e dispensava justificção. A ordem social se apresentava na divisão do trabalho, nas atribuições de atividades para cada sexo, seu local, seu momento, seus instrumentos, em uma visão perpetuada no contexto sócio-histórico que, na segunda metade do século XX, começava a desmoronar (Bourdier, 2012).

Na década de 1960, a primeira pílula anticoncepcional chegou ao mercado, desagregando a atividade sexual dos fins procriativos, o que tornou os vinte anos subsequentes o período no qual o sexo foi enaltecido e praticado, como em nenhum outro antes (Lins, 2012). Já no final do século XX, “de um corpo enclausurado em teias de poder(es), que levou séculos para se reabilitar, chegamos a um corpo liberado, ávido de conquistar novas fronteiras”. E esse fato se mantém e se afoita, enquanto a humanidade se embrenha e se apodera do século XXI. (Cardoso, 2010, p. 10).

Assim, confirmado e respaldado pelas palavras de Foucault (1988, p. 27):

“Falar sobre sexo é uma necessidade, bem como falar publicamente, mesmo que não seja de maneira ordenada em função da demarcação entre o “correto” ou lícito e o “incorreto” ou ilícito, ficando o orador com o direito de preservar para si a distinção. Precisa-se falar sobre sexo e do sexo como algo que não se deve condenar ou tolerar,

mas “gerir, inserir em sistemas de unidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga, apenas administra-se”.

A evolução social, especialmente, no que se refere a gênero foi demarcada pelos questionamentos das massas que se sentiram oprimidas, esquecidas ou negligenciadas. A forma como a mulher foi tratada no percurso histórico da humanidade delineou sequências desiguais de violência, a ela dirigida pela igreja, pelo estado e pelos seus companheiros (em todas as suas nuances: física, psicológica, sexual, social, moral e humana, fundamentando e perpetuando uma violência, ainda presenciada e vivenciada por muitas mulheres, em todas as idades nos dias de hoje (Albuquerque et al., 2021).

Em relação à dominação masculina, o grito das mulheres começou a ecoar novas versões sociais para o gênero, com os primeiros movimentos feministas no Brasil, já no final do século XIX. As manifestações pela emancipação buscavam um lugar para a mulher na sociedade, porém confrontava com outro já definido, que era no lar e na família reforçado pela maternidade. A afirmação desta supremacia, muitas vezes de maneira cruel, chegava a ser considerada um comportamento “normal” (Cavalcante et al., 2022).

O Brasil, considerado atualmente, o quinto país em violência doméstica contra a mulher, incluindo casos de feminicídio, até pouco tempo tinha uma situação mais alarmante e essa violação de direito humano só começou a ser pauta de discussões jurídicas, evidenciando a desigualdade e a morbimortalidade para as mulheres, no ano de 2006, quando foi sancionada a *Lei nº11.340* (2006), conhecida popularmente como Lei Maria da Penha (Gedrat et al., 2020; Gianvecchio & Gonçalves, 2024; Stefanini et al., 2021).

Para além das questões citadas acima, no que se refere às pessoas idosas, no final do século XX e início do XXI, novos conhecimentos e descobertas da ciência propiciaram novas reflexões, iniciativas e oportunidades sociais, que se apresentaram para resgatar a sexualidade dos idosos/idosas, e o espaço antes negado às mulheres (Debert & Brigeiro, 2012; Neves, 2020).

A despeito desta breve narrativa acerca da sexualidade humana, pode-se concluir que, de forma legítima, em alguns contextos culturais, as raízes e preconceitos, ligados a depreciações, assexualidade e negação de direitos, relacionados tanto com a velhice quanto com a figura feminina, ainda se arrastam nos dias atuais (Fonseca et al., 2021; Oliveira, 2019).

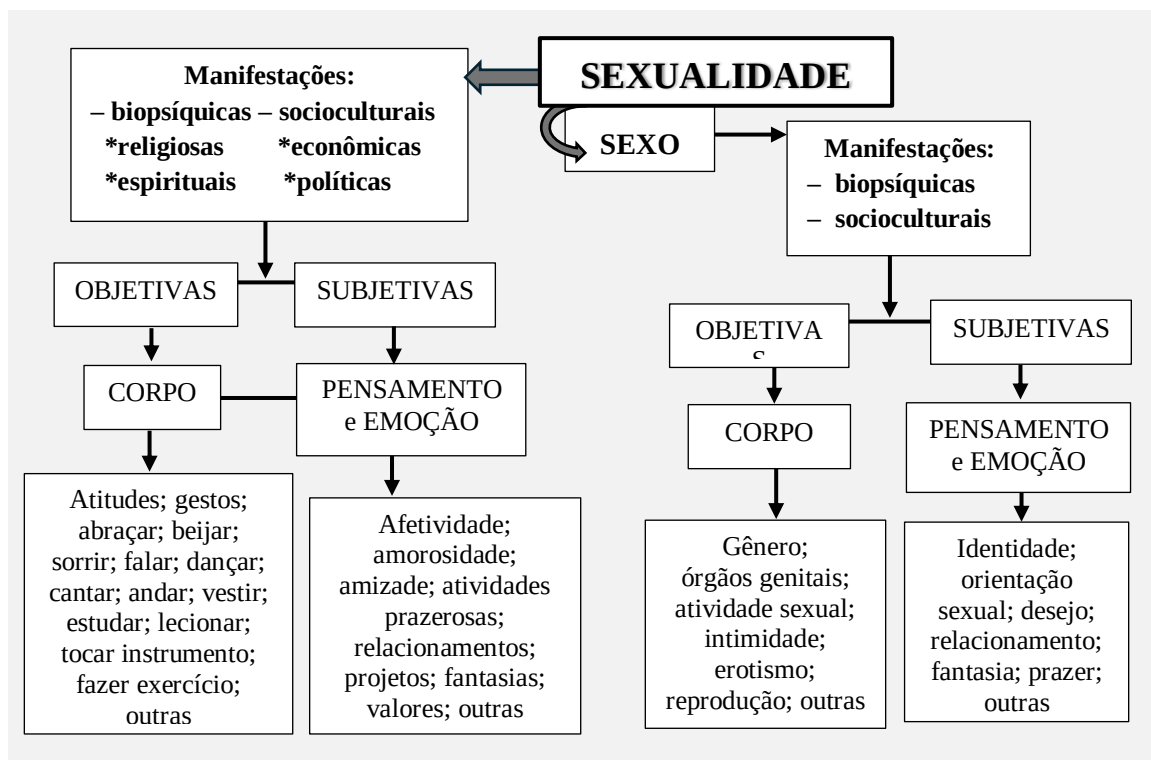
Vale lembrar que o século XXI promete muitas mudanças em todos os setores da sociedade. A tecnologia e a comunicação midiática crescem exponencialmente, não se podendo prever seu limite. A população dos idosos-jovens (60 a 74 anos), mais hígidos, dos idosos-

idosos (75-84 anos), e a dos idosos mais velhos (a partir de 85 anos), considerada mais vulnerável serão beneficiadas, tanto pelos serviços a elas oferecidos como pelas tecnologias de informação e comunicação (Papalia & Martorell, 2022).

No que compete à sexualidade, mesmo aqueles que apresentam limitações, ao se darem conta dos benefícios em sua qualidade de vida, irão começar a usufruir de sua sexualidade (se assim o desejarem), seja por meio de uma medicação, seja pelo implante de uma prótese, seja pelo uso de órtese. Idosos, mesmo acamados ou em idade avançada, podem sentir desejo de proximidade, de carinho de seus afetos.

Atualmente, a percepção da sexualidade vem se ampliando e sedimentou o que, dentro dessa pulsão de vida, constitui as manifestações objetivas e subjetivas dessa dimensão, sendo o prazer sexual o seu complemento real e direto. Na figura 1, esta pesquisadora tentou desenhar sua percepção acerca da sexualidade, fruto das leituras feitas até o momento.

Figura 1 – Esquema representativo da sexualidade humana



Fonte: a pesquisadora

1.2 Reflexões sobre a sexualidade de pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas

“O sujeito que habita cada um não envelhece ‘é atemporal’, contudo, externamente desmentido pelo espelho”
(Simone de Beauvoir, 2018).

No percurso da vida humana, todas as pessoas passam, obrigatoriamente, por vários estágios de desenvolvimento e amadurecimento biopsíquicos inerentes ao *“homo sapiens”*. Entretanto, as mudanças sociais que acompanham esse processo caracterizam estados civis e circunstâncias sociais definidas por normas ditadas pelo meio onde vivem. Na perspectiva da coorte em foco, a literatura apresenta a sexualidade em diversos estudos relacionados às situações de viuvez e de separação, escasseando o olhar sobre as vivências das pessoas idosas solteiras.

Nos textos pesquisados para este recorte, observou-se que as mulheres, estando no momento com 60 anos ou mais, cresceram sob concepções morais de comportamento mais rígidas e aprenderam, prioritariamente, a valorizar e desfrutar da companhia dos seus cônjuges, caso seus relacionamentos tenham sido proveitosos. Quando não, havia uma tendência à manutenção e/ou acomodação das aparências, muitas vezes pelo bem da instituição familiar, o que, na maioria das vezes, era rompido pela viuvez.

A mudança social mais significativa para que homens e mulheres pudessem investir em novas uniões conjugais caso desejassem, ou para que pudessem sentir que eram legalmente livres, ocorreu a partir da década de 1970, quando se iniciou uma nova fase jurídica social, no que se refere à regularização do divórcio, com o novo código de lei civil (Lei nº 6.515 de 26/12/1977) apesar de já existirem formas legais de separação de corpos (Carneiro, 1977).

Em relação à viuvez, Brás (2022, p. 60) profere que ainda existe um vazio no “conhecimento produzido sobre mulheres idosas viúvas”, no que se refere à análise do impacto psicológico e gerontológico da perda do cônjuge e aos aspectos sociológicos relacionados à família. A viuvez para a mulher é uma experiência singular, organizada por fatores sociais e históricos que atuam de forma subjetiva e pertinente quanto à vivência da conjugalidade, além das possíveis alterações físicas, cognitivas, relacionais e econômicas resultantes do contexto.

As mudanças sociais são fomentadas a partir de atualizações comportamentais das gerações mais novas, facilitadas pelas reflexões e questionamentos consolidados pela educação,

que estimulam o indivíduo ao aprendizado em diferentes campos, de múltiplas maneiras. Com efeito, o desenvolvimento e a transformação se propõem por meio do conhecimento do sujeito físico, social, intelectual e moral. Tal processo tem início na família, estendendo-se às instituições sociais (igreja, escola, comunidade e outros espaços públicos) que constroem os saberes (Santos & Trindade, 2021).

O processo de envelhecimento e de velhice, período marcado por rompimentos e suas inerentes perdas, também é considerado uma etapa de crescimento e de novas oportunidades, proporcionadas por novos *status* sociais. Dados estatísticos referem que a viuvez é mais propensa às mulheres e ocorre em paralelo com diversas alterações fisiológicas e psicossociais, que podem repercutir na autoestima. O que se preconiza é a manutenção do bem-estar e da qualidade de vida, que depende de fatores sociais, cognitivos e socioeconômicos relacionados ao ambiente em que se vive (Oliveira et al., 2023).

O despertar para novos interesses e para outros envolvimento amorosos na velhice tende a buscar satisfação pessoal e reflete as histórias vividas, compondo os eventos normativos (biopsicossociais, culturais, históricos, econômicos, familiares, educacionais, ambientais) e não normativos (doenças crônicas, surtos epidêmicos, guerras, viuvez, separações) ao longo da vida (Neri, 2014; Neves, 2020). A atividade sexual promove bem-estar e é importante para a saúde física, emocional, cognitiva, funcionando como preditor de envelhecimento ativo. Algumas mulheres, após a viuvez, perdem a privacidade e encerram sua vida sexual, o que revela os preconceitos de familiares desinformados sobre os benefícios da atividade sexual para a continuação de uma vida saudável (Fleury & Abdo, 2022).

Casais que se mantêm juntos até a velhice descrevem seus casamentos como satisfatórios e sem problemas de ajustamento. Contudo, com o passar do tempo, a morte chega para um dos cônjuges. A viuvez é um fato nos casamentos de longa duração e as mulheres tendem a sobreviver aos maridos, estando menos propensas a novas uniões matrimoniais. Essa perda não é só do parceiro, repercute também na saúde biopsicossocial, apresentando correlação com diversos aspectos ambientais e comportamentais (Miranda, 2021; Stedile et al., 2017).

A referida mudança pode se estender à diminuição de renda, à carência afetiva, à quebra de rotinas, às dificuldades no processo de luto, às posteriores necessidades de companhia e de satisfação do prazer, à perda de *status*, de identidade, de círculo social... Apesar de existir risco tanto para o homem quanto para a mulher, os homens parecem ser mais afetados quando ficam viúvos. Em muitos casos, esse evento cria um ambiente propício para o desenvolvimento de depressão e consumo de álcool (Berger, 2011; Brás, 2022; Miranda, 2021; Papalia & Martorell, 2022; Stedile et al., 2017).

O processo de luto, para a maioria das pessoas, dura um período que tende a ser inferior a dois anos para que seja possível superar e reorganizar a vida. As pessoas idosas que não encontram apoio, nem desenvolvem estratégias eficazes para superar a angústia e a solidão, após a viuvez, podem ter comprometida a saúde física e mental, apresentando mais vulnerabilidade para o adoecimento e a morte, o que se reflete também na sexualidade (Oliveira et al., 2023).

O luto é uma resposta à viuvez (rompimento do vínculo afetivo). Quanto maior e melhor tiver sido a conexão entre o casal, mais dolorosa poderá ser a ausência do ente amado. Por outro lado, a privação do amor e/ou companheirismo do cônjuge tende a favorecer aos indivíduos viúvos experimentar uma reinvenção de suas vidas e as boas lembranças podem ajudar na reestruturação (Turassa et al., 2021).

Outro aspecto importante relacionado à viuvez é a possibilidade de provocar um trauma e afastar a pessoa idosa do convívio social, como também da busca por relacionamentos afetivos, mesmo de amizades. As mulheres que tiveram uma relação conjugal feliz parecem ser mais reticentes em relação às novas aproximações íntimas após a viuvez. Quando existem barreiras religiosas ou familiares, dobram-se “ao ideal convencional que lhes é proposto” (Beauvoir, 2018, p. 335). As mulheres viúvas têm menos chances de institucionalização que os homens, bem como o risco de mortalidade para os homens após a morte do cônjuge é de 27%, enquanto para as mulheres é de 15%, visto que procuram com o tempo o afastamento de zonas urbanas (Papalia & Martorell, 2022).

As estratégias para enfrentar a viuvez envolvem modificações no estilo de vida: mudar para uma residência menor, morar com um dos filhos, desistir de algumas atividades antes desenvolvidas ou reassumi-las. Outro aspecto importante para a grande parte das pessoas, quando passam a ser viúvas, é controlar setores da vida que eram de responsabilidade do cônjuge, como a administração financeira, doméstica e dos bens. A família e os filhos são os pontos de apoio mais importantes neste momento, assim como a busca de suporte na espiritualidade e em redes de apoio social (Miranda, 2021; Stedile et al., 2017).

Outro grupo específico faz referência às mulheres idosas separadas ou divorciadas na idade avançada, período no qual as repercussões podem ser maiores e/ou mais sérias que na viuvez, desorganizando e mudando os hábitos de vida dos envolvidos, além das questões ligadas à autoestima (Berger, 2011). Papalia e Martorell (2022) validam e complementam a autora citada acima, dizendo que nessa fase da vida as separações tendem a ser menos frequentes, mas os índices têm aumentado. Apresentam alguns estudos, mostrando que o número de separações quase dobrou entre as pessoas com 50 anos ou mais na década de 1990,

e quase triplicou para o grupo com 65 anos ou mais. Em 2013, nos Estados Unidos, o índice chegou a 67%. Nesse último grupo, 50% casaram-se novamente, especialmente os homens.

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM, 2022) apontou que o número de divórcios aumentou entre casais na faixa dos 40 anos, batendo recordes em 2021 por inúmeras causas. Berger (2011) refere que, nos processos de separação ou de divórcio, emergem sentimentos devastadores para homens, mulheres e crianças em aspectos como: autoestima, saúde, estabilidade financeira, realizações e interações sociais. Quanto mais tempo compartilhado pelo casal, melhor a intimidade, confiança e compromissos em comum (amigos, filhos, bens). Por isso mesmo, o rompimento provoca maior sofrimento

Os problemas que levam à separação se arrastam por um período até o casal ou um dos cônjuges tomar a decisão. Antes, porém, os parceiros infelizes se concentram no que falta no relacionamento. Quando se separam, perdem benefícios que nunca haviam percebido e as oscilações emocionais se apresentam entre ex-parceiros, sejam estes hostis ou amistosos. Outro problema comum no ajustamento, principalmente na retomada da vida após uma separação, é o círculo social dos ex-cônjuges. Com o aumento da expectativa de vida, aumenta o risco de divórcio, pois as pessoas que não estão satisfeitas com um(a) parceiro(a) têm mais tempo para fazer sua escolha (Berger, 2011; Papalia & Martorell, 2022).

Todavia, nem todos desejam ou chegam a viver uma vida a dois, preferindo ficar solteiros(as). Tanto é que “a definição de pessoa solteira ser aquela que não se casou” é imprecisa (Rola, 2020, p. 5). As razões para essa escolha são variáveis e transversais aos diversos contextos culturais. “Na maioria dos países, 5% ou menos dos homens e 10% ou menos das mulheres idosas nunca se casaram”, e não se sentem solitários(a) (Papalia & Martorell 2022, p. 549).

De acordo com Rola (2020), a definição legal do termo “solteiro” está associada à situação legal do estado civil. O fato de o grupo de solteiros não ser homogêneo e não estar ligado à instituição do casamento torna confusa a tentativa de definições. Socialmente, o fato de ter um relacionamento pode excluir a pessoa deste grupo, incluindo-a em outro. Uma dupla amorosa confere um *status* ao seu tipo de relação e, por estar em uma “relação estável” ou em uma “relação séria”, já não faz jus ao termo, mesmo os membros do par sejam legalmente solteiros.

Os indivíduos solteiros podem namorar, noivar, coabitar. Podem ser jovens, velhos, viúvos, divorciados, separados de fato ou não, podem ter um parceiro romântico ou estarem unidos por outro tipo de união relacional. A heterogeneidade é rica e os termos criativos para distinguir grupos e subgrupos são diversos no meio social e legal como, por exemplo: “never-

married singles”, indivíduos que nunca se casaram e, também, não têm parcerias amorosas; *“weekend marriages”*, casais que não coabitam e ficam juntos nos finais de semana. Há também relacionamentos a distância; relacionamentos longos e comprometidos com indivíduos legalmente casados; relacionamentos esporádicos e curtos; relacionamentos não monogâmicos, nos quais o casal tem independência social e sexual (Rola, 2020, p. 6).

De acordo com Papalia e Martorell (2022), os relacionamentos a distância vêm aumentando nos últimos anos. São relacionamentos íntimos, monogâmicos, entre pessoas legalmente solteiras, que se mantêm em lares separados, e estão em maior evidência no caso das pessoas idosas, na perspectiva de preservar a autonomia, o controle financeiro, especialmente para as mulheres que evitam assumir o papel de cuidadora. As pessoas neste tipo de relacionamento informam ter altos níveis de apoio, felicidade, baixos níveis de estresse e tensão.

Segundo as citadas autoras, ao contrapor as pessoas idosas viúvas e separadas com as solteiras, estas tendem a se sentir menos solitárias, apesar de viverem sós, pois recebem **menos** apoio social e vivem sem situações estressoras crônicas e emocionais relacionadas com uma parceria íntima. Cerca de 14 % das pessoas solteiras entre 57 e 85 anos estão envolvidas em um relacionamento. No que diz respeito às mulheres, estas se beneficiam com o namoro e apresentam níveis de estresse, solidão e depressão semelhantes, quando estão namorando ou não. Outra condição relevante entre pessoas idosas, após uma viuvez ou separação, é a coabitação que apresenta bons níveis de estabilidade, beneficiando mais os homens que as mulheres em relação ao simples “namoro”.

Seja como for, a solteirice “plena” é uma categoria cada vez menor na sociedade atual, diante da formalização e apresentação de tantos matizes de relacionamentos. Muitas são as justificativas “dos solteiros” para não mudar o estado civil: escolha pessoal, não-prioridade do casamento, dificuldade em encontrar parceiros compatíveis, dificuldades em estabelecer relações românticas, medo do compromisso, profissão incompatível com a rotina doméstica e a paternidade/maternidade, entre outras (Rola, 2020).

Assim, a sociedade contemporânea atual passou a oferecer às pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas, com seu repertório de vivências e estados civis por vezes compulsórios, uma gama de possibilidades na maneira de ser e de vivenciar a sexualidade e a atividade sexual.

2 A PERSPECTIVA *LIFE-SPAN* E A

TEORIA DA SELEÇÃO, OTIMIZAÇÃO E COMPENSAÇÃO (Teoria SOC)

2.1 Histórico e fundamentos

Todas as pessoas se deparam, ao longo do seu desenvolvimento, com eventos naturais, dinâmicos, cumulativos e irreversíveis, que culminam no chamado envelhecimento. Nesse processo progressivo, as alterações físicas, psicológicas, sociais e espirituais do indivíduo irão demarcar uma senescência mais ou menos saudável e/ou bem-sucedida. As vulnerabilidades que podem surgir nesse período de vida singular a cada um, muitas vezes, caracterizam-se com quadros de senilidade diante de enfermidades crônico-degenerativas e/ou de perdas da capacidade cognitiva e/ou funcional (Oliveira et al., 2021).

A velhice ocupou espaço como categoria a partir das mudanças sócio-históricas nos últimos 60 anos, tempo em que, mundialmente, observa-se uma maior longevidade e aumento da expectativa de vida da população. Este fato impulsionou as diversas teorias psicológicas do envelhecimento, como transversais e dinâmicas. Algumas delas foram classificadas como ontogenéticas (palavra de origem grega, que significa da origem – fertilização, até a maturidade completa de desenvolvimento), biológicas e/ou psicossociais (Kassulke & Souza, 2022; Tomé & Formiga, 2020). Desde então, o estudo psicológico desse processo se amplia e se apoia em ações multidisciplinares e interdisciplinares, orientadas por microteorias e modelos, até o “da adoção de uma perspectiva de desenvolvimento ao longo de toda a vida” (*life-span*) (Neri, 2022, p. 1224).

Daí em diante, as reflexões sobre a mudança demográfica, o surgimento e o crescimento da gerontologia, como especialidade, impactaram no “envelhecimento de sujeitos e de pesquisadores nos diversos estudos longitudinais clássicos sobre desenvolvimento infantil iniciados nas décadas de 1920 e 1930”, instigando estudos e reconhecendo o ciclo de vida como um dado científico e socialmente importante (Baltes, 1987, p. 612).

Os paradigmas científicos são grandes construções intelectuais que subordinam teorias diversas, estruturando um arcabouço lógico para a sustentação, a construção e a condução de pesquisas (Gómez-Diago, 2022). Os estudos sobre os ciclos da vida começaram de forma empírica no início do século XX e seguiram as ideias de psicólogos como Charlotte Bühler (1893-1974), Erik H. Erikson (1902-1994), Granville Stanley Hall (1844-1924), Hall L. Hollinworth (1880-1956) e Carl G. Jung (1875-1961) (Baltes, 1987).

Os principais aspectos históricos da Psicologia do Desenvolvimento e do

Envelhecimento foram favorecidos por três paradigmas: o mecanicista, o organicista e o dialético. O pensamento mecanicista, de Watson (1878-1958), Tolman (1886-1959), Skinner (1904-1990), entre outros, fundamentou-se na relação ou função estímulo-resposta, na qual o ser humano reage a forças externas, como máquinas. Nesse panorama, a Psicologia Experimental conduziu os pesquisadores a inúmeras interpretações, entre elas, a de que no envelhecimento ocorreria uma diminuição das capacidades e o desenvolvimento cessaria após a adolescência, noção que predominou até a década de 1960 (Neri, 2022).

No que se referia ao paradigma organicista, “o desenvolvimento é uma sucessão de estágios regulados por princípios intrínsecos de mudança, para cuja manifestação os determinantes sociais, históricos e culturais oferecem as condições” (Neri, 2022, p.1225). Tais estágios tiveram como ancestral comum a teoria evolucionista de Darwin (1801-1882), que influenciou a maioria dos cientistas no começo do século XX. Entre os principais autores subjacentes às teorias do desenvolvimento na vida adulta e na velhice, nessa época, encontra-se Erikson (1902-1994), que concebeu o desenvolvimento como um processo que dura toda a vida e que foi considerado o precursor do paradigma *Life-Span*. (Neri, 2014; Neri, 2022).

Erikson, com sua teoria epigenética, passou a noção de algo que se manifesta de dentro para fora. Segundo ele, o indivíduo, desde o nascimento, carrega o potencial para o desenvolvimento, que se expressa no ambiente, dependendo das oportunidades oferecidas em nível sociocultural. Chamou a atenção para o enfrentamento ativo que se modifica qualitativamente ao longo da vida, possibilitando a mudança de vivências e de comportamentos. Além disso, “as influências socioculturais contextualizam a manifestação e a resolução das crises evolutivas, que se desdobram em ciclos particulares ao longo do ciclo vital” (Leite & Silva, 2019; Neri, 2022, pp. 1225).

Sua teoria propôs oito fases de desenvolvimento caracterizadas pelas crises e enfrentamentos ativos apropriados ao cumprimento das tarefas inerentes a cada uma (partiu da noção dos estágios psicosssexuais do desenvolvimento proposto por Freud – 1856-1939). Entretanto, não levou em conta o ego como o centro dos conflitos, entre as necessidades internas e as intimidações ambientais. Para Erikson, na velhice – fase da sabedoria, oitavo e último estágio da vida, a principal conquista é a integridade do self, significando que as pessoas bem-sucedidas têm “um interesse informado e imparcial pela vida em si diante da morte”. Para Erikson, sabedoria representa “aceitar a vida que se viveu sem maiores arrependimentos: sem ficar preso ao que poderia ter sido” (Leite & Silva, 2019; Papalia & Martorell, 2022, p. 499). Suas ideias ainda são tidas “como precursoras do diálogo entre os paradigmas organicista e dialético” (Neri, 2022, pp. 1226).

O desenvolvimento, segundo o paradigma dialético, tem como ideia central a “interação dinâmica, causalidade recíproca, ausência de determinação e preocupação com processos de mudança determinados pela atuação conjunta de processos individuais (ontogenéticos) e históricos (culturais-evolutivos)” (Neri, 2022, p. 1226). Tais entendimentos partiram de teorias como a de Piaget (1896-1980), no que se refere à acomodação da experiência, como geradora de mudança das estruturas mentais e na assimilação em que as estruturas mentais transformam a experiência (Lemos, 1986).

As ideias e os estudos sobre o desenvolvimento humano evoluíram, a partir daí, para o paradigma de curso de vida, vinculando a interação social e a socialização, conceitos da vertente funcionalista e interacionista do Psicólogo William James (1842-1910), nos anos 1890, e do Sociólogo George Herbert Mead (1863-1931), nos anos 1930. A ascendência deste paradigma forneceu base para Havighurst (1900-1990) e Neugarten (1916-2001), entre outros, implantarem um programa acadêmico pioneiro sobre maturidade e velhice na Universidade de Chicago, nos anos de 1940. Neste modelo, indivíduo e ambiente se influenciam mutuamente, coparticipando na trajetória do desenvolvimento. Todavia, não era aceito na teoria do curso de vida que o desenvolvimento fosse organizado por eventos de natureza ontogenética. Neste caso, a sociedade seria a estruturadora do indivíduo, já que prescrevia os comportamentos apropriados a cada faixa etária (Neri, 2022; Tomé & Formiga, 2020).

Um estudo iniciado em 1955 e que se mantém até os dias atuais sobre inteligência (*Seattle Longitudinal Study*), idealizado por K. Warner Schaie (1928-2023), da *University of Washington*, não levou em conta apenas as mudanças do tempo cronológico, mas também mostrou que o desenvolvimento intelectual ocorre como um processo multidimensional, multidirecional, não linear e que as pessoas idosas exibem forte heterogeneidade quanto ao seu funcionamento intelectual. O referido estudo – assim como os estudos de Riegel (1927-1977) e de outros cientistas, entre os anos de 1950 e 1970 – fortaleceu o surgimento da perspectiva de desenvolvimento ao longo de toda a vida (*life-span*), quando rejeitou os estágios, o desenvolvimento como um processo linear e a ideia de envelhecimento como um processo que prevê apenas declínio (Neri, 2014, p. 260; Neri, 2022).

Nesse cenário, o psicólogo alemão Paul B. Baltes (1939 - 2006), tendo por base as pesquisas anteriores, estudou os padrões evolutivos e a plasticidade do desenvolvimento cognitivo, caracterizando o envelhecimento em uma perspectiva *Life-Span*. Desta forma, respeitou os critérios de plasticidade e a capacidade de resiliência, entendendo o “desenvolvimento como um processo contínuo, multidimensional e multidirecional de mudanças orquestradas por influências genético-biológicas e socioculturais, de natureza

normativa e não normativa, marcadas por ganhos e perdas concorrentes”, que conectam as atividades entre o indivíduo e o meio (Fontes & Neri, 2015; Lemos, 1986; Neri, 2006, p. 19; Neri, 2022; Neves. 2020; Tomé & Formiga, 2020).

O próprio Baltes (1987) refere que o modelo de orientação ao longo de toda a vida envolve várias crenças em sua percepção e coordenação, partindo de um conjunto, ou família, de perspectivas que, juntas, especificam uma visão meta-teórica coerente sobre a natureza do desenvolvimento. Historicamente, as pesquisas mais relevantes focaram no desenvolvimento intelectual da vida adulta (domínio mais estudado pela Psicologia do Desenvolvimento ao longo da vida), embora suas interpretações se adequem a outras faixas etárias. “A discussão e a elaboração das bases empíricas e conceituais da família de perspectivas aqui apresentadas são seletivas” (p. 613). Atualmente, o paradigma *life-span* vem se mostrando como o mais influente para a Psicologia do Envelhecimento (Neri, 2022; Neves, 2020).

A visão meta-teórica sobre a natureza do desenvolvimento se expande no contínuo dos acontecimentos ao longo da vida (do nascimento à morte). As mudanças ontogenéticas influenciadas pela idade, bem como pelos ganhos e perdas ligados aos fatores estruturais, contextuais e à plasticidade vão se moldando em caráter multidirecional. Na sequência dos acontecimentos, dependendo da capacidade de resiliência pessoal de cada um, vão sendo selecionados e adaptados objetivos a cada período vivido. Na permuta entre a constância e a mudança, os princípios gerais da psicologia do desenvolvimento envolvem diferenças e semelhanças interindividuais, assim como as condições de plasticidade (Baltes, 1987).

Nesse âmbito, proposições metodológicas sugeriram estratégias para avaliar os limites da plasticidade, tendo em vista a ocorrência conjunta de crescimento (ganhos), de declínio (perdas) e da capacidade de adaptação, durante o processo (Baltes, 1987; Staudingers et al. 1995).

Ao considerar o palco do qual os estudos brotaram e consolidaram essas informações, são passadas algumas décadas. Durante esse tempo, a perspectiva *Life-span* e as teorias a ela subjacentes têm orientado muitos pesquisadores do desenvolvimento humano. Todavia, um aspecto visto como de grande relevância é o fato de ter proporcionado a estruturação de seguimentos e ideias, antes incompletos, para definir o desenvolvimento, especialmente quando os avanços técnicos e científicos, nos dias atuais, cada vez mais ratificam os princípios em relação ao fato de a velhice não apresentar unicamente declínio (Neri, 2022).

Pedimos licença a Baltes (1987) para traduzir e editar a tabela incluída em seu artigo, que resume de forma brilhante a proposição *Life-Span*, e à qual ele próprio se refere: “As crenças resumidas na Tabela 1, provavelmente, serão compartilhadas por muitos estudiosos ao longo

da vida. Elas podem ser identificadas, primariamente, nos escritos em psicologia” (Baltes, 1987, p. 613).

Tabela 1 - Resumo das Proposições Teóricas Características da Psicologia do Desenvolvimento ao Longo da Vida

Conceitos	Proposições
Desenvolvimento <i>Life-span</i>	O desenvolvimento ontogenético é um processo para toda a vida. Nenhum período etário detém supremacia na regulação da natureza do desenvolvimento. Durante o desenvolvimento, e em todas as fases da vida, tanto os processos contínuos (cumulativos) quanto os descontínuos (inovadores) estão em ação
Multidirecionalidade	Considerável pluralismo é encontrado na direcionalidade das mudanças que constituem a ontogênese, mesmo dentro de um mesmo domínio. A direção da mudança varia de acordo com as categorias de comportamento. Além disso, durante os mesmos períodos de desenvolvimento, alguns comportamentos apresentam aumento, enquanto outros evidenciam decréscimos no nível de funcionamento.
Desenvolvimento como ganho/perda	O processo de desenvolvimento não é um simples movimento em direção a uma maior eficácia. Ao contrário, ao longo da vida, o desenvolvimento consiste sempre na ocorrência conjunta de ganho (crescimento) e perda (declínio).
Plasticidade	Muita plasticidade intraindividual é encontrada no desenvolvimento psicológico. Dependendo das condições de vida e experiências de um determinado indivíduo, seu curso de desenvolvimento pode assumir muitas formas. A principal chave do desenvolvimento é a ampliação da plasticidade e redução dos seus limites.
Imersão histórica	O desenvolvimento ontogenético também pode variar substancialmente de acordo com as condições histórico-culturais. O modo como o desenvolvimento ontogenético (relacionado à idade) procede é marcadamente influenciado pelas condições socioculturais existentes em um determinado período histórico e pela sua forma de evoluir de evoluir ao longo do tempo.
Contextualismo como paradigma	Qualquer curso particular do desenvolvimento individual pode ser entendido como o resultado das interações, entre três sistemas de influências do desenvolvimento: as graduadas pela história (normativas) e as não normativas. O funcionamento desses sistemas pode ser caracterizado em termos dos princípios meta teóricos associados ao contexto.
Campo de desenvolvimento como multidisciplinar	O desenvolvimento psicológico precisa ser visto no contexto interdisciplinar, proporcionado por outras disciplinas preocupadas com o desenvolvimento humano. A abertura da perspectiva <i>life-span</i> à postura interdisciplinar implica uma "purista" que oferece apenas uma representação parcial do desenvolvimento comportamental, desde a concepção até a morte.

Fonte: Baltes (1987, p. 613)

Tradução e edição: pesquisadora

Como citado anteriormente, as mudanças sofrem influências genético-biológicas e

socioculturais, de natureza normativa e não normativa. As influências normativas se configuram como ontogenéticas (genético-biológicas) e históricas. Por sua vez, as ontogenéticas se mostram mais homogêneas, graduadas pela idade e pela fase da vida (infância, adolescência, adultez, velhice). Entretanto, estão sendo vinculadas às expectativas sociais, tal como ocorre com as orientações repassadas pelos familiares. As competências sociais e as aquisições de papéis tendem a ser associadas à idade e ao gênero (Baltes et al., 1980; Neri, 2006). Neri (2022) refere que tais padrões de comportamentos guiam a escolha profissional, o casamento, a procriação, os divórcios e os recasamentos, entre outras escolhas.

As históricas são imprevisíveis, biossociais ou universais (guerras, crises econômicas, novas tecnologias, pandemias, entre outras). Ocorrem como eventos macroestruturais, em um determinado contexto sociocultural, nos quais diversos grupos etários são provocados a mudanças. As não normativas ou idiossincráticas caracterizam os eventos imprevisíveis ou não esperados que impactam o curso de vida, devido às incertezas pessoais ou sociais ligadas às pessoas afetadas (doenças graves, perdas precoces e/ou significativas, viuvez, ganhos inesperados, acidentes, entre outros). Tais influências também incluem determinantes como agentes biológicos, ambientais/sociais. Não são aplicáveis a muitos indivíduos, nem estão claramente ligados a uma dimensão do tempo de desenvolvimento, seja ontogenética ou histórica. As influências não normativas não seguem um curso geral e previsível (Baltes et al., 1980; Baltes, 1987; Neri, 2006; Neri, 2022; Neves, 2020).

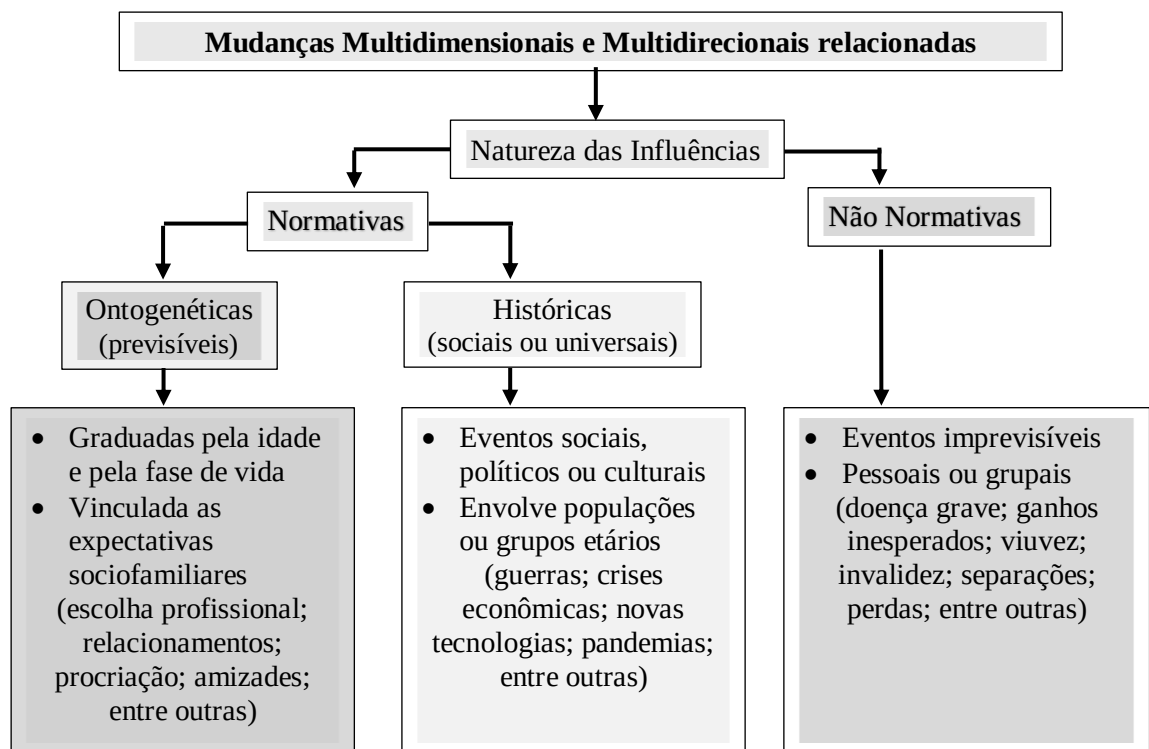
As influências normativas, nesse contexto, se refere a um alto grau de generalidade e as não normativas evidenciam as condições mais individualizadas. Pode-se dizer, ainda, que essas mudanças (normativas e não normativas) são consideradas a base da ontogênese humana, na qual é importante acatar a interação das três classes de influências bioculturais (Baltes et al., 2006). Vale frisar que cada fase do desenvolvimento apresenta suas próprias características e valores conectados aos fatores biológicos e socioculturais. Se na infância e na adolescência os recursos individuais são direcionados para o crescimento, na velhice se voltam para a manutenção das habilidades adquiridas e regulação das perdas (físicas e psicológicas) (Neri, 2014; Neri, 2022; Tomé & Formiga, 2020).

Os referidos eventos têm a capacidade de interromper o ritmo estabelecido e seus efeitos variam em relação ao significado das mudanças dos papéis sociais e das percepções individuais. Na velhice, a adaptação frente aos problemas em um evento idiossincrático será melhor quando as estratégias de enfrentamentos e a capacidade de controle (emocional) sobre o evento forem “melhor” administradas ou percebidas como menos penosas pelo indivíduo, minimizando os sintomas depressivos, somáticos e/ou o isolamento social (Baltes, 1987; Neri, 2014; Neri,

2022).

As influências que promovem o desenvolvimento e o envelhecimento alocam recursos nos diferentes instantes da vida, caracterizando o crescimento, a manutenção ou a regulação de perdas na velhice ou em qualquer momento que se faça necessário. “Crescer envolve o alcance de níveis cada vez mais altos de funcionamento ou da capacidade adaptativa. Manter envolve estabilidade dos níveis de funcionamento em face de novos desafios contextuais ou de perdas em potencial” (Neri, 2022, p. 1230).

Figura 2 – Perspectiva *Life-Span*: representação esquemática das mudanças Normativas e Não Normativas



Fonte: Pesquisadora

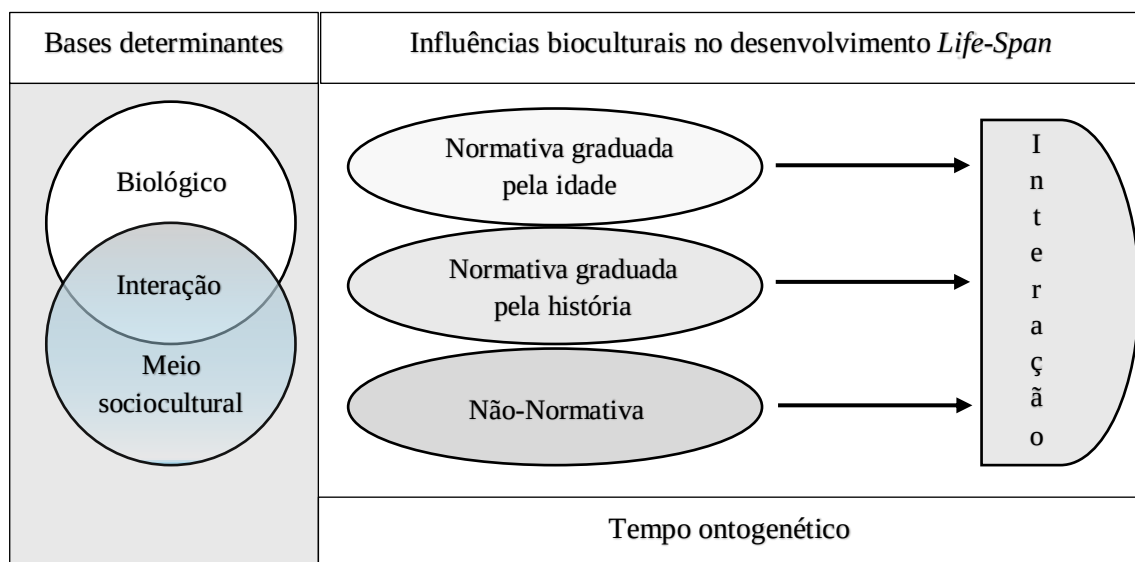
Baltes (1987) já enfatizava que, na velhice, existe uma tendência ao estreitamento proporcional entre as fronteiras biológicas, comportamentais e a resiliência (capacidade de reserva e de flexibilidade), tal como citado nos estudos de Fontes (2010) e de Fontes e Neri (2015). Tais aspectos estão associados com inúmeros fatores e interpretações, como parte de uma interação entre padrões adaptativos, regulação emocional, força e crescimento interno. A resiliência tem alta relevância no gerenciamento de perdas e superação de dificuldades para a perspectiva *Life-Span* (Baltes et al., 1980).

Com o envelhecer diminui a plasticidade, o que possibilita mudanças adaptativas (novas

aprendizagens) e redução da capacidade de enfrentamento (resiliência). A resiliência, não é um fenômeno de ocorrência natural. Transmite a falsa noção de que as pessoas idosas podem evitar declínios ou resultados negativos na recuperação aos agentes patogênicos e/ou traumáticos impostos pelo ambiente ou pelos riscos naturais. Inclui, também, que todas as pessoas idosas conseguem, depois de uma perda, níveis de funcionamento iguais aos anteriores, o que não é verdadeiro. Obter boas respostas a partir desse fenômeno vai depender do perfil individual e do apoio social disponível (Staudingers et al., 1995).

Na expectativa de propiciar melhor entendimento do sistema de mudança, em um determinado curso de vida é preciso considerar a operacionalização e a integração, entre as três classes de influências. Nesse sistema, as interações variam para diferentes indivíduos, em relação as diferentes classes sociais, predisposições genéticas, etnias e padrões de comportamentos. Baltes et al. (2006, p. 587) propuseram uma representação esquemática, demonstrando a operacionalização das três maiores influências bioculturais do desenvolvimento ao longo de toda a vida, traduzida pela autora e exibido na Figura 3.

Figura 3 – Representação esquemática da operacionalização e integração, entre as três principais influências bioculturais do desenvolvimento *Life-Span*



Fonte: Baltes et al. (2006, p. 587).

Desta forma, partindo dos argumentos e do raciocínio teórico associados à psicologia do desenvolvimento ao longo de toda a vida, desde a década de 1980, Baltes e seus colaboradores afirmaram que a ontogênese é essencialmente um sistema de mudanças adaptativas que envolve elementos fundamentais (a seleção, a otimização e a compensação).

Segundo o citado autor, esses elementos estão conectados e atuam, destinando recursos internos e externos, a partir das condições físicas, psíquicas e sociais, para suportar as transformações impingidas pelo tempo (Baltes, 1987; Neri, 2022; Tomé & Formiga, 2020).

Com base no citado encadeamento, emerge a proposição da Teoria de Seleção, Otimização e Compensação (Teoria SOC), inicialmente apontada como uma meta-teoria concebida para descrever o envelhecimento bem-sucedido. Atualmente, é “considerada uma teoria psicológica geral do desenvolvimento comportamental” (Neri, 2022, p. 1230).

A Teoria SOC procura entender o êxito do indivíduo, descrevendo o desenvolvimento como um todo, e a maneira como se estabelece o manejo entre as mudanças internas e externas, com base nos recursos da pessoa. Os mecanismos de seleção, otimização e compensação que regem este processo podem ser aplicados ao desenvolvimento de uma pessoa normal ou com deficiência no tocante a situações de enfrentamentos, de desempenho funcional, de regulação emocional, assim como no âmbito da memória e do bem-estar subjetivo. Tal manejo interage no processo evolutivo, favorecendo a maximização dos ganhos e a minimização das perdas (Baltes, 1987; Baltes & Baltes, 1990; Neri, 2022; Souto & Oliveira, 2019).

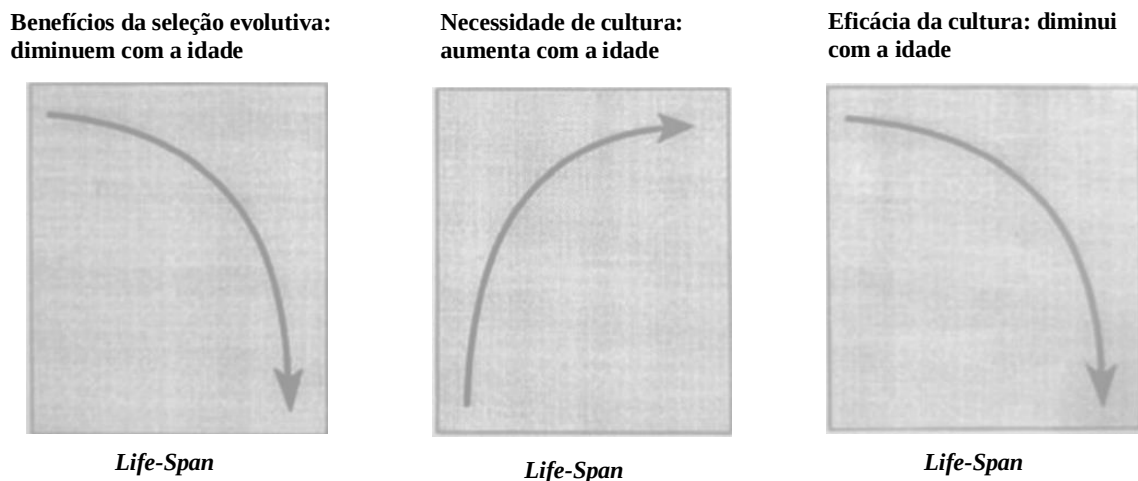
Os conceitos e estratégias difundidas no modelo teórico SOC têm sido estudados e referidos por muitos pesquisadores do desenvolvimento humano, como Berger (2011), Freire et al. (2012), Neri, (2006; 2014; 2022), Papalia e Martorell (2022), entre outros, que concordam no que diz respeito ao fato de a capacidade funcional do indivíduo estar diretamente associada a aspectos limitantes, tanto pelo potencial genético quanto pela estrutura sociocultural para sustentar as transformações, especialmente da fase adulta até o final da vida.

Mais especificamente, o modelo SOC de Baltes e Baltes (1990) tenta explicar como os indivíduos mantêm bons níveis de desempenho em atividades importantes ao longo do tempo, apesar das deficiências de recursos provocadas por fatores relacionados à idade, ao gênero e ao nível socioeconômico, assim como os não relacionados, demonstrando que este fenômeno é multidimensional. O SOC pretende ser um modelo útil para a vida, caracterizando estratégias de gestão associadas à melhoria do desenvolvimento (Baltes & Heydens-Gahir, 2003). Logo, a estrutura ontológica e sociocultural básica do desenvolvimento humano toma por base dois princípios: 1) os processos de seleção, otimização e compensação; 2) a tarefa de encontrar um *status* positivo, entre ganhos e perdas (que não é exclusivo do envelhecimento, embora seja mais difícil de ser alcançado nas idades mais avançadas) (Baltes, 1987).

Baltes e Lang (1997) reforçam estes argumentos, quando afirmam e demonstram, na Figura 3 a seguir, que nas etapas de desenvolvimento estão previstas: uma diminuição da seleção evolutiva, baseada na correlação com a idade, na plasticidade genética e no potencial

biológico; uma expressão mais clara do desenvolvimento, quando se dispõe de recursos fundamentados pela cultura, em níveis mais elevados; uma tendência a comprometer a estrutura de enfrentamento do indivíduo, que se torna cada vez mais incompleta, por conta das perdas relacionadas à idade, somadas à ineficiência da cultura,.

Figura 4 - Representação esquemática de três princípios que regem a dinâmica entre biologia e cultura ao longo da vida



Fonte: Baltes (1997, p. 367)

Tradução e edição: pesquisadora

Na velhice, os mecanismos de seleção, otimização e compensação trabalham para a manutenção de competências. A essência da estratégia de seleção na ontogênese decorre de vários argumentos, entre eles: durante todo o desenvolvimento, estão presentes conjuntos específicos de metas de funcionamento; o desenvolvimento progride a partir de capacidades, de limitações, de restrições de tempo e de recursos (Baltes, 1997). Neste parâmetro, é importante escolher/selecionar alternativas pertinentes às metas que se desejam alcançar. No processo de desenvolvimento, especialmente no processo de envelhecimento e na velhice, o indivíduo é instigado a fazer alterações em seus objetivos, para atingir os melhores resultados possíveis. Assim, a pessoa idosa tende a ficar mais seletiva, restringindo suas alternativas de escolha (seleção), diante da diversidade oferecida, na interação entre outras pessoas e o ambiente, o que corresponde à oportunidade de diferentes domínios de desempenho (Baltes & Dickson, 2001; Schulz & Heckhausen, 1996; Souto & Oliveira, 2019).

O desenvolvimento acontece como um movimento em direção ao aumento da eficácia e níveis mais elevados de funcionamento. “A otimização é a marca registrada de qualquer concepção tradicional de desenvolvimento” (Baltes, 1997, p. 371). Os elementos que compõem

a otimização variam de acordo com o domínio e o status de desenvolvimento. Do ponto de vista ontogenético, também há mudanças nos mecanismos envolvidos. Na otimização, recursos internos e externos se empenham na aquisição, na aplicação e na manutenção de altos níveis de funcionamento. Em todas as fases do desenvolvimento, especialmente na velhice, deve ser levada à ação, à prática, acionando habilidades, em busca do funcionamento desejado (Baltes & Baltes, 1990; Baltes, 1997; Freire et al., 2012; Neri, 2022; Neves, 2020; Schulz & Heckhausen, 1996; Souto & Oliveira, 2019).

A compensação é operativa, refere-se à adesão de alternativas capazes de manter o funcionamento, quando determinada função ou conjunto de meios são perdidos ou não estão mais disponíveis. Ocorre como resposta às perdas, utilizando uma estratégia (alternativa) que pode ter múltiplas origens e formatos variados. A compensação busca melhorar um desempenho, por meios/recursos psicológicos (internos), fisiológicos, mecânicos ou tecnológicos (externos) (Baltes & Baltes, 1990; Baltes 1997; Freire et al., 2012; Neves, 2020; Schulz & Heckhausen, 1996).

Os três mecanismos exibidos acima, em sua existência e funcionalidade, são entendidos como universais e sujeitos à ação consciente ou inconsciente da pessoa envolvida, que os percebe na experiência pessoal e cultural. Nesse aspecto, podem ser operacionalizados pela própria pessoa, por outra que esteja no lugar de cuidador ou por uma instituição, entre outras possibilidades (Neri, 2022; Schulz & Heckhausen, 1996). Nas interações pessoa-ambiente, as experiências podem ser geradoras de sucesso ou fracasso, fazendo da compensação um agente capaz de possibilitar proteção ao indivíduo em eventuais fracassos. A situação compensatória habitualmente está condicionada aos mecanismos de seleção e de otimização, que se associam ao ambiente e às perdas naturais no envelhecimento (Freire et al., 2012).

Nesse enfoque, a velhice passa a ser entendida como um período de desenvolvimento cognitivo à semelhança das outras fases da vida, nas quais se encontram crescimento e declínio. Inúmeras são as atividades e estratégias de enfrentamento que podem minimizar as perdas evolutivas associadas ao tempo. Programas ou processos educativos, estimulações e atividades mentais e físicas, inovação profissional, socialização com várias finalidades, entre outros, funcionam protegendo e equilibrando os declínios inerentes à idade (Wilson-Nash, 2023).

Muitos pesquisadores, em seus estudos empíricos e teóricos, demonstraram que a dinâmica de ganhos e perdas no desenvolvimento ao longo da vida parece ser verdadeira (Baltes, 1987). Neste sentido, a coletânea de referências acerca desse apanhado teórico reforça-nos a crença e a confiança na perspectiva *Life-Span* e na Teoria SOC.

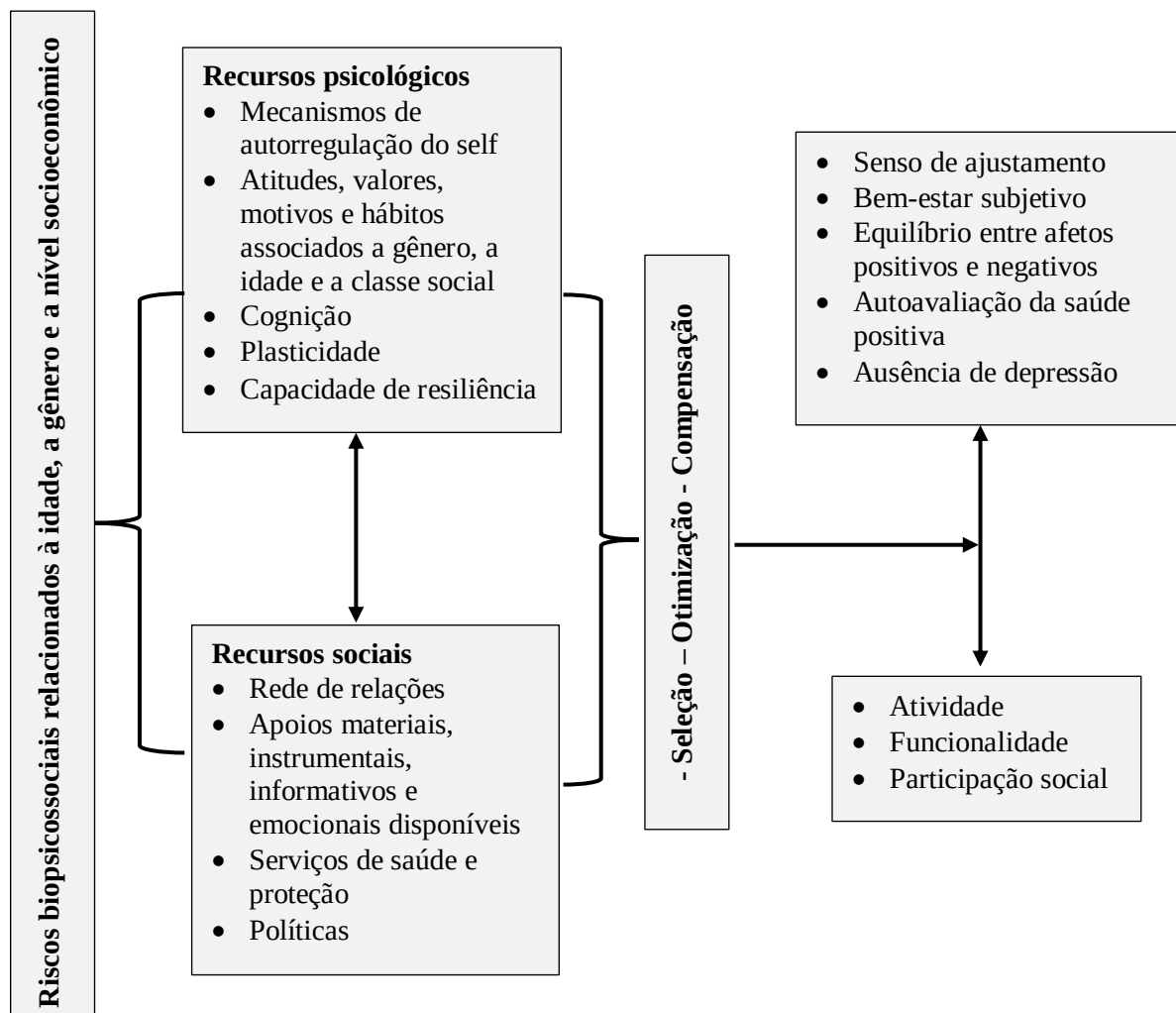
Antes de concluir este capítulo, vale realçar que a psicologia do desenvolvimento ao

longo de toda a vida, na proposição do mecanismo de ganhos e perdas, se aplica continuamente e se expressa nas diferenças individuais do processo de envelhecimento e velhice.

Na Figura 4, dispõem-se os fatores de risco e de proteção, recursos pessoais e sociais, em interação recíproca, da adaptação positiva, que inclui os mecanismos de seleção, otimização e compensação. A adaptação positiva representa o principal desfecho indicativo de resiliência psicológica traduzido pelas condições de saúde, satisfação e funcionalidade.

ia psicológica traduzido pelas condições de saúde, satisfação e funcionalidade.

Figura 5 – Representação esquemática dos riscos relacionados ao envelhecimento, aos fatores psicossociais e à adaptação na velhice



Fonte: Neri (2014, p. 308)

3 OBJETIVOS E MÉTODO

3.1 Objetivo Geral

- Compreender as concepções e as atitudes de mulheres solteiras, viúvas ou separadas e de seus familiares, acerca da sexualidade na velhice.

3.2 Objetivos específicos

- Avaliar se as vivências anteriores repercutem na sexualidade de mulheres idosas solteiras viúvas ou separadas;
- Identificar se há e como se dá a influência de familiares na expressão da sexualidade de mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas, na perspectiva das próprias idosas;
- Propor uma intervenção psicoeducativa com filhos(as), netos(as) ou sobrinhos(as) de mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas, na expectativa de conhecer suas crenças sobre a sexualidade na velhice e estimular a reflexão e/ou minimizar preconceitos;
- Analisar na narrativa das participantes idosas possíveis mudanças nas ideias ou nas atitudes dos familiares, acerca da sexualidade na velhice, quatro meses após terem participado da intervenção.

3.3 Método

Todos os procedimentos que foram adotados buscaram alcançar os objetivos e responder aos questionamentos deste estudo.

3.3.1 Desenho metodológico e natureza da pesquisa

Este foi um estudo de campo, de natureza qualitativa e longitudinal, que permitiu investigar as concepções de mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas e de suas familiares sobre a sexualidade na velhice, dentro de um grupo específico, em determinado cenário social. As pesquisas qualitativas são as mais indicadas nos estudos de questões sociais que utilizam estratégias psicoeducativas, considerando sua maior possibilidade de flexibilidade e abertura (Almeida et al., 2024). Para Minayo (2014) envolvem as interpretações dos indivíduos acerca da maneira como vivem, sentem e pensam, constroem suas histórias, suas relações, suas representações sociais e suas crenças.

Este foi um estudo de campo, de natureza qualitativa e longitudinal, que permitiu investigar as concepções de mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas e de familiares sobre a sexualidade na velhice, dentro de um grupo específico, em determinado cenário social. As pesquisas qualitativas são as mais indicadas nos estudos de questões sociais que utilizam estratégias psicoeducativas, considerando sua maior possibilidade de flexibilidade e abertura (Almeida et al., 2024). Para Minayo (2014), envolvem as interpretações dos indivíduos acerca da maneira como vivem, sentem e pensam, constroem suas histórias, suas relações, suas representações sociais e suas crenças.

De acordo com orientação de Campos e Saidel, 2022 e Turato, 2013, neste trabalho de campo, a amostra foi intencional, na medida em que ofereceu ao pesquisador a possibilidade de escolher os participantes com capacidade de contribuir significativamente com a temática da pesquisa.

Nesta construção, a pesquisa foi distribuída em três momentos: no primeiro, uma entrevista semiestruturada (semidirigida com roteiro), com as participantes idosas (pré-intervenção); no segundo, uma intervenção psicoeducativa com familiares; no terceiro, outra entrevista semiestruturada (pós-intervenção) com as mesmas participantes idosas, quatro meses após a intervenção com os familiares. O estudo completo foi realizado entre setembro de 2023 e abril de 2024, de acordo com as peculiaridades apresentadas pela instituição (Centro de Convivência) e com as disponibilidades das mulheres idosas e dos familiares.

Os roteiros das entrevistas semidirigidas foram elaborados pela pesquisadora, no intuito de conhecer suas vivências e as influências de familiares sobre essas mulheres idosas de seus familiares, em relação à sexualidade (primeiro e terceiro momento da pesquisa). A intervenção psicoeducativa foi estruturada pela pesquisadora, partindo dos pressupostos trabalhados por Afonso e Coutinho (2015), Neiva (2010) e Yalom (2006) em suas convergências relacionadas aos trabalhos com grupos.

Yalom (2006) refere que as intervenções tendem a desconstruir as dificuldades apresentadas, modificando-as em segmento prático, inibindo a generalização e a distorção. Neiva (2010) aponta como objetivo principal das intervenções a possibilidade de melhorar as condições e a qualidade de vida, por meio de mudanças que vão além do próprio grupo. Afonso e Coutinho (2015) complementam, afirmando que o aspecto psicoeducativo de uma intervenção é fundamental para conhecer as crenças, ideias e sentimentos dos participantes e facilitar reflexões, adaptações ou mudanças, estimulando novas aprendizagens. Já Brito e Ponciano (2022) reforçam o potencial que existe num trabalho em grupo, pelas trocas de apoio mútuo, disponibilizando ferramentas para novas habilidades, à medida que instrui com foco e intui a

promoção de saúde pessoal e/ou coletiva.

3.3.2 Participantes

A amostra foi composta por 20 mulheres, sendo: 10 mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas, heterossexuais, com 60 anos ou mais, que aceitaram participar deste estudo. Foram convidadas, de forma intencional, entre as frequentadoras de um grupo social para pessoas idosas, que desenvolve atividades sociais e educativas na zona Norte do Recife e entre famílias de classe média, residentes na zona Central desta cidade. Voluntários do sexo masculino foram entrevistados, mas não fizeram parte da amostra, por não se adequarem aos critérios de inclusão.

As outras 10 participantes foram mulheres adultas, entre 18 e 45 anos, familiares das idosas participantes, podendo ser filhas, netas ou sobrinhas, de qualquer orientação sexual, com vínculos afetivos e influência nas demandas e escolhas apresentadas pelas idosas com quem convivem. A escolha do familiar foi referenciada pelas mulheres idosas participantes.

Foram incluídas mulheres idosas que aceitaram o convite para responder, voluntariamente, aos instrumentos da pesquisa, desde que: tivessem idade igual ou superior a 60 anos; fossem solteiras, viúvas ou separadas; fossem heterossexuais; estivessem com cognição e mobilidade preservada; convivessem e sofressem influência de familiares mais jovens, em suas decisões e escolhas. Foram aceitas idosas de todos os níveis sociais e de escolaridade, com ou sem profissão definida e de qualquer raça ou crença religiosa. Foram adotados nomes fictícios para proteger as identidades e foi solicitada autorização para gravar as entrevistas, para posterior transcrição, sem perda de material.

Os critérios de inclusão de familiares foram: estarem na faixa etária definida no estudo (18 a 45 anos); terem consanguinidade (filha, neta ou sobrinha) com a participante idosa; conviverem com frequência e terem o poder de influenciar nas decisões das idosas; terem boa cognição e estarem dispostas a participar, voluntariamente, da intervenção psicoeducativa. Não foram controlados: estado civil, nível social, escolaridade, profissão, raça ou crenças religiosas. Foram adotados nomes fictícios para proteger as identidades e foi solicitada autorização para gravar as atividades desenvolvidas durante as intervenções para posterior transcrição.

Foram excluídas dessa amostra: pessoas com 60 anos ou mais casadas, vivendo juntas em uniões estáveis ou com parceiros amorosos conhecidos pela família; pessoas com diagnóstico de demência ou com déficit cognitivo e/ou motor grave.

Quanto aos familiares, os motivos de exclusão foram: estarem fora da faixa etária desejada; não

terem vínculo afetivo, nem consanguinidade; não conviverem com as participantes idosas solteiras, viúvas ou separadas; não exercerem influência sobre elas; apresentarem algum déficit cognitivo e/ou motor grave.

3.3.3 Procedimentos éticos

A coleta de dados desta pesquisa foi iniciada após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (CEP), sob o número do Parecer nº 6.253.537 e número do CAAE 69838023.8.0000.5206 (Anexo 1). Todos os voluntários que participaram da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo um para a pessoa idosa solteira, viúva ou separada (Anexo 2) e outro para os familiares (Anexo 3) conforme a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos (Brasil, 2013). Foram adotados nomes fictícios para proteção das identidades e garantir o anonimato das participantes.

3.3.4 Instrumentos da pesquisa

3.3.4.1 Questionários biossociodemográficos: foram utilizados dois questionários, ambos elaborados pela pesquisadora para que fossem respondidos, objetivamente, com respostas de marcar “X”. Um para as mulheres idosas (Apêndice A), com perguntas relativas à idade, sexo, estado civil, escolaridade, profissão, crença, renda (em salários-mínimos), número de filhos, local de residência, pessoas com quem reside, participação em algum grupo para pessoas idosas, entre outras. Outro questionário foi elaborado para os familiares (Apêndice B). Este destinou-se a investigar dados referentes à idade, escolaridade, estado civil, profissão, crença, renda, tipo de parentesco com as mulheres pesquisadas, pessoas com quem reside, frequência de convívio, entre outras questões.

3.3.4.2 Primeira Entrevista Semiestruturada para a mulher idosa solteira, viúva ou separada: Foi realizada, logo após o preenchimento do questionário biossociodemográfico, conduzida de forma semidirigida, com roteiro e duração média de 30 minutos, na qual a pessoa pesquisada poderia responder livremente, sem se prender à questão (Minayo, 2014) (Apêndice C).

3.3.4.3 Intervenção Psicoeducativa com os familiares: foi realizada em cinco encontros, em semanas diferentes, de acordo com a disponibilidade oferecida pela instituição e pelas participantes, e só foi iniciada após a assinatura do TCLE do familiar (Anexo 3). Cada encontro

teve, em média, duração de uma hora e trinta minutos e em cada um deles empregou-se uma estratégia diferente para chegar ao objetivo proposto: perguntas, uso de música, uso de imagens e partilha de vivências, finalizando com a avaliação da intervenção, quanto ao que foi discutido e aproveitado pelas participantes.

3.3.4.4 Segunda Entrevista Semiestruturada para a mulher idosa: foi realizada quatro meses após a intervenção psicoeducativa entre familiares e se investigou, junto às mesmas mulheres idosas, possíveis mudanças de ideias, comentários ou atitudes dos familiares em relação à sexualidade de pessoas idosas (Apêndice I).

Diário de Campo, segundo Minayo (2014) consta de um caderninho pessoal, para registros de tudo que foi experienciado pela pesquisadora, no campo de pesquisa, como: impressões e/ou sentimentos pessoais, comportamentos contraditórios, desafios ou facilidades encontradas, entre outros aspectos, que não fizeram parte dos objetivos da pesquisa, porém caracterizaram o que foi vivenciado, durante todo o processo.

No nosso caso, os registros significativos do campo de pesquisa podem ser vistos em pequenos recortes, oportunamente colocados, ao longo dos resultados.

3.3.5 Procedimento de coleta dos dados

A coleta de dados foi iniciada após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAP/Plataforma Brasil. As participantes (idosas e familiares) foram selecionadas de acordo com os critérios de inclusão e a coleta aconteceu nos três momentos já mencionados, nos quais os instrumentos de pesquisa foram empregados (primeira entrevista semiestruturada – pré-intervenção; intervenção psicoeducativa; e segunda entrevista semiestruturada – pós-intervenção). Para isto, utilizou-se uma sala dentro de um Centro de Convivência para Idosos, tanto para as entrevistas quanto para a intervenção, em dias e horários agendados, dentro da disponibilidade da instituição e das participantes. Os três momentos aconteceram entre setembro de 2023 e abril de 2024, utilizando-se para gravação o telefone celular da pesquisadora, que conduziu as entrevistas e coordenou a intervenção.

O procedimento de coleta de dados foi assim desenvolvido:

Primeiro momento: a) foi realizado com as mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas, individualmente. A voluntária, que aderiu ao convite, após o acolhimento e a explanação a respeito da pesquisa, recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo 2), para ser lido e assinado em duas vias (uma ficou com a participante e outra com a pesquisadora). Aquelas que não conseguiram ou sentiram alguma dificuldade para ler,

receberam a devida ajuda da pesquisadora. Reforçou-se a solicitação para gravar as entrevistas, para posterior transcrição, a garantia do anonimato e do sigilo quanto à participação e aos dados, por meio do uso de nomes fictícios, e a liberdade de poder desistir a qualquer momento, se assim o desejasse; b) foi aplicado o questionário biossociodemográfico (Apêndice A), seguido do primeiro roteiro de entrevista semiestruturada com a mulher idosa (Apêndice C). A partir dessa entrevista, foi possível identificar possíveis influências de familiares na expressão da sexualidade dessas mulheres. Foi perguntado à participante se existia a possibilidade de um de seus familiares integrar o grupo de intervenção e foi encaminhado o convite verbal. A partir daí, foi possível reunir 10 familiares consanguíneos, entre as participantes idosas, que atenderam aos critérios de inclusão. Ao final, foi lembrado às participantes que precisaríamos fazer uma nova entrevista, após quatro meses da intervenção psicoeducativa com as mulheres familiares, que seriam avisadas, pela mesma via de comunicação anterior.

Segundo momento: constou de cinco encontros, nos quais se desenvolveram as intervenções psicoeducativas (Apêndice D), com uma hora e trinta minutos, em média, de duração cada um, da seguinte forma: Primeira intervenção psicoeducativa: – foi feito o acolhimento e dadas as boas-vindas às participantes; – inicialmente, a pesquisadora se apresentou, informou que se tratava de uma pesquisa de doutorado com a qual se pretendia investigar as ideias (concepções) dos familiares sobre a sexualidade de pessoas idosas; – foram reforçadas as questões éticas (sigilo, anonimato e liberdade para desistir); – lembrou-se o acordo de convivência (respeito aos comentários e ideias de cada participante) e foram esclarecidas as dúvidas; – entregou-se o TCLE do familiar (Anexo 3) em duas vias (uma do participante, outra da pesquisadora), para leitura e assinatura (disponibilizadas canetas); – seguiu-se o preenchimento do questionário biossociodemográfico da familiar (Apêndice B); – depois, perguntou-se às participantes: quem era a pessoa idosa com quem ela tinha vínculo, como se dava a convivência entre elas e qual sua influência na vida dessas pessoas; – por fim, agendou-se uma nova data para o encontro seguinte. Segunda intervenção psicoeducativa: – iniciou-se com uma dinâmica de apresentação/aproximação entre as participantes (utilizando-se cinco pares de chocolates idênticos, que foram distribuídos, aleatoriamente. As pessoas com chocolates iguais foram norteadas a se aproximar e conversar, durante cinco minutos, para se conhecer e se apresentar, reciprocamente. Procurou-se promover a aproximação e a integração das participantes; – após as apresentações, utilizando como estratégia a música “Família” do cantor e compositor Fábio Júnior, do ano de 1994 (Apêndice E), cada pessoa recebeu uma cópia da letra para acompanhar a canção enquanto era reproduzida, por meio de uma caixinha de som, conectada a um aplicativo de música, do celular da pesquisadora. Na sequência, abriu-se o debate na tentativa

de fazer as participantes identificarem quem representava o passado na/da família, falado na letra da música; trocaram-se experiências e conteúdos relacionados às histórias e conceitos deixados pelas pessoas idosas da família/ancestrais e comentou-se a respeito de sua importância; Terceira intervenção psicoeducativa – começou com um exercício de respiração e relaxamento guiado pela pesquisadora ao som de uma música suave; depois, as participantes foram divididas em dois subgrupos “A” e “B”, que receberam uma folha com 10 figuras (de domínio público, retiradas da internet) (Apêndice F) e com elas se perguntou, inicialmente, quais delas expressavam sexualidade. Feitas e anotadas as escolhas, perguntou-se: e quanto à sexualidade de pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas, quais vocês escolheriam? Aguardou-se por alguns minutos que os subgrupos conversassem e chegassem a um consenso ou não; a partir daí, passou-se às exposições de ideias e concepções acerca da sexualidade, do grupo em questão. Quarta intervenção psicoeducativa – principiou com uma atividade guiada, de respiração e alongamento, ao som de uma música apropriada para o exercício; em seguida, o grupo participou de uma vivência em que para cada uma foi simulada uma situação, possivelmente, já experienciada por pessoas idosas de sua família, no contexto familiar e/ou público; para isto, foram utilizadas etiquetas com comandos desconhecidos pelas participantes. A pesquisadora colocou uma dessas etiquetas na testa de cada uma e orientou: elas deveriam circular na sala, olhando umas para os outras e seguirem a orientação escrita na testa da pessoa que estivesse na sua frente, sem revelar o que estava escrito (Apêndice G); – as situações eliciadas foram relativas aos comandos de: atenção/desatenção, inclusão/exclusão, aproximação/isolamento, visibilidade/invisibilidade, entre outras; – após o exercício, estimulou-se a exposição dos sentimentos experienciados e reflexões das participantes durante o processo e/ou similaridades com experiências das pessoas idosas de seu convívio. Quinta intervenção psicoeducativa – foi o último encontro psicoeducativo. Iniciou com uma dinâmica em que se utilizavam as vogais dos nomes de cada uma (todas cantaram juntas as sequências de vogais de seus primeiros nomes e observaram a sonoridade do conjunto). Como o objetivo do encontro era avaliar o que havia sido vivenciado e introjetado, lançou-se a questão: “O que eu (participante) trouxe e o que eu (participante) levo dos encontros?” (em termos de novos conteúdos sobre a sexualidade de pessoas idosas); – foi disponibilizada uma ficha de avaliação com respostas diretas (Apêndice H) e aberto o debate dialogado acerca do que foi relevante entre os novos conteúdos discutidos e assimilados, assim como as possíveis mudanças de concepções em relação à sexualidade de pessoas idosas solteiras, viúvas e separadas com quem conviviam; – a pesquisadora fez uma mensagem final de agradecimentos e o segundo momento da pesquisa foi encerrado.

Terceiro momento: ocorreu após quatro meses da intervenção psicoeducativa com as mulheres da família, quando foi realizada a segunda entrevista semiestruturada com as 10 participantes idosas, entrevistadas inicialmente, utilizando-se o roteiro da segunda entrevista (Apêndice I). Por se tratar de um estudo que demandou três momentos distintos, foi elaborado um quadro, sintetizando o que foi desenvolvido em cada um deles, a título de proporcionar uma melhor visualização da sequência dos procedimentos, como o disposto a seguir:

Quadro 1 – Síntese dos procedimentos para a coleta de dados nos três momentos da pesquisa

Momento	Atividade	Participantes	Desenvolvimento
1º Momento	1ª Entrevista (Pré-intervenção)	10 mulheres idosas SVS	Assinatura do TCLE Questionário biosociodemográfico Entrevista semiestruturada com a pessoa idosa
2º Momento	INTERVENÇÃO PSICOEDUCATIVA	10 familiares (8 filhas, 1 neta e 1 sobrinha) das idosas participantes	<u><i>Primeira Intervenção Psicoeducativa</i></u> Apresentação da pesquisadora e da pesquisa; Questões éticas; Leitura e assinatura do TCLE Preenchimento do questionário biosociodemográfico Identificação nas participantes de tipos de vínculos, convivência e influência exercida sobre as mulheres idosas pesquisadas sobre as mulheres idosas pesquisadas
			<u><i>Segunda Intervenção Psicoeducativa</i></u> Dinâmica inicial Estratégia: sensibilização – uso de música; histórias e conceitos repassados pelos idosos/ ancestrais; Exposição de ideias, dúvidas e conteúdos novos
			<u><i>Terceira Intervenção Psicoeducativa</i></u> Dinâmica inicial Estratégia: trabalho em grupo – uso de figuras, com representações da sexualidade humana Exposição de ideias, dúvidas e conteúdos novos
			<u><i>Quarta Intervenção Psicoeducativa</i></u> Dinâmica inicial Estratégia: vivência – etiquetas com comandos para experienciar situações, possivelmente, vivenciadas por pessoas idosas Exposição de ideias, dúvidas e conteúdos novos
			<u><i>Quinta Intervenção Psicoeducativa</i></u> Dinâmica inicial Estratégia: avaliação – “o que trouxe para os encontros e o que levo dos encontros?” Avaliação; Agradecimentos; Mensagem final
3º Momento	2ª Entrevista (Pós-intervenção)	10 mulheres idosas SVS (as mesmas da 1ª Entrevista)	Entrevista semiestruturada, com as mulheres idosas, realizada quatro meses após a intervenção psicoeducativa com os familiares.

Legenda: SVS (Solteira/s, Viúva/s ou Separada/s)

Fonte: pesquisadora

Como descrito no Quadro 1, os três momentos da pesquisa incluíram as entrevistas (inicial e final) e as intervenções psicoeducativas; em cada seguimento tomou-se o cuidado de seguir a metodologia proposta quanto aos procedimentos e à coleta de dados.

3.3.6 Procedimento de análise dos dados

Os dados coletados nas entrevistas e na intervenção psicoeducativa, após a transcrição e análise, à luz da Técnica da Análise de Conteúdo Temático, buscaram identificar os sentidos e os sentimentos envolvidos nas comunicações. Em uma pesquisa qualitativa, esta técnica é o formato ordinário para melhor representação dos dados, abrangendo uma “histórica busca teórica e prática no campo das investigações sociais” (Minayo, 2014, p. 303).

Operacionalmente, partiu da leitura do plano das falas, dos depoimentos, das atitudes e dos instrumentos utilizados para aprofundar as observações e interpretações, ultrapassando os sentidos manifestos no conjunto do material (Minayo, 2014).

Neste sentido, segue a autora, dizendo que a técnica se constituiu de três passos: 1º) pré-analítica – fase da organização (leitura flutuante do material, contato e conhecimento da comunicação, escolha do material, organização dos conteúdos, constituição do *corpus* e formulação de hipóteses); 2º) exploração do material – fase de categorização (identificação, ordenação), fase mais longa, na busca de compreender o que deve ser interpretado e expressado, significativamente; 3º) análise e tratamento dos resultados – inferência e interpretação, abrindo o quadro a novas perspectivas teóricas e interpretativas. Dessa forma, foram abordados os temas predominantes nas narrativas, analisados e relacionados à literatura consultada.

No diário de campo, foram registradas as percepções da pesquisadora no que se refere aos dados e/ou fatos que não estavam previstos, nem estavam diretamente ligados aos objetivos da pesquisa, porém puderam caracterizar o campo. Foram recortados e apresentados nos locais pertinentes aos acontecimentos durante a pesquisa. Nesses relatos pessoais, a pesquisadora comenta suas vivências e sentimentos diante de situações, como: as dificuldades iniciais, os adiamentos necessários, a colaboração da direção do Centro de Convivência, no qual o estudo foi desenvolvido, a empatia na escuta de histórias de vida, os abraços recebidos, especialmente pelas mulheres idosas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, constam os resultados e as discussões deste estudo, após a organização, a categorização e as interpretações geradas nos três momentos da investigação. A estruturação das narrativas foi guiada pelos pressupostos da Técnica da Análise de Conteúdo Temático (Minayo, 2014) e subsidiados pela perspectiva *Life-Span* e Teoria SOC (Baltes, 1980; 1987; 1991; 1997). Apresentam-se os perfis biossociodemográficos das 20 participantes, os resultados das duas entrevistas (pré-intervenção e pós-intervenção), com as mulheres idosas SVS, mais os conteúdos da intervenção psicoeducativa realizadas com os familiares.

O referido contexto caracterizou quatro categorias: 1) repercussões das vivências anteriores na sexualidade de mulheres idosas SVS; 2) a influência de familiares na expressão da sexualidade de mulheres idosas SVS; 3) a intervenção psicoeducativa facilitando reflexões e potenciais mudanças de concepções nos familiares, acerca da sexualidade de pessoas idosas; 4) novas trilhas para vivenciar a sexualidade na velhice.

Quadro 2 – Caracterização, Categorização de Análise e Descritores

CARACTERIZAÇÃO	CATEGORIZAÇÃO → Organizadas a partir das similaridades	DESCRITORES → Interpretados a partir das narrativas das entrevistas e da intervenção realizadas, associados e cuidados com base na literatura
Primeiro Momento (pré-intervenção)	1) Repercussões das vivências anteriores na sexualidade de mulheres idosas SVS	• Atividade sexual. Sexualidade. Repercussão. Vivências. Possibilitou compreender as inseguranças, no que toca à sexualidade e à atividade sexual das mulheres idosas participantes
	2) A influência de familiares, na expressão da sexualidade de mulheres idosas SVS	• Familiares. Influência. Sexualidade da pessoa idosa. Identificou a noção dos familiares participantes em relação à sexualidade das pessoas idosas
Segundo Momento (intervenção)	3) A intervenção psicoeducativa, facilitando reflexões e potenciais mudanças de concepções nos familiares acerca da sexualidade de pessoas idosas	• Familiares. Intervenção psicoeducativa. Reflexão. Sexualidade da pessoa idosa. Provocou reflexão nos familiares, revelando potenciais mudanças de concepções sobre a sexualidade das pessoas idosas
Terceiro Momento (pós-intervenção)	4) Novas trilhas para vivenciar a sexualidade na velhice	• Escolhas. Liberdade. Sexualidade na velhice. Apontou as escolhas na velhice convergentes com as vivências anteriores, fundamentadas pelo paradigma e teoria de base

Legenda: SVS (Solteira/s, Viúva/s ou Separada/s)

Fonte: pesquisadora

4.1 Características das participantes idosas e dos familiares

As mulheres pesquisadas neste estudo (10 mulheres idosas SVS e 10 familiares), para garantir o seu anonimato, receberam nomes de plantas (flores e/ou ervas medicinais). Para identificar as participantes (idosas e familiares) pertencentes à mesma família consanguínea, utilizaram-se nomes iniciados por letras idênticas.

A caracterização enfatizou nas mulheres idosas informações referentes a: idade, escolaridade, estado civil, tempo de viuvez ou separação, número de relacionamentos, de filhos e netos, religião/crença e condição socioeconômica. Quanto aos familiares: estado civil, relação com a idosa participante, tipo de convivência, escolaridade, religião/crença e condição socioeconômica. Para facilitar a visualização, os dados foram compilados nas Tabelas 2 (mulheres idosas SVS) e Tabela 3 (familiares).

4.1.1 Pessoa idosa – Begônia (flor ornamental, algumas espécies comestíveis, nativa da América Central, associada à felicidade e à delicadeza)

Familiar – Bonina (flor ornamental, algumas espécies são comestíveis e/ou medicinais, nativa do México, conhecida como ‘rapazinho’, associada à inocência e à juventude)

Begônia tem 68 anos, solteira, nunca teve relacionamento amoroso. É enfermeira, com vários cursos de pós-graduação. Mora sozinha, trabalha e é muito ativa e já abrigou em sua casa, por longos períodos, vários sobrinhos e primos. É espírita, faz exercícios físicos regularmente e goza de boa saúde. Participa de atividades voluntárias no centro espírita que frequenta e tem renda em torno de 10 salários mínimos.

Bonina tem 26 anos, morou com a tia por muitos anos, enquanto era estudante de enfermagem. Hoje, casada e sem filhos, continuam se comunicando com frequência. Sua renda é em torno de seis salários mínimos e também é espírita.

4.1.2 Pessoa idosa – Cattleya (orquídea, flor ornamental, nativa do Brasil, frequentemente, associada à feminilidade, à elegância e ao desejo)

Familiar – Cidrila (planta medicinal, conhecida como erva-cidreira brasileira, ou falsa-melissa, nativa das Américas, associada e utilizada para tranquilizar e promover bem-estar)

Cattleya é separada há 30 anos e nunca teve outro relacionamento. Hoje, está com 72 de idade, teve três filhos (duas mulheres e um homem) e tem dois netos. Professora aposentada, encontra na igreja evangélica sua sustentação, desde a separação. Apresenta um quadro depressivo persistente. Mora com o filho mais novo, ao qual é muito apegada e, segundo ela, não gosta de nada que lhe dê trabalho (plantas, animais, grupos). Sua renda mensal gira em torno de cinco salários-mínimos.

Cidrila tem 42 anos, é a segunda filha de *Cattleya*. É arquiteta com várias pós-graduações. Está no segundo casamento, do qual tem um filho de 10 anos. Tem renda familiar em torno de 10 salários mínimos e também é evangélica. Sempre está em contato com a mãe e procura ajudá-la no que for preciso.

4.1.3 Pessoa idosa – Dioneia (flor herbácea carnívora/insetívora, nativa dos Estados Unidos, o nome está associado à mitologia grega ‘divino ou céu’ e, vulgarmente, é chamada de ‘armadilha atraente’, pela sua beleza)

Familiar – Dhália (flor ornamental, nativa do México, simboliza gratidão, reconhecimento, harmonia e gentileza)

Dioneia tem 66 anos, conta cinco anos de viuvez do último relacionamento que durou 20 anos. Os relacionamentos foram três, nos quais nasceram sete filhos (5 homens e 2 mulheres), que lhe deram 11 netos e dois bisnetos. Tem o Ensino Fundamental incompleto. Atualmente, frequenta uma turma de letramento e aprende música em um grupo de convivência para pessoas idosas. É evangélica e sua renda está em torno de um salário mínimo.

Dhália tem 39 anos e é separada. Após a separação, passaram a morar ela e os dois filhos (um menino e uma menina), com a mãe. Tem o Ensino Fundamental incompleto, não trabalha e compartilha a receita da mãe, que é de um salário mínimo. Também é evangélica.

4.1.4 Pessoa idosa – Genciana (planta medicinal, nativa da Europa, auxiliar antiemético e anti-inflamatório)

Familiar – Gardênia (flor ornamental, nativa da China, associada à sinceridade e à doçura, símbolo do amor secreto)

Genciana está com 71 anos, viúva há oito, teve um filho e oito filhas, que lhe deram 10 netos e dois bisnetos. Mora com duas filhas (uma de 45 anos e a mais nova de 25 anos). Não teve outro relacionamento, após a viuvez. É pensionista do marido e sua renda é de um salário

mínimo. Participa de um grupo de convivência para pessoas idosas e é evangélica.

Gardênia tem 45 anos, cursou o Ensino Médio completo, sempre morou com a mãe. É solteira, não se interessa em mudar seu estado civil e trabalha como comerciária, com renda de um salário mínimo. Professa a mesma religião da mãe.

4.1.5 Pessoa idosa – Hortênci (flor ornamental, nativa da Ásia, simboliza generosidade, gratidão e beleza. A floração coincide com o Dia das Mães)

Familiar – Helicônia (flor ornamental, nativa da América do Sul e Central, simboliza grandes retornos)

Hortênci é viúva há seis anos, está com 65 anos de idade e não teve novos relacionamentos. Foi casada durante 30 anos, teve dois filhos, uma filha e tem um neto. Tem o Ensino Fundamental incompleto, com renda de um salário mínimo e participa de um grupo de convivência para pessoas idosas, no qual faz letramento e aprende música. É evangélica.

Helicônia está com 36 anos, é separada e tem dois filhos. Após a separação, passou a morar com a mãe, tem o Ensino Fundamental completo. Não trabalha, compartilha da renda da mãe e também é evangélica.

4.1.6 Pessoa idosa – Marqarida (flor ornamental, nativa da Europa. O nome vem do latim e significa pérola. Simboliza amor, pureza, bondade e afeto)

Familiar – Melissa (arbusto, nativo da Europa e Ásia. O nome vem do grego e significa abelha. Conhecida como erva-cidreira, cultivada desde o século XIV, pelas suas propriedades medicinais)

Margarida tem 74 anos, está separada há 19 anos e não teve relacionamentos, após a separação. Tem duas filhas, cinco netos e mora sozinha. É médica (pediatra) e ainda exerce a profissão. Vê as filhas com frequência, tem renda de 10 salários-mínimos, é espírita e participa como voluntária dos trabalhos do centro a que pertence.

Melissa tem 43 anos e está no segundo casamento. Tem três filhos (dois do sexo masculino, 15 e 17 anos e uma menina de 1 ano e nove meses). É turismóloga, com várias especializações. Com a mãe, conversa e participam, reciprocamente, da vida uma da outra. É espírita e tem renda de oito salários mínimos.

4.1.7 Pessoa idosa – Petúnia (flor ornamental, nativa da América do Sul. Na língua Tupi,

significa ‘flor vermelha’, simboliza transformação e sabedoria)

Familiar – Perpétua (planta herbácea medicinal, nativa da Índia, utilizada em muitas patologias, pelas propriedades antioxidantes e antimicrobianas. O significado varia. No Brasil, simboliza perseverança, resiliência e o amor eterno ‘aquela que fica’)

Petúnia tem 81 anos, é separada do primeiro casamento há 40 anos. Teve três relacionamentos, dois após a separação, e quatro filhos (dois homens e duas mulheres). Tem o Ensino Médio completo, recebe cinco salários mínimos de aposentadoria e participa de um grupo de convivência para pessoas idosas. É católica praticante, cuida de uma sobrinha inválida. Criou e ainda cuida de uma neta.

Perpétua tem 23 anos, é solteira e estudante de enfermagem. Foi a primeira neta do filho mais velho de *Petúnia* sendo criada por ela desde pequena. Depende financeiramente da avó e também é católica.

4.1.8 Pessoa idosa – Rosa (flor ornamental, nativa da Ásia, uma das mais antigas e populares do mundo. Representa o amor em todas as suas nuances)

Familiar – Rosário (planta suculenta, nativa da África, conhecida, também, como pérola verde ou rosário de Maria, simboliza serenidade e contemplação)

Rosa tem 67 anos é separada há 36. Tem duas filhas e quatro netos (três meninos e uma menina). Teve três relacionamentos após a separação. Um deles é vivenciado atualmente. É professora aposentada, mora sozinha, a renda é de 10 salários mínimos, participa de grupos para idosos e de estudos e é católica não praticante.

Rosário tem 44 anos, filha mais velha de *Rosa*. Está no segundo casamento, do qual tem dois filhos (um menino e uma menina). É nutricionista e exerce a sua profissão. Tem contato frequente com a mãe, tanto pessoalmente quanto utilizando as mídias. Sua renda é de aproximadamente seis salários mínimos. Também é católica.

4.1.9 Pessoa idosa – Tulipa (flor ornamental e medicinal, nativa da Ásia Central, os significados variam com as cores, simbolizam o amor-perfeito)

Familiar – Torênia (flor ornamental e comestível, nativa da Ásia, simboliza alegria, vitalidade e felicidade)

Tulipa tem 75 anos e está separada há 35 anos. Teve três filhos (duas mulheres e um homem), tem uma neta e um neto. Já teve vários relacionamentos, após a separação, e investe em aplicativos de namoro. Tem o Ensino Médio completo, mora sozinha e gosta de cuidar das plantas, de cozinhar para os filhos e os netos sempre que os recebe em casa, mas não se interessa em participar de grupos ou em desenvolver alguma atividade ou aprendizagem nova. Sua renda mensal é de cinco salários mínimos. É católica.

Torênia tem 45 anos é artista plástica (pintora), casada, tem uma filha adolescente, vê a mãe com frequência, ajudando-a no que for possível e se preocupa muito com ela, por achar que se expõe muito a riscos desnecessários, visto que marca encontros pelos aplicativos de namoro. É católica e sua renda mensal é de 10 salários mínimos.

4.1.10 Pessoa idosa – Violeta (flor ornamental, nativa da África Ocidental, representa lealdade, pureza de sentimentos e espiritualidade)

Familiar – Vanda (orquídea, nativa da Ásia e Oceania, o nome é de origem teutônica ‘alemão’ e significa peregrina)

Violeta tem 75 anos, viúva há 10 anos, tem duas filhas e um neto. Passou toda a vida dedicada ao lar e à família. Não teve outro relacionamento, após a viuvez. Uma das filhas e o neto moram com ela. Católica, dedica-se à igreja, bem como participa das missas e das atividades promovidas pela instituição. É pensionista do marido, com renda de seis salários mínimos.

Vanda, filha de *Violeta*, tem 45 anos, é advogada e está separada. Ela e o filho passaram a morar na casa de sua mãe após a separação. Trabalha e contribui com a renda familiar, que é de 10 salários mínimos. É espírita.

Na Tabela 2, a seguir, os dados biossociodemográficos coletados demonstraram a participação de 10 mulheres idosas, entre 65 e 81 anos, com uma média de 71,4 anos. Destas, quatro eram viúvas (*Dioneia*, 66 anos; *Genciana* 71 anos; *Hortência*, 65 anos; *Violeta*, 75 anos); cinco separadas (*Cattleya*, 72 anos; *Margarida*, 74 anos; *Petúnia*, 81 anos; *Rosa*, 67 anos; *Tulipa*, 75 anos); e, uma solteira (*Begônia*, 68 anos).

Na Tabela 3, subsequente, os dados exibem a participação de 10 mulheres, entre 23 e 45 anos, com uma média de 38,8 anos. Neste grupo, cinco eram casadas (*Bonina*, 26 anos; *Cidrila*, 42 anos; *Melissa*, 43 anos; *Rosário*, 44 anos e *Torênia* 45 anos), três eram separadas (*Dhália*, 39 anos; *Helicônia*, 36 anos; *Vanda*, 45 anos) e duas solteiras (*Gardênia*, 45 anos e *Perpétua*, 23 anos)

Os dados biossociodemográficos das mulheres SVS foram reunidos na Tabela 2 e os das familiares na Tabela 3, ambos, a seguir:

Tabela 2 - Dados biossociodemográficos das participantes idosas

Participante /Idade	Estado Civil	Relacio nam^{to}	Filhos	Profissão	Crença Religiosa	Renda (SM)
Begônia 68 anos	Solteira	0	Sem filhos	Enfermeira	Espírita	10 SM
Cattleya 72 anos	Separada (30 anos)	marido	3 1 filho/2 filhas	Pedagoga	Evangélica	5 SM
Dioneia 66 anos	Viúva (4 anos)	marido +2	7 5 filhos/2 filhas	Do Lar	Evangélica	1 SM
Genciana 71 anos	Viúva (8 anos)	marido	9 1 filho/8 filhas	Do Lar	Evangélica	1 SM
Hortência 65 anos	Viúva (6 anos)	marido	3 2 filhos/1 filha	Do Lar	Evangélica	1 SM
Margarida 74 anos	Separada (19 anos)	marido	2 2 filhas	Médica	Espírita	10 SM
Petúnia 81 anos	Separada (40 anos)	marido +2	4 2 filhos/2 filhas	Auxiliar Administrativo	Católica	5 SM
Rosa 67 anos	Separada (36 anos)	marido +3	2 2 filhas	Pedagoga	Católica	10 SM
Tulipa 75 anos	Separada (35 anos)	marido +3	3 1 filho/2 filhas	Do Lar	Católica	5 SM
Violeta 75 anos	Viúva (10 anos)	marido	3 1 filho/2 filhas	Do Lar	Católica	6 SM

SM: salário mínimo

Fonte: pesquisadora

Tabela 3 - Dados biossociodemográficos dos familiares participantes

Particip^{te} /Idade	Estado Civil/filhos	Relação com o idoso(a)	Convivência	Profissão	Crença Religiosa	Renda (SM)
Bonina 26 anos	Casada 0	Sobrinha	Frequente	Enfermeira	Espírita	6 SM
Cidriela 42 anos	Casada 1	Filha	Frequente	Arquiteta	Evangélica	10 SM
Dhália 39 anos	Separada 3	Filha	Diária (moram juntas)	Do Lar	Evangélica	Sem renda
Gardênia 45 anos	Solteira 0	Filha	Diária (moram juntas)	Comerciária	Evangélica	1 SM
Helicônia 36 anos	Separada 2	Filha	Diária (moram juntas)	Do Lar	Evangélica	Sem renda
Melissa 43 anos	Casada 3	Filha	Frequente	Turismóloga	Espírita	8 SM
Perpétua 23 anos	Solteira 0	Neta	Diária (moram juntas)	Estudante Universitária	Católica	Sem renda
Rosário 44 anos	Casada 2	Filha	Frequente	Nutricionista	Católica	6 SM
Torênia 45 anos	Casada 1	Filha	Frequente	Artista plástica	Católica	10 SM
Vanda 45 anos	Separada 1	Filha	Diária (moram juntas)	Advogada	Espírita	10 SM

Legenda: SM: salário mínimo

Fonte: pesquisadora

Em relação às participações, vale ressaltar a presença maciça do sexo feminino (idosas, filhas, neta e sobrinha). Este fato pode estar relacionado à maior flexibilidade das mulheres, em aceitar convites desta natureza e/ou certa resistência dos homens nestas ações, entre outras. No que concerne às mulheres idosas, tal fato pode sinalizar, embora de forma tímida, o fenômeno presente em todos os países do mundo, chamado feminização da velhice. Este fato está associado ao maior tempo de vida das mulheres (entre cinco e sete anos), em relação aos homens, afetando as modificações sociodemográficas e biopsíquicas desse grupo no seu cotidiano (Lima et al., 2024; Neves, 2020).

Esta ocorrência pode ser justificada também em razão de as mulheres procurarem os serviços de saúde com certa frequência durante a vida, seja por situações fisiológicas (menarca, ciclo menstrual, gravidez, parto, menopausa, entre outras) e/ou patológicas, o que as leva à adoção de hábitos de vida mais responsáveis e/ou saudáveis em relação à saúde. Ademais, tendem a se envolverem menos em acidentes de trânsito, em questões que envolvem violência física, em trabalhos de altos riscos, entre outros (Schneider & Pavin, 2021). O predomínio de mulheres idosas no cenário mundial está atrelado a diversos fatores, tanto positivos quanto negativos. Pode-se pontuar, ainda, que em suas relações as mulheres se tornam, naturalmente, um ‘elo’, ligando frentes de apoio familiar durante toda a vida (Lima et al., 2024; Schneider & Pavin, 2021).

Na Tabela 2, os aspectos observados como mais significativos foram:

a) No que tange ao estado civil das pesquisadas, cinco eram separadas, tendo em média 32 anos de separação do(s) primeiro(s) relacionamento/casamento, o que revela que as separações aconteceram em um período de vida ativo e reprodutivo dessas mulheres, 41,8 anos, em média. A que demorou mais tempo para se separar foi Margarida, (74 anos), aos 55 anos, porém relatou: “... *Estou separada há 19 anos, legalmente, mas, de fato, já estava separada ‘de corpos’ há muito tempo*”;

b) Diferentemente, as viúvas apresentaram um tempo médio de viuvez de sete anos, que corrobora com os dados estatizados, em relação à feminização da velhice e ao fato de viverem mais que os companheiros. Esta posição social traz repercussões biopsicossociais relevantes, especialmente no que se refere ao bem-estar mental e físico dessa população enlutada (Miranda, 2021);

c) Das quatro participantes viúvas, três são mulheres de baixa renda (um salário mínimo – SM). Entre essas, duas acolheram e compartilham sua renda com as filhas e os netos, após a separação. Este quadro descreve uma condição socioeconômica desvantajosa para boa parte das mulheres brasileiras, provavelmente por não terem desenvolvido um trabalho ou atividade

rentável durante a vida adulta mais produtiva (Lima et al., 2024). Esta pauta parece ser o caso de Dioneia (66 anos), Genciana (71 anos) e Hortência (65 anos), que se dedicaram, unicamente, ao ‘lar’, o que assinala a fala de Hortência (65 anos): “... *Eu não saía de casa pra nada, meu marido não deixava nem eu ir na igreja*”;

d) Quanto aos relacionamentos, pode-se referir que: três das quatro viúvas (Genciana, 71 anos; Hortência, 65 anos e Violeta, 75 anos) só se relacionaram afetivamente com seus maridos; das cinco separadas, três (Petúnia, 81 anos; Rosa, 67 anos e Tulipa 75 anos) investiram em novas parcerias amorosas, após a separação. Cattleya (72 anos) e Margarida (74 anos) não consideraram a possibilidade de novos relacionamentos;

e) A renda e a maior escolaridade coincidiram com menor número de filhos (Margarida, 74 anos, Rosa, 67 anos e Cattleya, 72 anos), ou com a decisão de não os ter (Begônia, 68 anos), como a receita financeira de 10 SM, com exceção da receita financeira de Cattleya (72 anos) de cinco SM, igual à de Petúnia (81 anos) e à de Tulipa (75 anos). Já Violeta (75 anos), pensionista, tem renda de seis SM. As três que apresentaram menor renda (1 SM) e se dedicaram, unicamente, ‘ao lar’ (Dioneia, 66 anos e Genciana, 71 anos) tiveram mais filhos (7 e 9, respectivamente), e assim como Hortência (65 anos), não completaram o Ensino Fundamental;

f) No que se refere às crenças religiosas, quatro participantes eram católicas, quatro frequentavam a igreja evangélica e duas se disseram espíritas.

Outro achado que mereceu consideração entre as participantes, tanto idosas quanto familiares (Tabelas 2 e 3), é referente às solteiras: uma idosa (Begônia, 68 anos), uma filha (Gardênia, 45 anos) e uma neta (Perpétua, 23 anos). No que toca à solteirice, Begônia era uma idosa sem filhos e disse nunca ter se relacionado afetivamente durante sua vida; Gardênia (45 anos) pareceu ter decidido ficar solteira, pelo que comentou – “... *não me casei, nem quero me casar, homem dá muito trabalho*”; Perpétua (23 anos) referiu um namorado.

Na literatura, poucos estudos são encontrados sobre ‘os solteiros’. Existe uma certa invisibilidade em torno dessa categoria civil, principalmente quando o tema é a sexualidade. Mesmo que muitas pessoas já tenham assumido mudanças no estilo de vida, escolhendo viver sem parceiros(as), a atenção frequentemente recai sobre os casamentos e as separações. A atmosfera que cerca o casamento passa pela constituição de uma família e esta é considerada a representante do núcleo normativo e preferencial, em relação às outras modalidades de vida (Rola, 2020).

Na Tabela 3, são exibidas as características sociais mais relevantes de oito filhas, de uma neta e de uma sobrinha:

a) Cinco eram casadas (Bonina, 26 anos; Cidrila, 42 anos; Melissa, 43 anos; Rosário, 44 anos e Torênia, 45 anos), exceto Bonina, todas com filhos (um, três, dois e um, respectivamente). Este fato aponta para a diminuição do número de filhos nas gerações mais jovens, por diversas razões e reforça os achados dos estudos de Camarano e Fernandes (2022), em relação aos dados referentes à transição demográfica que vem se observando nos últimos anos;

b) As três que eram separadas (Dhália, 39 anos; Helicônia, 36 anos e Vanda 45 anos) voltaram a morar na casa de suas mães, com seus filhos, após a separação. Isso comprova o que pontua Freitas (2021) sobre os casamentos e separações que percorrem caminhos paralelos em relação às mudanças no fenômeno do ninho vazio, comumente vivenciado na velhice de pais e mães. Atualmente, vem ocorrendo a volta dos filhos para a casa dos pais, quando se separam. Na maioria das vezes, trazendo os netos;

c) Todas as participantes alegaram alto nível de convivência e de influências recíprocas com o familiar idoso em evidência. Cinco delas cotidianamente, pois moram na mesma casa (Dhália, 39 anos; Helicônia, 36 anos e Vanda 45 anos) por ocasião da separação. Gardênia (45 anos) e Perpétua (23 anos) nunca ficaram distantes. As demais mantêm contato presencial frequente, além dos favorecidos pelas mídias;

d) Seis delas têm nível superior completo com pós-graduação (Bonina, 26 anos; Cidrila, 42 anos; Melissa, 43 anos; Rosário, 44 anos; Torênia, 45 anos e Vanda, 45 anos); uma está se graduando (Perpétua, 23 anos), uma tem 2º grau completo (Gardênia, 45 anos) e duas têm o 1º grau completo (Dhália, 39 anos; Helicônia, 36 anos);

e) Em relação às crenças religiosas das familiares, quatro frequentavam a igreja evangélica, três eram católicas e três se disseram espíritas. Apenas uma das filhas divergiu da religião da mãe (Violeta – católica e Vanda – espírita).

4.2 Resultados do primeiro momento da pesquisa – entrevista com as mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas, pré-intervenção com as familiares

Este primeiro momento aconteceu após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em 13 de setembro de 2023. Ocorreu em uma sala cedida à pesquisadora num Centro de Convivência para pessoas idosas, localizado na Zona Norte do Recife. Esses locais, segundo Fonseca et al. (2021) têm grande importância na inclusão e fortalecimento social da pessoa idosa, principalmente, para idosas solteiras, viúvas ou separadas.

De acordo com as similaridades foram categorizados dois subtópicos: 1) as repercussões

das vivências anteriores na sexualidade de mulheres idosas SVS; 2) a influência de familiares na expressão da sexualidade de mulheres idosas SVS.

Ao final dos resultados e discussões desses itens, foram sintetizadas, no Quadro 3, as respostas das participantes, classificadas como favoráveis ou desfavoráveis, em relação à categoria.

4.2.1 Repercussões das vivências anteriores na sexualidade de mulheres idosas, solteiras, viúvas ou separadas

As falas das participantes, manifestas neste tópico, refletem as repercussões do que foi vivenciado pelas mulheres idosas, atualmente solteiras, viúvas ou separadas em seus relacionamentos afetivos ao longo da vida adulta.

Os efeitos do que foi experienciado repercutiram de forma favorável ou não, permitindo à pessoa se abrir “ao novo” – relacionamento, casamento ou escolha de caminhos, considerados por ela, mais seguros para ter qualidade de vida – ou inibindo qualquer tentativa nesse sentido. O tempo cronológico e objetivo (externo), que articula a sequência dos eventos passados, presentes e futuros, é também subjetivo (interno) (Lima et al., 2022). Na velhice, além das marcas objetivas do tempo, as marcas subjetivas ficam registradas e se expressam nas escolhas mais seletivas e adaptativas, corroborando com o que preconiza a Teoria SOC (Nimrod, 2019).

Algumas se fizeram relevantes para compreender o comportamento dessas mulheres, como se pode ver em suas declarações:

“... o meu marido bebia, era muito ciumento e eu só vivia para trabalhar, tomar conta de filho, não saía pra lugar nenhum, vivia presa” (Hortência, 65 anos).

“... não tenho mais saco pra homem. Só tive um na minha vida, que me batia muito... ele era osso duro de roer... quando fiquei viúva apareceu dois homens querendo casar, mas eu não quis” (Genciana, 71 anos).

“... sofri muito durante o período que fiquei casada. Foram muitas traições e discussões e bastou pra mim. Ainda hoje, a comunicação é difícil” (Margarida, 74 anos).

“... depois da separação segui com a minha vida. Foi difícil, porque as minhas filhas eram pequenas e não entendiam, nem aceitavam o afastamento do pai” (Rosa, 67 anos).

As palavras de Hortência (65 anos), Genciana (71 anos) e Margarida (74 anos) demonstraram as sequelas deixadas pelo que foi vivenciado. Nesta geração pesquisada

(nascidas na década de 1950), as atribuições do sexo feminino priorizavam as tarefas da casa, a criação dos filhos e a submissão ao marido (Vila Nova et al., 2024). Ao mesmo tempo, configuram um ato social do símbolo da força, do poder, do domínio de um indivíduo ou de um grupo sobre outro e, no caso da violência emocional ou doméstica, este ato, direcionado à mulher, provoca danos e sofrimento físico, psicológico, moral, sexual, entre outros (Albuquerque et al., 2021).

Vale considerar que, apesar das conquistas do gênero feminino, nas últimas décadas, em todos os setores da sociedade, especialmente dentro da cultura ocidental, as mulheres ainda são vítimas de constrangimentos e de diversos tipos de violência, principalmente doméstica. Nos registros dessas participantes, constatou-se que ficaram memórias emocionais impactantes no âmbito de suas vidas conflituosas com seus parceiros.

Constitui um fenômeno sócio-histórico e complexo fundamentado pelo pensamento patriarcal, que caracteriza o ‘machismo’ aceito há séculos na sociedade brasileira, com ocorrência recorrente e alarmante. À mulher cabe(ria) a maternidade, o cuidado com o lar e a submissão ao companheiro/marido (macho protetor), dominador da família (Gianvecchio & Gonçalves, 2024). No Brasil, este cenário passou a ser discutido de forma jurídica e ampla de fato, com a conhecida Lei Maria da Penha, entretanto essa situação ainda é vivenciada por mulheres em todas as classes sociais, especialmente, nas menos favorecidas econômica e intelectualmente (Lei 11.340, 2006).

Silva e Paulino (2021) referem que o relacionamento abusivo contra a mulher, por vezes, é iniciado sutilmente, podendo passar despercebido, envolvendo ciúmes e algumas formas de afeto, embora predomine o machismo. Stefanini et al. (2021) e Gedrat et al. (2020) corroboram e acrescentam mais dois aspectos relevantes, que potencializam a violência contra a mulher no contexto doméstico: o primeiro é a associação de bebida alcoólica ou de outras substâncias psicoativas, que costumam se caracterizar como vilões e, muitas vezes, camuflam a violência, reproduzindo um caminho de restrições no papel da esposa; o segundo diz respeito à religião.

Gedrat et al. (2020) referem dados de uma pesquisa realizada com mulheres vítimas de violência, numa Organização Não Governamental de apoio: 40% eram evangélicas e o fato de não denunciar contribuía para a manutenção desse fenômeno. A conduta dos maridos ou dos companheiros, segundo a pesquisa, era entendida como uma fraqueza e o fato de denunciar levaria as mulheres a um sentimento de culpa ou de traição aos valores pregados pela igreja.

As participantes Genciana (71 anos) e Hortência (65 anos), ambas evangélicas, validaram o que apontou a literatura: sofreram violência doméstica e foram afetadas pelo machismo, pela agressividade e pelo uso de álcool dos seus companheiros, sem nunca

denunciar.

Atualmente, se inclinam à compensação, em relação ao que foi experienciado. Foram mais seletivas (seleção), quando otimizaram caminhos considerados mais seguros, compatíveis com seus recursos e experiências internas, segundo a Teoria SOC. Nessa fase da vida, há aumento da vulnerabilidade e diminuição da capacidade adaptativa e, supostamente, essas mulheres transferiram aos outros homens o comportamento por elas conhecido. A compensação, no caso das participantes, se reveste na condição de viverem livres dos constrangimentos e do cerceamento da liberdade. A escolha delas denota a construção de mecanismos próprios para ajustar objetivos e aspirações, pertinentes com as circunstâncias anteriormente vivenciadas nas esferas físicas e psíquicas (Barbosa et al., 2020).

Outro aspecto da religiosidade diz respeito ao suporte emocional encontrado ou sentido pelos fiéis, quando enfrentam situações não normativas, como no caso da viuvez ou da separação. As narrativas que se seguem podem servir de exemplo:

“... Depois que fiquei viúva não sinto mais vontade de ter um homem. Sou evangélica, ajudo na igreja e pedi a Deus pra tirar todo o meu desejo de homem” (Dioneia, 66 anos).
“... Depois da viuvez não tive relacionamento com ninguém, principalmente, pela questão religiosa. Me aproximei da igreja e passei a participar das atividades... sou do apostolado e isso faz com que nunca tenha pensado nisso” (Violeta, 75 anos).

A morte do companheiro, conforme Berger (2011), representa não só a perda do amigo mais íntimo e/ou do amante, mas também abrange mudança de *status* social, menor renda (na maioria das vezes), quebra de rotina diária, distanciamento de antigos ciclos sociais, como parece ter acontecido com Dioneia (66 anos) e Violeta (75 anos).

O ambiente cristão preconiza um comportamento feminino dentro dos padrões e princípios da educação recebida pela igreja. Os valores morais podem apresentar variações, a depender da linha religiosa abraçada. Algumas delas, ainda negam à mulher o prazer sexual, que deve ser sublimado, particularmente para uma mulher idosa e viúva. O prazer verdadeiro não é do corpo e sim da alma. As instituições religiosas contam com a contribuição da educação cristã, desde a infância, exercendo seu poder transformador e formador no “desenvolvimento de um proceder cristão no âmbito social” (Santos & Trindade, 2021, p. 76).

As falas de Dioneia (66 anos) e Violeta (75 anos) confirmam as afirmações de Papalia e Martorell (2022) de que a religião pode ter um papel decisivo como estratégia de apoio e enfrentamento, beneficiando e encorajando estilos de vida mais saudáveis, a percepção de

controle sobre a vida e a criação de estados emocionais positivos.

De acordo com os pressupostos da perspectiva *Life-Span* e da Teoria SOC, há possibilidade de se adaptar a um equilíbrio mutável e natural, durante o processo de envelhecimento e na velhice. Ao longo da vida, o desenvolvimento envolve estratégias direcionadas para a manutenção de ganhos (crescimento) e a administração de perdas (declínio). As estratégias encontradas (selecionadas) por Dioneia (66 anos) e por Violeta (75 anos) otimizaram recursos internos e externos na aquisição e manutenção de bons níveis de satisfação, compensando suas perdas pela via da crença. Procuraram na religião uma compensação, direcionando sua energia e motivação para ela (Baltes, 1997; Papalia & Martorell, 2022).

4.2.2 A influência de familiares na expressão da sexualidade de mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas

A velhice, de acordo com a cultura, pode ser considerada um símbolo de sabedoria e ser supervalorizada, ou desvalorizada e concebida como um fardo, requisitando auxílio a todo o momento. A visão ocidental preza pelo corpo juvenil, pela força de trabalho, pela quimera estética, minimizando a importância de pessoas idosas (Silva et al., 2023).

Os aspectos culturais interferem no modo de olhar o envelhecimento e a velhice, “consequentemente, na maneira como a pessoa idosa vai se constituir nesse meio” (Pinto et al., 2019, p. 48). Tal fato pode resultar em exclusão de muitos direitos fundamentais, práticas e participações tidas como apropriadas aos mais jovens. A referida percepção presente no contexto social se expressa, inicialmente, no ambiente familiar, podendo repercutir na qualidade de vida e no bem-estar das pessoas idosas (Araújo, 2015; Dantas et al., 2023; Silva et al., 2023).

A sexualidade, aspecto natural presente em todos os ciclos da vida, deve e pode ser vivenciada na velhice, respeitando-se as particularidades que integram a vida de cada indivíduo, tanto em nível objetivo quanto em nível subjetivo (Pinto et al., 2019). No entanto, os filhos costumam ser os primeiros a negar, depreciar ou considerar sinal de demência as expressões de sexualidade das pessoas idosas da família, por circunstâncias diversas (Araújo, 2015).

As narrativas abaixo caracterizam algumas dessas influências e atitudes de familiares em relação à sexualidade das idosas participantes, confirmando as ideias dos autores citados acima.

“... se aparecesse alguém agora, meus filhos não iam querer e eu escuto meus filhos,

principalmente, a filha que mora comigo. A gente se dá muito bem” (Dioneia, 66 anos).

“... meus filhos não iam querer, de jeito nenhum, me vê com outro homem” (Hortência, 65 anos).

“... no meu primeiro relacionamento depois da separação, uma das minhas filhas não aceitou e foi muito difícil, mas ela era muito jovem. Hoje, estou em outro relacionamento, minhas filhas desconfiam, mas ainda não me sinto confortável, para falar abertamente” (Rosa, 67 anos).

“... se surgisse um homem na minha vida, hoje, meus filhos não iam querer, me acham muito inocente, que não ia me adaptar” (Violeta, 75 anos).

O modelo SOC se caracteriza pelas estratégias de gerenciamento de vida que estão associadas ao aprimoramento do desenvolvimento, em direção ao aumento de eficácia e melhora do funcionamento. Inclui a adaptação bem-sucedida às perdas do envelhecimento biológico ou outras formas de desafio, como a adaptação ou aceitação de opiniões ou de ações de outras pessoas (como a dos familiares). Isto pode ser percebido nas falas de Hortência (65 anos) e de Dioneia (66 anos) a respeito da opinião dos filhos sobre a presença de outro homem na vida da mãe, assim como na atitude hesitante de Rosa (67 anos), que não comunica às filhas seu atual relacionamento, por conta da resistência anterior de uma delas (Baltes, 1997; Baltes & Heydens-Gahir, 2003).

Para o SOC, o uso coordenado de comportamentos, como o das três pesquisadas, envolveu seleção (eletiva), aumentando os recursos da participante para melhorar o funcionamento (relação com a família); otimização, mantendo o funcionamento, diante dos desafios (opinião dos filhos) e compensação, regulando as perdas iminentes e buscando recompensas (melhor convivência com os filhos) (Baltes & Heydens-Gahir, 2003).

Outras narrativas significativas, no que se refere à autonomia e à independência, foram a de Begônia (68 anos, solteira), a de Petúnia (81 anos, separada) e a de Tulipa (75 anos, separada):

“... se aparecesse alguém, a essa altura, ninguém ia dizer nada... meus parentes só iam chamar a atenção, interferir, conversar, se não fosse uma pessoa equilibrada” (Begônia, 68 anos).

“... se aparecesse alguém, ninguém ia se meter na minha vida. Eu não dependo deles pra nada... eu ainda gosto, mas me realizei nessa matéria... o desejo não acaba, eu que não quero mais” (Petúnia, 81 anos).

“... depois da separação já tive relacionamentos e tiveram que aceitar. Estou nos site de namoro, mas os filhos ficam no meu pé, acham arriscado” (Tulipa, 75 anos).

De acordo com Berger (2011), os pressupostos basais de que as pessoas, após os 65 anos, são dependentes, especialmente nas décadas mais avançadas, não refletem uma verdade absoluta. Isso remete à ideia incorreta de que a maioria dos idosos são frágeis. A autora refere um estudo no qual cerca de 5% das pessoas idosas “mais velhas” moram em Instituições de Longa Permanência para Idosos; 30% (em geral viúvas) vivem sozinhas; 20% moram com os filhos e o restante vive com seus companheiros, como sempre fizeram, cuidando um do outro.

A perspectiva *Life-Span* prega que o desenvolvimento é um processo que não detém supremacia em nenhum período etário. Esse processo não busca apenas uma maior eficácia, ocorre de forma conjunta na alternância entre ganho (crescimento) e perda (declínio). A satisfação com a vida é um estado subjetivo. Sua estabilidade e manutenção na velhice dependem de fenômenos complexos, que interagem com processos cognitivos. Cada fase do desenvolvimento tem suas características vinculadas a fatores biológicos e sociais e, na velhice, as pessoas se voltam para as realidades individuais e subjetivas presentes (Baltes, 1987; Neri et al., 2022). As falas das participantes denunciam controle ou independência sobre o suposto contexto aventado, no caso de Begônia (68 anos), e a seleção de alvos positivos, compatíveis com a experiência já vivida, no caso de Petúnia (81 anos). As duas demonstram estar cientes de seus limites e de seus

Quadro 3 – Síntese do primeiro momento da pesquisa

Mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas (SVS)	Repercussão das vivências anteriores na sexualidade de mulheres idosas SVS		A influência de familiares na expressão da sexualidade de mulheres idosas SVS	
	<i>Favorável</i>	<i>Desfavorável</i>	<i>Favorável</i>	<i>Desfavorável</i>
Begônia (67 anos)	-	-	F	-
Cattleya (72 anos)	-	D	-	D
Dioneia (66 anos)	-	D	-	D
Genciana (71 anos)	-	D	-	D
Hortência (65 anos)	-	D	-	D
Margarida (74 anos)	-	D	F	-
Petúnia (81 anos)	F	-	F	-
Rosa (67 anos)	F	-	-	D
Tulipa (75 anos)	F	-	-	D
Violeta (75 anos)	F	-	-	D
	Repercussões	Repercussões	<u>Três</u>	<u>Sete</u> participantes

Resultados	<u>favoráveis (F) ou</u> que não interfeririam em novos relacionamentos	<u>desfavoráveis</u> (D), que levaram à exclusão dos relacionamentos afetivos íntimos	participantes não influenciadas diretamente por familiares	que os familiares influenciaram ou que não aceitariam vê-las em outro relacionamento
-------------------	---	--	--	---

Legenda: SVS (solteiras, viúvas ou separadas); F (Favorável); D (Desfavorável)

Fonte: pesquisadora

Recorte do diário de campo: no Centro de Convivência em que desenvolvi esta pesquisa, fui acolhida com muita simpatia e respeito. Foi um período de muito aprendizado pessoal e profissional e todas as vezes em que fui até lá para realizar o trabalho, foi com imenso prazer. Lá são promovidas reuniões quinzenais, aulas semanais de letramento e iniciação musical, além de uma programação comemorativa e recreativa, da qual os idosos participavam intensamente. É frequentado por mais de 80 pessoas idosas, entre homens e mulheres, sendo a grande maioria mulheres.

Ao ser anunciado que iria haver entrevistas, alguns frequentadores do Centro se apresentaram, sendo sete mulheres e três homens. Apesar de todos terem participado da entrevista, apenas três mulheres viúvas atenderam aos critérios de inclusão e seus familiares (três filhas) aceitaram participar da intervenção psicoeducativa. Dos três homens, um era solteiro, sem filhos, nem parentes; os outros dois eram viúvos, sendo que um tinha uma companheira eventual, conhecida pelos familiares e o outro, cujos filhos moravam distante, estava saindo recentemente de uma relação e tinha se interessado em participar (falar com a psicóloga) em busca de “respostas” para a situação que vinha vivenciando com o rompimento e com a inaceitação das atitudes da ex-namorada.

Nas narrativas das mulheres, o que me chamou a atenção foi perceber como aquelas pessoas queriam ou precisavam de uma escuta clínica ou acrítica (algumas se disseram aliviadas pela oportunidade, outras ficaram agradecidas por terem falado sobre si). Algumas me impactaram bastante, por imaginar como aquela mulher (diante de mim) conseguiu suportar e sobreviver a tanto desamor e desconsideração ao longo da vida. Outras, no entanto, me marcaram pelas formas inusitadas e interessantes com que administraram as situações vividas.

4.3 Resultados do segundo momento da pesquisa – Intervenção psicoeducativa com os familiares

Esta estratégia facilita o conhecimento de crenças ou de sentimentos sobre determinada temática em um grupo, facilitando o acesso às ideias sobre ela e estimulando novas aprendizagens (Afonso & Coutinho, 2015; Neiva, 2010). O seu desenvolvimento educacional associa um conjunto de saberes, influenciado pelas indagações e comportamentos individuais ou coletivos sobre determinado assunto (Almeida et al., 2024).

As intervenções psicoeducativas realizadas com os familiares buscaram atender aos objetivos propostos neste estudo, assim como corresponderam ao segundo momento da pesquisa. Seus instantes já foram sintetizados no Quadro 1.

Este segundo momento foi composto por cinco encontros, nos quais as intervenções psicoeducativas foram desenvolvidas. Aconteceram no período de 28 de setembro a 14 de dezembro de 2023, com uma média de 2,2 semanas entre eles, devido à conveniência dos participantes e à rotina da instituição que sediou os encontros.

Como no momento anterior, os resultados e discussões foram compilados ao final, no Quadro 4, com a classificação das respostas das participantes da intervenção psicoeducativa como favoráveis ou desfavoráveis, em relação ao conteúdo trabalhado.

4.3.1 A intervenção psicoeducativa facilitando reflexões e potenciais mudanças de concepção em familiares acerca da sexualidade de pessoas idosas

4.3.1.1 Primeira Intervenção Psicoeducativa

Teve lugar, no dia 28 de setembro de 2023, e proporcionou o primeiro contato com os familiares. Não foi gravado e foi quando se obtiveram as informações necessárias para nortear os trabalhos e conferir segurança às voluntárias. Era um grupo só de mulheres, composto por oito filhas, uma neta e uma sobrinha. Ao chegarem, pareciam curiosas e expressavam uma perceptível expectativa. Na ocasião, além da apresentação formal da pesquisa e da pesquisadora, fez-se a exposição das questões éticas, a leitura e assinatura do TCLE, o preenchimento do questionário biossociodemográfico e se investigou, entre as participantes, os tipos de vínculos, de convivência e influência delas em relação a suas mães, avó e tia, como se narra na sequência a seguir:

- a. As participantes foram chegando, sendo recebidas pela pesquisadora e pelo dirigente do Centro e foram se acomodando, livremente na sala;

- b. Fui apresentada pelo dirigente da Instituição, que me passou a palavra e o comando do grupo, retirando-se em seguida. Agradei por terem atendido ao convite, apresentei o projeto da pesquisa e falei de sua importância para a sociedade em geral, para as pessoas de todas as idades e para as pessoas idosas e seus familiares, focos do estudo. Expliquei que a investigação das ideias sobre a sexualidade de pessoas idosas, provavelmente, também iria contribuir com as delas próprias. Inicialmente, não ocorreram perguntas e passei a tratar dos aspectos éticos e das frequências aos encontros;
- c. As questões éticas foram explanadas, quanto: à necessidade de assinarem o TCLE; ao anonimato, por meio do uso de nomes fictícios; aos acordos de convivência (respeito em relação à opinião de cada participante); à liberdade de saírem do grupo, caso desejassem; ao conhecimento das respostas, apenas pela pesquisadora e sua orientadora;
- d. As participantes escutavam atentas, porém o uso de nomes fictícios, em substituição dos nomes originais despertou a curiosidade de uma delas, que perguntou:

“... a gente vai saber, qual o nome que vai ter?” (Helicônia, 36 anos);

A pesquisadora respondeu:

“... O anonimato, por meio da escolha de outros nomes (nomes fictícios) para representar cada participante serve, exatamente, para que ninguém se identifique ou seja identificado por outras pessoas que tenham acesso à pesquisa (caso chegue a ler). Portanto, todas fiquem tranquilas quanto a isto”.

A resposta pareceu ter apaziguado as dúvidas em relação à autoidentificação, parecendo ter assegurado mais confiança nas participantes. Ressaltamos o que refere Guazi (2021) acerca da importância de retirar dos trechos reproduzidos toda e qualquer informação que facilite a identificação do participante, atribuindo um nome fictício ou um número.

- e. A seguir, foi entregue a cada voluntária duas vias do TCLE do familiar (Anexo 3), informando que uma deveria ser assinada e devolvida para a pesquisadora, como documento comprobatório da aceitação em participar. Leram e assinaram sem questionamentos, devolvendo a via da pesquisadora.
- f. Depois, expliquei a importância de obter os dados sociais de cada uma e entreguei uma folha com o questionário biossociodemográfico, que também foi respondido;

- g. Resolvida esta parte formal, passou-se a conhecer melhor o grupo formado, abriu-se para apresentações, pedindo que dissessem o nome, quem era a pessoa idosa com quem elas conviviam, como se dava essa convivência e qual sua influência na vida desta pessoa.
- h. Aos poucos foram se desinibindo e respondendo aos questionamentos propostos. Este manejo permitiu reafirmar os pontos inclusivos de cada uma, em relação à pessoa pesquisada, identificando a pessoa idosa SVS com a qual cada uma do grupo tinha vínculo, o grau de parentesco, as características da convivência e a influência, por elas atribuídas, dispostas na Tabela 3.
- i. Atingidos os objetivos deste primeiro encontro, passou-se à agenda do encontro seguinte. Com a concordância da agenda, passei uma lista para registros dos telefones e divulguei meu contato pessoal, para qualquer necessidade ou aviso referente aos encontros da pesquisa.

4.3.1.2 Segunda Intervenção Psicoeducativa

A intervenção ocorreu no dia 26 de outubro de 2023 e foi iniciada com uma dinâmica para aproximar o grupo de participantes. Em seguida, por meio de uma música, fez-se uma sensibilização, para adentrar nas questões que cercam a pessoa idosa, como descrito abaixo:

- a. Foram distribuídos chocolates. Formaram-se duplas, a partir dos chocolates iguais (disponibilizado papel e caneta, caso desejassem anotar algo). Com isso, tiveram alguns minutos para se conhecer e se apresentarem umas às outras em cada dupla;
 - i. As apresentações improvisadas e as risadas aproximaram as participantes.
- b. Na sequência, as participantes receberam uma cópia da letra da música “Família” (Fábio Júnior, 1994). A música foi reproduzida, utilizando-se uma caixinha de som JBL, conectada ao aplicativo instalado no celular da pesquisadora;
- c. Ao final, estimulou-se o grupo com perguntas referentes à música e ao cantor;
- d. Em seguida, utilizando o celular para gravar as respostas, perguntou-se: quem representava “o passado” da família (falado na música) e qual a sua importância? As respostas proporcionaram uma troca de ideias significativas, como nas narrativas abaixo:

“... eu não conhecia essa música. O que ele fala da família é certo, cada uma tem seu jeito... o passado é o que já se foi, morreu” (Bonina, 26 anos).

“... o passado?... acho que são os que já morreram” (Gardênia, 45 anos).

“... são os ancestrais, os que já viraram história na família” (Rosário, 44 anos).

“... o passado... as pessoas que são idosas e as que já morreram (Perpétua, 23 anos).

“... são os antepassados... talvez a geração mais velha, que são importantes como os avós, as bisavós, quem já morreu também” (Torênia, 45 anos).

“... numa família passado, presente e futuro estão sempre presentes... são as diferentes gerações (Vanda, 45 anos).

“... o passado, pra mim, são as histórias, mas não considero só os ancestrais que já morreram... minha mãe é idosa e está presente. É minha ancestral, conhece as histórias da família, porque viveu mais e essas histórias são passadas pra gente também (Melissa, 43 anos).

As narrativas acima demonstraram a relevância de iniciar uma proposta de psicoeducação com familiares nesta temática, alertando acerca da importância de reconhecer o lugar e os direitos da geração mais vivida (ancestrais), já que “sem valor não se tem direitos”.

Quem faz parte do passado (geração passada), mas está presente e tem visibilidade (como se refere Melissa, 43 anos, à sua mãe), destaca-se e tem voz na família. Os ancestrais (pais, avós, bisavós, tios) deixam seu legado à descendência por meio de histórias, mitos, preconceitos e atitudes repassadas aos mais jovens. Esta transmissão oral e/ou atitudinal inclina-se às modificações no contexto sociocultural de cada época. O jovem de hoje, apesar de ser o ancestral (o passado) de amanhã, não consegue se imaginar, nem se colocar no lugar do velho e, muitas vezes, impõe (às vezes sem se dar conta) ao familiar idoso um “silenciamento”, em uma sociedade que tem pressa (Ferrigno, 2015).

Para Bonina (26 anos), Gardênia (45 anos) e Rosário (44 anos), o passado se resumiu aos ancestrais que já morreram, enquanto para Perpétua (23 anos), Vanda (45 anos), Torênia (45 anos) e Melissa (43 anos) são também os idosos ainda presentes. Quando o convívio, entre gerações segue padrões positivos de respeito e atenção aos idosos na família, tende a diminuir o distanciamento (Ferrigno, 2015).

O indivíduo é um ser mutável, instável a cada instante, como menciona a perspectiva *Life-Span*. Seu equilíbrio se perde (perda) e se reconquista (ganhos) no pluralismo das mudanças ontogenéticas, entre as influências normativas e não normativas que vão acontecendo

ao longo de toda a vida. As mudanças variam de acordo com o comportamento, a plasticidade intraindividual disponível e o meio, fazendo com que o desenvolvimento psicológico precise ser percebido pelo contexto sociofamiliar e tratado de forma interdisciplinar (Baltes, 1987).

Este encontro tentou chamar a atenção das participantes e fazê-las refletir sobre o processo de envelhecimento e a velhice; o convívio entre as gerações; os ensinamentos deixados pelos que já se foram e pela geração presente no cotidiano da família, responsável pela transmissão de muitos preconceitos; o idadismo silencioso, por vezes inconsciente, desvaloriza e nega os desejos dos idosos e muitas vezes têm raízes no auto preconceito dos mais velhos. A música utilizada foi escolhida por falar da família como objeto principal, de forma direta e objetiva, em toda sua extensão, não dando margem a outras interpretações. Refere as gerações que a compõem, considerando situações vivenciadas no contexto familiar.

4.3.1.3 Terceira Intervenção Psicoeducativa

Ocorreu no dia 03 de novembro de 2023, começando com uma dinâmica, seguida da intervenção proposta para o dia, com uso de imagens representativas da sexualidade, visto na sequência a seguir:

- a. O encontro iniciou com a reprodução de uma música suave, dando suporte para um exercício de respiração, seguido de relaxamento, que pareceu ter sido apreciado pelas participantes;
- b. Na sequência, dividiu-se o grupo em dois subgrupos “A” e “B”, entregando-se a cada subgrupo uma folha com 10 imagens de domínio público (Apêndice F). Perguntou-se: *em qual das imagens havia representações da sexualidade*. Esperou-se o tempo necessário para que se chegasse a um consenso, ou não, em relação às imagens. As ideias foram gravadas.

Tabela 4 - Subgrupo A: Imagens que representaram a sexualidade para as participantes.

Subgrupo	Bonina	Dhália	Helicônia	Perpétua	Vanda
A	26 anos	39 anos	36 anos	23 anos	45 anos
	4 (na cama)	4 (na cama)	4 (na cama)	4 (na cama)	4 (na cama)
Imagens	8 (beijando)	8 (beijando)	8 (beijando)	8 (beijando)	8 (beijando)
	10 (vendo TV)	10 (vendo TV)	10 (vendo TV)	10 (vendo TV)	10 (vendo TV)

Fonte: pesquisadora

Tabela 5 - Subgrupo B: Imagens que representaram a sexualidade para as participantes.

Subgrupo	Cidрила	Gardênia	Melissa	Rosário	Torênia
B	42 anos	45 anos	43 anos	44 anos	45 anos
	3 (passeando)	Todas as	3 (passeando)	3 (passeando)	3 (passeando)
Imagens	4 (na cama)	imagens	4 (na cama)	4 (na cama)	4 (na cama)
	8 (beijando)		8 (beijando)	8 (beijando)	8 (beijando)
	10 (vendo TV)		10 (vendo TV)	10 (vendo TV)	10 (vendo TV)

Fonte: pesquisadora

No subgrupo A, as participantes relacionaram a sexualidade à atividade sexual (se for considerada a maior intimidade das cenas, exceto pela imagem 10 (vendo TV), entretanto, apesar de não expressar a mesma intimidade, o casal está só e parece ser íntimo.

No subgrupo B, quatro participantes mostraram as mesmas ideias sobre a sexualidade, com exceção de Gardênia (45 anos), que percebeu a sexualidade em toda sua abrangência, escolhendo todas as imagens e representando-a em todas as fases da vida (do nascimento à velhice) e nas expressões de prazer como dançar, cantar num coral, desenvolver uma atividade (artesanato), aprender coisas novas (computação).

A concepção que conduz a maioria das pessoas a considerar a igualdade dos termos, parte da raiz comum dos vocábulos “sexualidade e sexo”, embora apresentem diferenças nos seus significados absolutos. O termo sexualidade tende a estar associado à prática sexual (sexo), de forma redundante, mesmo por profissionais de saúde (Gomes et al., 2018).

Esta ideia foi confirmada por Bonina (26 anos, profissional de saúde), a partir das escolhas das imagens por Gardênia (45 anos):

*“... sou enfermeira obstetra e não vejo na amamentação um **contexto sexual**, mas há quem veja dessa forma”* (Bonina, 26 anos), (grifo nosso).

- i. Foi respondido a Bonina que a opinião dela era válida e entraríamos em mais detalhes logo após a segunda pergunta, usando as mesmas imagens;
 - ii. Ter iniciado conhecendo as ideias das pesquisadas em relação à sexualidade, em um contexto geral, foi interessante para avaliar as distinções em relação à sexualidade de suas parentes idosas, solteiras, viúvas ou separadas;
- a) Para os subgrupos, ainda com as mesmas figuras em mãos, perguntou-se, em seguida: *e quanto à sexualidade de pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas, quais vocês escolheriam?* Após alguns minutos abriu-se às discussões, com as escolhas a seguir:

Tabela 6 – Subgrupo A: Imagens que representaram a sexualidade de pessoas idosas SVS.

Subgrupo	Bonina	Dhália	Helicônia	Perpétua	Vanda
A	26 anos	39 anos	36 anos	23 anos	45 anos
	3 (passeando)	3 (passeando)	3 (passeando)	3 (passeando)	3 (passeando)
Imagens	7 (dançando)	7 (dançando)	7 (dançando)	4 (na cama)	4 (na cama)
	10 (vendo TV)	10 (vendo TV)	10 (vendo TV)	7 (dançando)	7 (dançando)
				8 (beijando)	8 (beijando)
				10 (vendo TV)	10 (vendo TV)

Fonte: pesquisadora

Tabela 7 - Subgrupo B: Imagens que representaram a sexualidade de pessoas idosas SVS.

Subgrupo	Cidрила	Gardênia	Melissa	Rosário	Torênia
B	42 anos	45 anos	43 anos	44 anos	45 anos
	3 (passeando)	Todas as	3 (passeando)	3 (passeando)	3 (passeando)
Imagens	4 (na cama)	imagens, exceto	4 (na cama)	4 (na cama)	4 (na cama)
	7 (dançando)	a 1 e a 2	7 (dançando)	7 (dançando)	7 (dançando)
	8 (beijando)		8 (beijando)	8 (beijando)	8 (beijando)
	10 (vendo TV)		10 (vendo TV)	10 (vendo TV)	10 (vendo TV)

Fonte: pesquisadora

No subgrupo A, na primeira pergunta, sexualidade e sexo tiveram as mesmas representações. Já ao se perguntar sobre a sexualidade de pessoas idosas, solteiras, viúvas ou separadas, para Perpétua (23 anos) e Vanda (45 anos), notou-se a noção de outras formas de obtenção de prazer, todavia, Bonina (26 anos), Dhália (39 anos) e Helicônia (36 anos) excluíram as imagens de número quatro (na cama) e oito (beijando), como se restringindo (negando) a possibilidade de a tia solteira e das mães viúvas se envolverem em atividades sexuais. Nas escolhas de Dhália (39 anos) e Helicônia (36 anos), existiu a possibilidade de vínculo com as histórias vivenciadas por suas mães e um potencial gesto ou atitude de proteção, como pode ser visto a seguir:

“... pra falar a verdade, eu nunca pensei nada a respeito... na minha família tem pessoas que estão com mais de 60 anos, que nunca se casaram, nem lembro de terem se envolvido com alguém, como o caso de minha tia” (Bonina, 26 anos).

“... minha mãe não quer mais ninguém, tenho certeza, já apareceu e ela dispensou, ela é mais feliz agora” (Dhália, 39 anos).

“... acho que, com a idade, as pessoas vão perdendo o interesse por sexo, e depois que

fica viúva... vejo isso na minha mãe, já teve o marido e se não foi bom, aí que não quer mais ninguém” (Helicônia, 36 anos).

“... minha avó tem 81 anos, diz que não quer mais ninguém, já teve três maridos. Diz que se sente jovem e a cabeça dela é mesmo. Participa do grupo, dos eventos, se diverte, está na dela, aproveitando” (Perpétua, 23 anos).

“...a foto sete (dançando) é tipo Clube das Pás... cheio de idoso e acho que as idosas que são sozinhas, principalmente as solteiras e as separadas frequentam muito. As viúvas, não sei, depende muito, ...dela, da família... no caso da minha mãe prefiro que ela fique quietinha” (Vanda, 45 anos).

No subgrupo B, as concepções das participantes, em relação à sexualidade de pessoas idosas SVS foi um pouco mais ampla, embora a concepção de Gardênia (45 anos) tenha sido mais completa que as demais. Seguem algumas narrativas:

“... a separação impactou muito a vida da minha mãe... no começo não queria que arranjasse outra pessoa, mas todos que apareceram ela cortou... Hoje, vejo diferente, mas se não aceitou mais nova...” (Cidrila, 42 anos).

“... tenho uma experiência na minha família... minha tia com 60 anos, solteira, casou-se com um namorado da juventude. Ele casou e, quando ficou viúvo, procurou ela e a família apoiou” (Gardênia, 45 anos).

“.... Acho que, no caso da minha mãe, não vai acontecer nunca, se bem que um companheiro que respeitasse e gostasse dela faria muito bem” (Melissa, 43 anos).

“... a minha mãe é separada tem 75 anos e só pensa em arranjar um relacionamento... só vive nesses sites de namoro... eu fico preocupada, porque a gente não sabe com quem ela vai se encontrar... acho perigoso, porque ela esconde” (Torênia, 45 anos).

As narrativas de Cidrila (42 anos) e Melissa (43 anos) remetem a uma vivência anterior das mães que, após o possível desgaste sofrido pela separação, escolheram seguir suas vidas sozinhas. No tocante ao envolvimento no assunto, Rosário (45 anos) não se pronunciou.

A fala de Torênia (45 anos) acerca da mãe de 75 anos traduz o ingresso da mulher idosa separada, como tantas outras solteiras e viúvas, no cenário dos sites de namoro virtual, junto à sua preocupação cabível, visto que os próprios sites de relacionamento recomendam o acompanhamento pelos familiares dos contatos e das conversas dos idosos, nessas plataformas. A inclusão dos idosos neste universo é estigmatizada, considerando entre outras perdas, as

auditivas e as visuais, que podem acometer os senescentes. No que toca à questão cognitiva, pode representar um estímulo benéfico, ampliando informações, comunicações e contatos. Homens e mulheres têm objetivos diferentes quando buscam a Internet, particularmente, quando se refere a encontrar relacionamentos (uma realidade cada vez mais crescente, entre jovens, adultos, maduros e pessoas idosas): os homens estão mais propensos ao sexo casual e a envolvimento com curta duração, enquanto as mulheres procuram amigos e relacionamentos mais duradouros (Miró & Mello, 2021; Neves & Dias, 2022).

Conhecidas as escolhas, ocorreu a discussão dialogada acerca da sexualidade humana e da sexualidade de pessoas SVS, temática que não cativa os mais jovens. A negação e o preconceito estão relacionados à carência de iniciativas psicoeducativas e debates a respeito dessa dimensão humana, pela sociedade e por profissionais de saúde (Neves & Dias, 2019).

Apesar de a sexualidade e da prática sexual envolverem dimensões físicas e psíquicas do indivíduo, as finalidades e formas de obter prazer e bem-estar seguem rotas diversas, dependendo do período de vida e das histórias pessoais de cada indivíduo. A nomenclatura “sexual” remete a “sexo” e caracteriza a relação, o ato, a orientação, o comportamento, a identidade; a sexualidade se refere a um “conjunto de funções e manifestações socioculturais, políticas, econômicas, religiosas e espirituais, que envolvem atividades ou vivências expressadas por meio de pensamentos, fantasias, desejos, atitudes, valores e relacionamentos que extrapolam o ato sexual” (Neves & Dias, 2019, p. 107).

Independentemente da fase de vida, a sexualidade “deve ser compreendida como parte integrante da totalidade do ser humano e considerada no sentido holístico”. Sendo assim, “está presente em todos os atos e etapas da vida, na forma de sentir, comunicar e expressar um mundo interior e particular” (Neves & Dias, 2019, p. 106). As contribuições de Baltes e seus colaboradores para a psicologia do desenvolvimento, na década de 1980, mudaram a imagem das pessoas idosas. De pessoas passivas e doentes passaram a ser vistas como capazes de manter a plasticidade e a resiliência no enfrentamento das influências normativas e não normativas (Neves & Dias, 2022).

As autoras citadas reforçam que muitos idosos sentem falta de atenção e de espaço para expressar suas ideias, suas necessidades, não tendo com quem conversar. Sentem-se privados ou inibidos de manifestar sua sexualidade (com ou sem atividade sexual). Os conceitos e preconceitos passados entre gerações tendem a vê-los destituídos da capacidade de sentir prazer, o que precisa ser mudado e percebido como atividade positiva, sem significado de melhor ou pior, não obstante, ajustado ao amadurecimento e ao estado do senescente.

A representação da velhice como um ciclo contínuo de perdas a relegou a um período

sem perspectivas, porém o aumento da população idosa e da expectativa de vida proporcionou novos olhares sobre a velhice, o que vem sinalizando uma reinvenção desta fase (Debert, 2019).

Em conexão com a perspectiva *Life-Span* e a Teoria SOC, pode-se direcionar a sexualidade pela sua permanência ao longo de toda a vida, nesta instância fundamental da constituição humana, presente do nascimento à morte. As sequências de mudanças psicossociais são previstas nos estágios de vida. Por isso, são chamadas de mudanças graduadas pela idade e vão determinar a socialização do indivíduo. Nesse manejo entre ganhos e perdas (constantes), estão os mecanismos de seleção, otimização e compensação, influenciados, também, pelos eventos macroestruturais experimentados pelos acontecimentos comunitários ou coletivos (relacionados a um grupo) (Neri, 2014).

Na vida privada, via de regra, filhos, netos e parentes mais próximos, “não se esforçam para abrandar o destino de seus ascendentes” (Beauvoir, 2018, p. 227). Usualmente, são os primeiros a atribuir aos velhos os papéis de avô e avó ou de cuidadores de outros familiares, subestimando seus desejos, quando não os infantilizam (Neves & Dias, 2019; Neves, 2020).

No que diz respeito à viuvez, ela provoca uma transição na vida das pessoas, como a mudança de identidade, a perda de *status* e, por vezes, a perda da independência econômica. Outra questão importante que impacta, além da perda do cônjuge, é a confrontação com a própria finitude. Os deveres psicossociais no ajustamento emocional (luto, tristeza) e no reinvestimento futuro podem caracterizar um processo que requer: desatar os laços com o antigo companheiro; promover mudanças no cotidiano doméstico; realinhar o sistema familiar, diante da viuvez. É importante destacar que a superação da perda do cônjuge é influenciada por vários aspectos, entre os quais estão a maneira como foi vivenciada a relação conjugal e a relação com os filhos; se existiu lealdade, companheirismo no relacionamento ou se ocorreram traições e violência de qualquer natureza (Stedite et al., 2017; Suzuki et al., 2012).

De acordo com Neri (2014), Souza et al. (2022) e Villa Nova et al. (2024) crenças e avaliações generalizadas e simplificadas reproduzem preconceitos e estereótipos. Em Bonina (26 anos), essas crenças se apresentaram de forma sutil em relação à pessoa idosa solteira que, por não ter formalizado uma relação afetiva, um casamento ou ter tido envolvimento amoroso ao longo da vida, passou a não ter importância ou a ser ignorada, neste aspecto, pelos familiares, o que pode potencializar demandas relacionadas ao isolamento, à negação do desejo, entre outras situações.

Para Helicônia (36 anos), o mesmo se aplica ao que foi dito sobre sua mãe (viúva). São crenças falsas que, dentro da família, amparam a descontinuidade de satisfação com a vida, facilitando um tratamento superprotetor capaz de tolher a autonomia e a independência das

peessoas idosas envolvidas. É possível associar, por meio das falas citadas, dois contextos familiares distintos, inseridos em padrões limitados de percepção.

Portanto, a terceira intervenção trouxe à tona as diferentes ideias sobre sexualidade, que as participantes tinham, e o que mudou, quando se tratava da sexualidade de suas mães, avó e tia SVS. A partir da exposição das opiniões, obtidas com as respostas, foram nítidas as reflexões provocadas, quando referi que: a noção de Gardênia (45 anos) estava correta e que a sexualidade estava presente em todas as fases da vida, desde o nascimento, discorrendo, brevemente, sobre a teoria da sexualidade idealizada por Freud; que havia diferentes maneiras de expressar e vivenciar a sexualidade, para ter uma vida prazerosa; que o desejo de carinho, afeto, atenção e intimidade só se acaba com a morte e que as pessoas idosas podem, dentro dos seus limites e aceitações, querer ou não ter prazer, por meio do sexo, independentemente da idade; que ingressar na senescência repercute no emocional das pessoas e dependendo das concepções e valores da família e do próprio idoso(a) pode representar, como no caso de algumas mulheres SVS, limitações ou oportunidades para reinventar a vida e sentir prazer. Neste momento, Rosário (44 anos), que não tinha falado disse:

“... começo a entender o que não percebia antes, em relação à sexualidade... pensava que fosse só sexo, isso muda tudo, até pra mim” (Rosário, 44 anos).

4.3.1.4 Quarta Intervenção Psicoeducativa

Aconteceu no dia 24 de novembro de 2023, iniciando com uma dinâmica e seguindo com a programação proposta para o dia, com uma vivência, detalhada a seguir:

- a) Começou com um exercício de respiração, seguido de um alongamento, ao som de uma música suave, guiados pela pesquisadora;
- b) Em seguida, explicou-se às participantes que se colocaria uma etiqueta adesiva sobre a testa de cada uma, com comandos desconhecidos, por quem as usava e que ninguém deveria revelar o que estava escrito na testa da outra, apenas seguir os comandos escritos com palavras ou ações. A pesquisadora, então, disse: circulem na sala, olhem-se e sigam os comandos (Apêndice G);
- c) Foi uma vivência movimentada e divertida para grande parte do grupo. Riram e se divertiram ao seguir os comandos, porém nem todas tiveram a mesma experiência;

- d) Após alguns minutos, quando se observou nas fisionomias os sentimentos vivenciados pelas participantes, a prática foi interrompida e se passou a gravar os relatos, descritos nas narrativas impressas na Tabela 8.

Tabela 8 – Sentimentos experienciados durante a vivência da Terceira Intervenção Psicoeducativa e narrados pelas participantes.

Participante	Comando	Sentimento experienciado
Bonina 26 anos	Não olhe para mim	<i>“... por um momento, me senti invisível, deslocada, ninguém falou comigo... foi o sentimento ruim”</i>
Torênia 45 anos		<i>“... me senti, acho que meio frustrada, confusa... vendo as outras se falando e eu esperei fazer o mesmo... quando me aproximava não me olhavam... uma sensação estranha”</i>
Dhália 39 anos	Não me cumprimente	<i>me senti estranha, sem entender nada, excluída e imaginando o que estava escrito”</i>
Rosário 44 anos		<i>“... foi estranho... sentimento de exclusão, de não ter importância para as outras pessoas... pensava no que estava escrito na minha testa. Vendo as outras se abraçando, se falando... não foi uma sensação boa”</i>
Cidrila 42 anos	Me faça um elogio	<i>“... foi uma experiência boa, fiquei curiosa com o que estava escrito na minha testa, mas era coisa boa: como você está bem hoje; que roupa bonita; você é linda; isso é coisa boa!”</i>
Helicônia 36 anos		<i>“... foi interessante, todas me dizendo coisas boas; é muito bom, vez em quando ouvir essas coisas”</i>
Gardênia 45 anos	Aperte minha mão	<i>“... eu gostei... pensei, ainda bem que estão falando comigo... entendi logo que estava escrito pra apertar minha mão”</i>
Melissa 43 anos		<i>“... gostei... fui cumprimentada, abraços, elogiei... fiquei observando quem estava de fora sem participar... achei muito interessante perceber esses lugares”</i>
Perpétua 23 anos	Me dê um abraço	<i>“... foi ótimo receber os abraços, me senti muito bem recebida”</i>
Vanda 45 anos		<i>“... adorei receber os abraços e interagir com as pessoas... me senti estranha não cumprimentando algumas pessoas”</i>

Fonte: pesquisadora

- a) As trocas foram iniciadas, à medida que as expressões verbais iam fluindo. As participantes que se pronunciaram primeiro foram Bonina (26 anos) e Torênia (45 anos), pois a invisibilidade provocada pelo comando – “não olhe para mim” eliciou: “...sentimento ruim”, “... estranheza”, “...frustração”.
- b) Logo, foi mencionada a sensação semelhante, sentida por Dhália (39 anos) e Rosário (44 anos), pelo comando – “não me cumprimente”, que provocou, além da

estranheza “... o sentimento de exclusão”.

As falas das participantes que citaram emoções negativas, se assemelharam aos problemas enfrentados, diuturnamente, pelas pessoas idosas, no que tange aos seus direitos básicos de atenção e visibilidade. Não ser visto ou cumprimentado pelas pessoas que frequentam ou vivem no mesmo ambiente tende a gerar estresse psicológico e todas as participantes referiram que puderam entender como se sente uma pessoa idosa, quando não lhe dão atenção.

O olhar estereotipado para a pessoa idosa, como improdutivo, obsoleta, morosa e decadente é um comportamento visível, em grande parcela da sociedade, especialmente pelos mais jovens. A exclusão ou a invisibilidade podem ocorrer em ambientes institucionais, laborais, políticos, digitais e familiares.

Os sentimentos de estranheza, frustração e invisibilidade referidos por Bonina (26 anos), Torênia (45 anos), Dhália (39 anos) e Rosário (44 anos) ressoam em diversas situações, quando as pessoas idosas são excluídas de atividades, de decisões, de reuniões, entre outras. Nesses instantes, os recursos internos são acionados, imperceptíveis ou não, na aceitação (seleção), na adaptação (otimização), justificando ou mudando o foco (compensação), conscientemente ou não. Situações como estas são praticadas, muitas vezes, inconscientemente ou de forma não intencional, por incompreensão ou desinformação de familiares e/ou cuidadores, que ignoram o que é percebido e sentido pela pessoa idosa (Queiroz & Fischer, 2020).

As sensações positivas das outras participantes serviram de contraste para demonstrar a importância de ser visto, valorizado, elogiado, abraçado. Os movimentos que envolvem boa comunicação e proximidade, quando sinceros, melhoram a qualidade de vida “do outro” e precisam ser compreendidos pelos familiares de pessoas idosas.

A velhice, apesar de ser um fato heterogêneo em termos biológicos, apresenta vulnerabilidades com o passar dos anos. No entanto, a preservação de ganhos evolutivos é possível, quando nos domínios do funcionamento afetivo e intelectual, atuam formas compensatória sobre as limitações cognitivas” (Neri, 2014). Quando a manutenção ou a recuperação não são mais possíveis, o manejo das perdas funciona em níveis mais baixos. Os mecanismos de seleção, otimização e compensação existem e atuam, intuitivamente, no universo de experiências pessoais e culturais (disponíveis em cada indivíduo). Em vista disso, muitas situações vivenciadas pelas pessoas idosas (adaptadas positivamente) passam despercebidas pelos familiares (Neri, 2022).

Na Psicologia do envelhecimento, a capacidade de lidar ou de se recuperar de estressores

externos e internos (a exemplo do idadismo e da exclusão) é compatível com a capacidade de resiliência. De acordo com a perspectiva *Life-Span* e Teoria SOC, há uma mudança adaptativa que utiliza inúmeras estratégias de seleção e otimização para compensação de perdas. No caso da resiliência, “compreende um conjunto de condições que permite que os indivíduos floresçam, mesmo em meio a adversidades” (Fontes, 2010; Neri, 2014, p. 304).

Recorte do diário de campo: ao finalizar o quarto encontro com as participantes senti, mais firmemente, que tinha valido a pena minha proposta de estudo. Era um sentimento meu, que poderia ou não ser confirmado na intervenção seguinte, mas acreditei ter levado as voluntárias desta pesquisa a pensar sobre a sexualidade, como algo, para além do impulso, do desejo e da intimidade de um ato sexual, percebendo que os mecanismos de ganhos e perdas presentes ao longo da vida, estão associados às escolhas, ações e compensações que buscamos.

4.3.1.5 Quinta Intervenção Psicoeducativa

Este encontro foi realizado no dia 14 de dezembro de 2023 e fez o fechamento das intervenções com os familiares. O propósito foi avaliar se a intervenção psicoeducativa conseguiu provocar reflexões nas familiares, acerca da sexualidade na velhice, e minimizar preconceitos.

As estratégias utilizadas procuraram seguir o fluxo previsto e as narrativas das participantes foram dispostas na Tabela 9.

- a) Inicialmente, foi feita uma dinâmica na qual todas as participantes, repetindo juntas e sequencialmente os sons das vogais de seus primeiros nomes, cantando produziram uma “capela” semelhante a um coro. Os sons reproduziram o “eco”, levando a intuir o repasse de informações, seja entre pessoas, grupos ou comunidades, na similaridade à multiplicação de informações, a partir de cada uma;
 - i. Ficaram surpresas ao constatarem o efeito produzido e acharam interessante e divertido;
- b) Na sequência, foi distribuída uma ficha de avaliação (Apêndice H) com quatro perguntas, de respostas objetivas e uma para discorrer, caso desejassem;
- c) Após uma breve pausa, as fichas foram recolhidas e se lançou a questão:
 - “O que eu trouxe e o que eu levo dos encontros?”

Tabela 9 – Resposta à pergunta: “O que eu trouxe e o que eu levo dos encontros?”

Participante	Narrativas
Bonina 26 anos	<i>“... como falei, não tinha essa noção... passo a ver de outra forma agora”</i>
Cidrila 42 anos	<i>“... o que eu trouxe sobre a sexualidade, amizade, está saindo melhor daqui... são coisas que mais pessoas precisam saber”</i>
Dhália 39 anos	<i>“... não entendia que a sexualidade era tão importante... minha mãe é animada, frequenta o grupo de idosos, passeia e pelo que aprendi aqui, ela usa a sexualidade dela, não é?”</i>
Gardênia 45 anos	<i>“... compreendi que minha mãe, depois de tanto sofrimento usa a sexualidade dela quando participa aqui do grupo e até na igreja”</i>
Helicônia 36 anos	<i>“... eu como mulher achei muito bom aprender que amar não tem idade. Pra ser feliz não precisa de um companheiro... minha mãe sofreu muito e hoje ela é livre... gasta a energia dela aqui no grupo, nos passeios, fazendo zumba e está feliz agora”</i>
Melissa 43 anos	<i>“... conhecimento é a melhor coisa do mundo, quanto mais a gente aprende é melhor pra si próprio. Eu pensava de uma forma e passo a pensar de outra e vou ter o cuidado na forma de falar, com qualquer outra pessoa”</i>
Perpétua 23 anos	<i>“... pra mim era uma coisa só... gostei muito de ter participado vai ser muito bom pra mim”</i>
Rosário 44 anos	<i>“...aprendi, principalmente, em relação à sexualidade, que tinha sempre atrelada ao sexo, agora eu aprendi que tudo que nos dá prazer está envolvido com a sexualidade. Com essas informações eu me torno um agente de mudança. Quando eu for conversar com meus filhos, com meus amigos, já vou passar outra informação. Foi muito válido participar, gostei muito”</i>
Torênia 45 anos	<i>“... levo muita coisa e entendo melhor a minha mãe, mesmo sem concordar com a forma de arranjar namorado”</i>
Vanda 45 anos	<i>“... fiquei mais tranquila... no trabalho e nos passeios da igreja, minha mãe está usando a sexualidade dela... está vivendo”</i>

Fonte: pesquisadora

Nas narrativas das participantes dispostas acima, pode-se observar que a intervenção promoveu reflexões e novas concepções sobre a sexualidade, não só das mulheres idosas SVS, como também, da sexualidade delas mesmas. Todos os comentários, se comparados com as narrativas iniciais mostraram um melhor entendimento dessa energia que nos move, ao final da intervenção. Isto foi comprovado, mas realço aqui: a mudança na compreensão da sexualidade de Bonina (26 anos), Cidrila (42 anos), Dhália (39 anos) e Perpétua (23 anos); no demonstrado por Gardênia (45 anos), Helicônia (36 anos) e Vanda (45 anos), descobrindo que suas mães, depois de sofrimentos e da viuvez, estavam sentindo prazer de outra forma; na importância que foi dada por Melissa (43 anos) e Rosário (44 anos), afirmando sua utilidade, tanto para si, como

na transmissão dessas informações, entre os amigos e familiares; e no que referiu Torênia (45 anos), quanto à melhora de compreensão do comportamento de sua mãe.

A mensagem final ficou por conta dos agradecimentos e do desejo de ter fornecido elementos relevantes para uma melhor compreensão da sexualidade em todas as fases da vida, esperando que os conteúdos aprendidos se multiplicassem no contexto familiar e social.

A família é uma instituição complexa, que reflete a realidade do ambiente em que ocorrem vivências pessoais e recíprocas, visto que sua influência é decisiva no desenvolvimento psíquico do indivíduo. Discutir a sexualidade com os familiares é dialogar sobre gênero, afeto, aceitação, relacionamento, além de exercitar a cidadania e ficar atento aos direitos humanos (Junqueira & Ernesto, 2020).

A figura do idoso, socialmente, ainda remete a estereótipos e preconceitos nutridos pela desinformação presentes em inúmeros setores de serviços e de saúde. Neste aspecto, muito há por ser feito para que a pessoa idosa possa ser vista em todas as suas dimensões, entre as quais se reconhece a sexualidade como algo que pode agregar de forma natural e saudável, bem-estar e compensações (Fonseca et al., 2021; Gatti & Pinto, 2019).

Quadro 4 – Síntese das Intervenções Psicoeducativas.

Familiares das mulheres idosas SVS	INTERVENÇÃO PSICOEDUCATIVA (IP)											
	<i>Primeira IP</i>		<i>Segunda IP</i>		<i>Terceira IP</i>				<i>Quarta IP</i>		<i>Quinta IP</i>	
	Convivência Influência		Passado da família /Ancestral		Representaç. Sexualidade		Sexualidade Pessoas SVS		Vivências positivas e negativas de pessoas idosas		O que eu trouxe e o que eu levo dos encontros?	
	Fav	Desf	Fav	Desf	Fav	Desf	Fav	Desf	Fav	Desf	Fav	Desf
					Subgrupo A		Subgrupo A					
Bonina (26 anos)	F	-	-	D		D		ⓓ	-	D	F	-
Dhália (39 anos)	F	-	-	D		D		ⓓ	-	D	F	-
Helicônia (36 anos)	F	-	-	D		D		ⓓ	F	-	F	-
Perpétua (23 anos)	F	-	F	-		D		D	F	-	F	-
Vanda (45 anos)	F	-	F	-		D		D	F	-	F	-
					Subgrupo B		Subgrupo B					
Cidrila (42 anos)	F	-	-	D		D		D	F	-	F	-
Gardênia (45 anos)	F	-	-	D	F		F		F	-	F	-
Melissa (43 anos)	F	-	F	-		D		D	F	-	F	-

Rosário 44 anos)	F	-	-	D		D		D	-	D	F	-
Torênia (45 anos)	F	-	-	D		D		D	-	D	F	-
Resultados	<u>Todas</u> (F) as participantes conviviam e tinham influência nas vidas das mulheres idosas SVS, participantes da pesquisa		<u>Três</u> (F) participantes viram como passado os idosos presentes e os que já morreram; <u>Sete</u> (D) viram como passado só os idosos que já morreram		<u>Uma</u> (F) participante entendia a sexualidade de forma ampla; <u>Nove</u> (D) associaram a sexualidade apenas à atividade sexual,		<u>Uma</u> (F) participante incluiu todas as atividades, exceto 1 e 2; <u>Três</u> <u>D</u> só incluíram passear e dançar; <u>Seis</u> (D) incluíram à atividade sexual, passear		<u>Todas</u> (F) participantes perceberam os possíveis sentimentos vivenciados pelos idosos; <u>Quatro</u> (D) sentiram e compartilharam sentimentos (invisibilidade e exclusão)		<u>Todas</u> (F) participantes disseram levar maior compreensão sobre sexualidade e ter entendido a importância para a vida delas e para a vida das pessoas idosas	

Legenda: SVS (Solteira, Viúva ou Separada); F (Favorável); D (Desfavorável);
IP (Intervenção Psicoeducativa)

Fonte: pesquisadora

4.4 Resultado do terceiro momento da pesquisa: entrevista com as mulheres idosas, solteiras, viúvas ou separadas, pós-intervenção com as familiares

O terceiro e último momento da pesquisa (a segunda entrevista pós-intervenção, com as mesmas 10 participantes idosas SVS) aconteceu no dia 25 de abril de 2024, quatro meses depois da intervenção psicoeducativa com as familiares, utilizando o roteiro da segunda entrevista (APÊNDICE I).

Neste contexto, investigaram-se possíveis mudanças, percebidas pelas mulheres idosas participantes sobre sexualidade, nas concepções e atitudes das filhas, da neta ou da sobrinha.

Como feito anteriormente, ao final dos resultados e das discussões deste tópico, foram sintetizadas, no Quadro 5, as trilhas escolhidas para vivenciar a sexualidade na velhice e as mudanças de concepções e/ou atitudes, entre as filhas, a neta e a sobrinha que se voluntariaram. As alternativas foram dispostas em quatro colunas, duas delas (marcadas por um “X”, quando positivo), mostrando quando as trilhas escolhidas para canalizar a sexualidade das mulheres idosas SVS foram atividades pessoais ou grupais prazerosas ou no voluntariado ou se incluíram atividade sexual. As colunas referentes aos familiares (marcadas com “X”, quando positivo) foram referentes à observação de mudanças nas concepções/atitudes, sobre a sexualidade percebida pelas mulheres idosas SVS pesquisadas.

4.4.1 Novas trilhas para vivenciar a sexualidade na velhice

A base teórica adotada refere que na velhice as pessoas ficam mais seletivas, devido ao acúmulo de experiências, otimizando ações que levam à compensação, capaz de promover uma velhice bem-sucedida ou, pelo menos, que valha a pena ser vivida. Para isto, as mudanças vão sendo adaptadas da melhor forma possível, com os recursos da pessoa. Assim, foram trazidas e discutidas as falas mais representativas deste momento, como se vê a seguir:

“... O que me dá muito prazer é um trabalho voluntário que faço numa comunidade, e também frequentar o Centro de Convivência... a gente tá sempre conhecendo gente... minha filha comentou que gostou do que aprendeu (Dioneia, 66 anos).

“... hoje eu sou como um pássaro livre, depois de tanto tempo de prisão. Frequento o grupo, vou aos passeios, não perco por nada” (Hortência, 65 anos)

“... esse Centro é uma bênção, aqui eu sou feliz, venho por prazer, participo, aprendo coisas, fico alegre” (Genciana, 71 anos).

Para Dioneia (66 anos), viúva há quatro anos, os caminhos escolhidos para usar sua sexualidade foi canalizado para atividades junto ao Centro de Convivência, mas referiu comentários positivos da filha, após participar da intervenção. Hortência (65 anos) e Genciana (71 anos), viúvas há seis e oito anos respectivamente, fizeram as mesmas escolhas, contudo suas filhas não fizeram comentários, sobre a sexualidade ou sobre a intervenção.

Na narrativa de outras participantes:

“... sou ‘Dona Flor e seus três maridos’... o desejo não acaba e eu ainda tenho desejo, mas já me realizei nessa matéria e não me interessa mais. Minha neta disse que gostou” (Petúnia, 81 anos).

“... quero um companheiro, um namorado, já tive depois da separação, mas não deu certo. Não quero participar de grupo nenhum, quero uma pessoa, uma companhia... sexualidade e sexo pra mim é a mesma coisa,” (Tulipa, 75 anos).

“... minha vida é cuidar da casa, do meu filho e ir para a igreja. Não gosto de nada que dê trabalho, não gosto de plantas, de animais, de viver nesses grupos. A igreja já basta. E minha filha não comentou nada, ela sabe que não quero novidades (Cattleya, 72 anos).

“... não tenho interesse, nem quero mudar nada na minha vida; está bom como está.

Depois da viuvez, minha energia está toda voltada para a igreja e está muito bom assim. Aproveito muito quando tem excursão com o grupo. Fiz novas amizades, sou presente nos trabalhos e gosto de estar na igreja, me sinto bem e perto de Deus. Isso, é o bastante! Isso é o bastante! Minha filha, que foi no seu trabalho falou que foi bom (Violeta, 75 anos).

Para Petúnia (81 anos, separada), viver a sexualidade é participar do Centro de Convivência. Em sua história relacional, ela se autorreferiu como “*Dona Flor e seus três maridos*”, afirmando que seu desejo por sexo não acabou. As atividades desenvolvidas em grupo lhe trazem compensação, já que, “no quesito sexo”, disse ter se realizado. Tulipa (75 anos, separada) parece comungar das mesmas ideias relacionadas ao sexo, direcionando-se a buscar um companheiro nos sites de relacionamento, pois não quer se envolver com grupos de convivência ou atividades voltadas para pessoas idosas. Cattleya (72 anos, separada) e Violeta (75 anos, viúva) ressignificaram suas vidas na crença e nos trabalhos da igreja. Entre estas três últimas, Tulipa (75 anos) escolheu trilha distinta em relação a Cattleya (72 anos) e a Violeta (75 anos), todas de posse de suas histórias de vida e de seus recursos internos usaram os mecanismos de seleção e otimizaram caminhos para uma compensação relacionada à sexualidade.

Ainda confirmaram as escolhas já feitas as narrativas a seguir:

“... tive um relacionamento complicado com o marido e após a separação não tive, não desejei, nem procurei relacionamento, aboli isso da minha vida. Minha filha gostou do que aprendeu, lá no grupo que participou” (Margarida, 74 anos).

“... na minha vida não mudou nada em relação à sexualidade, continua tudo do mesmo jeito e acho que não quero mudança. Não tenho mais interesse, já me acostumei a viver só. Sexualidade, pra mim é um conjunto de aspectos físicos, emocionais e espirituais, talvez. Minha sobrinha falou que gostou e que ampliou a visão sobre a sexualidade” (Begônia, 68 anos).

“... sexualidade é um conjunto de coisas que faz bem à vida e ajuda a viver. Tenho um relacionamento independentemente de as filhas aprovarem ou não” (Rosa, 67 anos).

Como dito antes, as pessoas idosas têm uma seleção mais refinada, por vezes, abolindo certos comportamentos em detrimento de outros, para seu bem-estar. Este manejo parte do prévio conhecimento de situações que não desejam mais viver, otimizando os recursos

disponíveis para obter uma compensação satisfatória. O objetivo é a preservação do bem-estar subjetivo (Baltes, 1987; Neri, 2022).

As posturas adotadas por Margarida (74 anos), Begônia (68 anos) e Rosa (67 anos) corroboram com o que dizem os autores citados acima. Elas definiram suas escolhas, selecionando o que lhes proporcionava compensação e bem-estar subjetivo.

O bem-estar subjetivo tem destaque relevante no processo de envelhecimento, em uma perspectiva de desenvolvimento ao longo de toda a vida (*Life-Span* e Teoria SOC). A satisfação tem a ver com a cognição e continua sendo explorada em estudos epidemiológicos, sociológicos e psicológicos, por instrumentos de natureza unidimensional e multidimensional, que envolvem fatores socioeconômicos e condições de saúde física e mental (Neri et al., 2022).

As constâncias e as mudanças interindividuais vão sendo modeladas pelo grau e pela condição de plasticidade ou adaptabilidade comportamental de cada indivíduo. E está relacionada com a potencial preparação para lidar com as variedades de demandas que vão sendo apresentadas ao longo da vida e das situações que se apresentam (Baltes, 1987; Baltes & Baltes, 1990). Definir o que é progresso ou retrocesso pressupõe uma referência, porém nenhuma forma é absoluta para traduzir sua totalidade objetiva e subjetiva. Cada sociedade ou grupo define seus próprios valores e cada indivíduo vive sua história pessoal, pois “a velhice não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural” (Beauvoir, 2018, p. 17).

Muitas são as teorias e os exemplos práticos acerca do que pode trazer satisfação e qualidade de vida às pessoas, principalmente, quando o foco são as pessoas idosas. Kramer et al. (2023) e Vila Nova et al. (2024) ressaltam que a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015) atrela a qualidade de vida de uma pessoa às dimensões física, psicológica, social e contextual, enfatizando os direitos fundamentais, entre os quais se inclui a sexualidade.

Quadro 5 – Síntese do terceiro momento da pesquisa

Mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas (SVS)	Novas trilhas para vivenciar sexualidade na velhice		Mudança de concepções ou atitudes percebida no familiar, pela idosa, pós-intervenção	
	Atividades prazerosas e/ou voluntariado	Atividade sexual	Comentários positivos, sem mudanças perceptíveis	Sem comentários ou sem oportunidade de fazê-los
Begônia (67 anos)	X	-	X	
Cattleya (72 anos)	X	-		X
Dioneia (66 anos)	X	-	X	
Genciana (71 anos)	X	-		X
Hortência (65 anos)	X	-		X
Margarida (74 anos)	X	-	X	

Petúnia (81 anos)	X	-		X
Rosa (67 anos)	X	X		X
Tulipa (75 anos)	-	X		X
Violeta (75 anos)	X	-	X	
Resultados	<u>Nove</u> mantiveram o voluntariado ou atividades prazerosas em grupo para vivenciar sua sexualidade na velhice	<u>Uma</u> , apenas direcionou, exclusivamente, para atividades sexuais; <u>Uma</u> manteve os dois direcionamentos	<u>Quatro</u> fizeram comentários positivos em relação à participação na intervenção.	<u>Seis</u> não fizeram comentários ou não tiveram oportunidade de fazê-los

Legenda: SVS (solteiras, viúvas ou separadas)

Fonte: pesquisadora

Recorte do diário de campo: finalizados os três momentos da pesquisa, ver que o campo estava concluído foi uma satisfação e me senti pronta para seguir nas transcrições e escrita desta tese. Digo isto pelos desafios que foram surgindo no percurso. Durante a pesquisa, o Centro de Convivência mudou de endereço, o que foi bom, porque o local era muito quente e barulhento, no entanto, no processo de mudança, tivemos que esperar a reforma do novo local, enquanto o antigo já estava fechado, mas tudo foi contornado e a atmosfera de cooperação e gentileza se manteve. A última entrevista com as mulheres idosas exigiu mais de mim que da primeira vez, especialmente com as moradoras da comunidade, devido a estarem menos motivadas, talvez pelo período de quatro meses de afastamento.

Neste registro pessoal acredito ter cumprido minha meta e fiquei muito agradecida: por tudo que foi experienciado; pelas 10 mulheres idosas SVS que conheci, pessoas incríveis, algumas sobreviventes de uma época em que as mulheres simplesmente suportavam viver dentro de uma relação tóxica, sem apoio, numa sociedade crítica e julgadora; outras 10 mulheres, também incríveis, de uma geração diferente, que já entenderam que precisavam e podiam “gritar” suas insatisfações em qualquer setor da vida e buscar ajuda. Seis delas passaram por uma separação, três refizeram suas vidas e estão no segundo casamento e as outras três buscam satisfação pessoal, reinventando e aproveitando como podem. Essas mulheres, provavelmente, serão novas versões de mulheres idosas, nas suas velhices.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade que está presente em todas as fases do desenvolvimento deve ser manifestada para beneficiar a vida, principalmente quando é compreendida em suas formas objetiva e subjetiva. A sexualidade e o sexo se confundem no senso comum e intimidam as pessoas. Por outro lado, esta energia poderosa que move os indivíduos costuma ser privada aos idosos, ou temida por conta do desconhecimento. O ser humano se expressa no mundo pela sua sexualidade. Uma pessoa pode viver sem sexo, mas dificilmente consegue viver sem afeto e a afetividade se manifesta pela sexualidade, na forma de conceder e receber atenção do outro.

Procurar entender a sexualidade e desconectá-la do viés estritamente sexual ajuda a transpor barreiras já introjetadas e carregadas de preconceitos. Contudo, não se pode lograr êxito em fazer com que as pessoas idosas, ativas e com saúde equilibrada, entendam a importância de usufruir de sua sexualidade e/ou de sua vida sexual, se a sociedade, a começar pelos seus familiares, não compreendem isto. A ideia de que na velhice o indivíduo deixa de sentir prazer, de ter desejo, de sonhar, de querer continuar a ser visto como um cidadão de direitos é uma negação sociocultural.

Historicamente, com exceções de algumas culturas asiáticas, as pessoas idosas foram e continuam sendo vítimas de preconceitos e discriminações, pelas vulnerabilidades e/ou, pelas marcas físicas associadas ao tempo vivido. Além disso, mudanças de *status* sociais, especialmente para as mulheres, são limitadoras nesta fase da vida. Como um ser social, a pessoa idosa precisa continuar a ter o respeito das instituições (família, comunidade, entre outras) e adotar as estratégias necessárias para ter uma velhice bem-sucedida e feliz.

Neste estudo, foi possível apontar, por meio das narrativas das mulheres idosas, que as vivências relacionais negativas, entre outros fatos marcantes, durante as fases jovem e adulta, repercutem na velhice. Foi também possível a compreensão das concepções e das atitudes de familiares de pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas, acerca da sexualidade na velhice, tanto no que diz respeito às ideias gerais acerca da sexualidade quanto no que se refere à influência da “instituição” família, aqui representada pelas filhas, sobrinha e neta. A influência referida pelas próprias idosas a partir da primeira entrevista foi identificada, entre outras falas, na negativa dessas mulheres diante da possibilidade de contrair novos laços afetivos íntimos, após a viuvez e/ou separação, tendo como alegação principal a influência sobre elas da opinião familiar (filhos, netos ou sobrinhos).

Outras influências puderam ser verificadas na insegurança em apresentar às filhas adultas um novo parceiro após a separação; na certeza (das idosas) de que os filhos não

aceitariam um novo relacionamento depois da viuvez; na possível reprovação de uma parceria amorosa a partir do crivo dos familiares, sendo uma idosa solteira.

A análise do posicionamento familiar trouxe à baila os significados dados (pelos familiares) à sexualidade na velhice, significados estes que corroboram com o da maioria das pessoas nas culturas ocidentais. Em geral, apresentam-se de forma imperceptível e estão presos à noção de que a velhice é sinônimo de finitude, dependência, senilidade, ausência de desejos e incapacidade de novos aprendizados. Estas ideias limitantes são antagônicas ao que preconiza a perspectiva de desenvolvimento ao longo de toda a vida (*Life-span* e Teoria SOC), que enfatiza o manejo cognitivo (estratégias de seleção, otimização e compensação). Estas estratégias na fase jovem e adulta buscam desenvolvimento e crescimento e na velhice prioriza a manutenção de habilidade para uma vida satisfatória e bem-sucedida.

Tais pensamentos emergiram de forma categórica durante a intervenção psicoeducativa realizada com as filhas, neta e sobrinha e evidenciaram a invisibilidade, geralmente inconsciente do familiar em relação ao idoso (ancestral, ainda presente); na concepção de que a sexualidade era sinônimo de atividade sexual apenas; na crença de que as pessoas idosas não têm desejos ou os perdem, após uma viuvez; na afirmação de que, tendo vivenciado um casamento considerado bom pelos filhos, a mãe (viúva) não se adaptaria a um novo relacionamento; na noção de que uma mulher idosa solteira que ainda não teve relacionamento(s) amorosos, não desejaria ou não se permitiria experienciá-los.

As reflexões promovidas pela intervenção psicoeducativa, além das listadas acima, demonstraram que os familiares nunca supuseram quais eram os sentimentos do familiar idoso, quando exposto às estereotipias relacionadas à idade, dentro ou fora do seu ambiente, como ser excluído das rotinas, das decisões ou conversas da vida diária, não receber atenção, entre outras limitações. Constatou-se que, ao longo de toda a vida, existe uma plasticidade adaptativa diante dos eventos, sejam eles normativos ou não. Ademais, os mecanismos utilizados no manejo das mudanças internas e externas (ganhos e perdas) têm por base os recursos individuais e visam à compensação nos enfrentamentos físicos ou emocionais, em todas as fases existentes.

Vale destacar as modificações assinaladas pelas familiares ao final dos encontros. Fez-se menção à quebra de paradigmas relacionados à sexualidade; à compreensão da importância de vivenciar essa energia vital em todas as idades, especialmente para melhorar a qualidade de vida; à identificação de que a sexualidade pode ser canalizada para atividades prazerosas, como no voluntariado, na participação em grupos da igreja, na dança, nos encontros e nos passeios ou viagens realizados, seja pelo Centro de Convivência, seja junto aos familiares ou aos amigos; à desconstrução de “pré”conceitos relacionados à velhice.

Em síntese, cabe dizer que a proposta psicoeducativa culminou em novas compreensões das familiares, acerca da sexualidade, que passou a ser vista como parte integrante, vital e presente em todas as etapas da vida, possibilitando mudanças de atitudes, frente a novas situações, que porventura seus familiares idosos venham a viver. Este recurso pode ser útil em diversos setores e serviços que visam ao bem-estar dos senescentes, à medida que podem ajudar a melhorar a compreensão do universo pessoal do idoso e facilitar a comunicação entre gerações, beneficiando o ambiente doméstico.

A segunda entrevista realizada com as mulheres idosas solteiras, viúvas e separadas, após quatro meses da intervenção psicoeducativa, confirmou a seletividade das escolhas que a viuvez e a separação podem proporcionar; em algumas situações, a reconquista da liberdade, incluindo a adesão de pessoas idosas às tecnologias digitais para fins de relacionamento, a despeito da preocupação dos filhos.

No que diz respeito à hipótese deste estudo, esta foi confirmada e podemos dizer: que os filhos, os netos e os sobrinhos que têm vínculos familiares afetivos e significativos influenciam na sexualidade de mulheres idosas solteiras, viúvas ou separadas. Também ficou evidente a contribuição científica da psicoeducação.

Assim, deseja-se que esta tese tenha visibilidade e instigue outros pesquisadores a estudar sobre a temática. Que os relatos descritos contribuam para incluir nas propostas públicas e privadas direcionadas aos idosos e aos seus familiares temas relacionados com a convivência, a sexualidade, a atividade sexual e a qualidade de vida. Espera-se também que outros profissionais de saúde sejam sensibilizados e falem sobre sexualidade com seus clientes idosos, entendendo que este aspecto é básico e importante durante toda a vida.

Este trabalho apresentou algumas limitações: não houve participantes do sexo masculino, tanto no grupo de idosas quanto no grupo de familiares; as mulheres idosas não apresentaram perspectiva de mudança no tocante às escolhas já definidas em relação à sexualidade, apesar da mudança de compreensão dos familiares; o período de quatro meses pode não ter sido suficiente para o surgimento de novas oportunidades na vida dessas mulheres idosas, não possibilitando o registro de mudanças efetivas.

A título de sugestão, seria interessante a realização de uma pesquisa longitudinal, por um período mais longo, com um número maior de pessoas idosas solteiras, viúvas e separadas e com seus familiares, tendo em vista os pressupostos Life-Span e a Teoria da Seleção, Otimização e Compensação.

REFERÊNCIAS

- Afonso, M. L. M., & Coutinho, A. R. A. (2015). Metodologia de trabalho com grupos e sua utilização na área da saúde, In M. L. M. Afonso (Eds.), *Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde* (pp. 59-83). Casa do Psicólogo.
- Albuquerque, G. A., Callou, R. C. M., & Magalhães, B. C. (2021). Violência doméstica: construções, repercussões e manutenção. *Revista Saúde.Com*, 17(2), 2191- 2202. <http://dx.doi.org/10.22481/rsc.v17i2.7528>
- Almeida, D. P., Graterol, M. M. V., & González, F. E.(2024). A singularidade do sujeito nas pesquisas qualitativas. *Paradigma*, 1, e2024-e2026. <https://doi.10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2024.e2024026.id1533>
- Araújo, A. C. F. (2015). Rompendo o silêncio: desvelando a sexualidade em idosos. *UNILUS Ensino e Pesquisa*, 12(29), 35-41. <http://revista.unilus.edu.br/index.php/ruep/article/view/689/u2015v12n29e689>.
- Araújo, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia Ciência e Profissão*, 22(2), 70-77. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>
- Baltes, P. B., Reese, H. W., & Lipsitt, L. P. (1980). Life-span developmental psychology. *Annual Review of Psychology*, 31, 65-110. <https://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev.ps.31.020180.000433>.
- Baltes, P. B. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: on the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 23(5), 611–626. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.23.5.611>
- Baltes, P. B., & Baltes, M. M. (1990). Psychological perspectives on successful aging: the model of selective optimization with compensation. In P. B. Baltes & M. M. Baltes (Eds.), *Successful aging: perspectives from the behavioral sciences* (pp. 1-34). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511665684.003>.
- Baltes, P. B. (1997). On the incomplete architecture of human ontogeny: Selection, optimization, and compensation as foundation of developmental theory. *American psychologist*, 52(4), 366-380. <https://psycnet.apa.org/buy/1997-03698-009>.
- Baltes, B. B., & Dickson, M. W. (2001). Using life-span models in industrial-organizational psychology: the theory of selective optimization with compensation. *Applied Developmental Science*, 5(1), p. 51-62. https://doi.org/10.1207/S1532480XADS0501_5
- Baltes, B.B., & Heydens-Gahir, H.A. (2003). Reduction of work-family conflict through the use of selection, optimization, and compensation behaviors. *Journal Appl Psychology*. 88(6), 1005-18. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.88.6.1005>.

- Baltes, M. M., & Lang, F. R. (1997). Everyday functioning and successful aging: the impact of resources. *Psychology and Aging*, 12(3), 433-443. <https://doi.org/10.1037/0882-7974.12.3.433>
- Baltes, P. B., Lindenberger, U., & Staudinger, U. M. (2006). Life Span Theory in Developmental Psychology. In *Handbook of Child Psychology*. (6a ed.). (pp. 569-664). Wiley. <https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0111>.
- Barbosa, G. C., Faria, T. K., Ribeiro, P. C. C., & Mármora, C. H. C. (2020). A relação entre fatores biopsicossociais e os desfechos clínicos de hospitalização, institucionalização e mortalidade segundo o paradigma de desenvolvimento *lifespan*. *Brazilian Journal of Development*, 6(11), 85823-85846. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n11-124>
- Batistoni, S. S. T. (2016). Emoções e envelhecimento. In D. S. Falcão, D. S, L. F. Araújo, & L. S. Pedrosa (Orgs.), *Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar* (pp. 71-86). Alínea.
- Bazza, A. B., & Navarro, P. (2019). Discursos sobre o idoso: sexualidade e subjetividade. *Linguagem em Discurso*, 19(2), 293-309. <https://www.scielo.br/j/ld/a/VmqNFwDSSHqcCyhZN7KrP3H/?format=pdf&lang=pt>.
- Beauvoir, S. (2018). *A velhice* (2a ed., M. H. F. Martins, Trad.). Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1970).
- Berger, K. S. (2011). *O desenvolvimento da pessoa: do nascimento à terceira idade*. (5a ed., D. C. de Alencar Trad.). LTC.
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina*. (11a ed., M. H. Kühner Trad.). Bertrand Brasil.
- Brás, A. R. (2022). E tudo a viuvez levou? o impacto da morte do cônjuge no papel das mulheres nas famílias, *Fórum Sociológico*, 40, 59-71. <https://doi.org/10.4000/sociologico.10535>
- Brito, E. J. E., & Ponciano, E. L. T. (2021). Estar em grupo: psicoeducação para experienciar sensações corporais e emoções. *Contextos Clínicos*, 14(3), 904-927. <https://doi.org/10.4013/ctc.2021.143.08>
- Camarano, A. A., & Fernandes, D. (2022). Envelhecimento da população brasileira: contribuição demográfica. In E. V. Freitas, & L. Py (Orgs.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (Cap. 1, pp. 1-11). Guanabara Koogan.
- Campos, C. J. G., & Saidel, M. G. B. (2022). Amostragem em investigações qualitativas: conceitos e aplicações ao campo da saúde. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 10(25), 404-424. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2022.v.10.n.25.545>
- Cardoso, J. (2010). Corporalidade e sexualidade – discursos e práticas. *Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica*, 1, 21-31. <http://hdl.handle.net/10400.26/4834>
- Carneiro, N. (1977). Lei do Divórcio. Lei nº 6.515 de 26/12/1977. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos,

- e dá outras providências. *Diário Oficial da União* de 11/04/1978: p. 5073, col. 1.
<https://legis.senado.leg.br/norma/548391#:AUTOR%3A%20SENADOR%20NELSON%20CARNEIRO%20%2D%20PLS%20156%20DE%201977.&text=DIVORCIO%2>
- Cavalcante, L. B., Nascimento, L. C. R., & Souza, I. C. S. (2022). Violência doméstica contra mulher: Um fator social e cultural no Brasil. *Revista da FAESF*, 6(3), 27-41.
<http://doi10.58969/25947125.6.3.2022.171>
- Colussi, E. L., Pichler, N. A., & Grochot, L. (2019). Percepções de idosos e familiares acerca do envelhecimento. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 22(1), 1-8.
<http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562019022.180157>.
- Dantas, A. R., Alves, S. S., Fernandes, M. C., Silva, R. J., & Lima, M. A. (2023). Ações educativas como possibilidade de repensar a sexualidade da pessoa idosa. *Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde*, 12(2), 1-12.
http://dx.doi.org/10.18554/reas.v12i2.5121_e202379
- Dantas, B. S. A. (2010). Sexualidade, cristianismo e poder. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(3), 700-728. <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844633005.pdf>.
- Dantas, V., Batista, R. C. F^o., Dantas, R. A. N., Nascimento, J. C. P., Nunes, H. M. A., Rodriguez, G. C. B., & Silva, I. F. X. (2017). Sexualidade e qualidade de vida na terceira idade. *Revista Brasileira de Pesquisa e Saúde*, 19(4), 140-148.
<https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/19814/13235>.
- Debert, G., & Brigeiro, M. (2012). Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27(80), 37-54.
<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n80/v27n80a03.pdf>.
- Debert, G. (2019). O corpo e a reinvenção da velhice. In E. P. Rabinovich, L. V. C. Moreira, E. S. Brito, & M. M. Ferreira (Org.), *Envelhecimento e intergeracionalidade: olhares interdisciplinares 2*. (Cap. 1, pp. 21-39). CRV.
- Dias, C. M. S. B., & Schuler, E. (2013). Uma proposta de intervenção psicoeducativa com avós que criam seus netos. In A. Garcia, & R. Díaz-Loving (Orgs.). *Relações familiares: estudos latino-americanos* (pp. 30-43). UFES.
https://agnaldogarcia.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/12/garcia_livro_relac3a7c3b5es-familiares_isbn.pdf#page=30.
- Diniz, M., & Ribeiro, J. P. (2009). O sexo na pré-história. In J. A. Ramos, M. C. Fialho, & N. S. Rodrigues (Orgs.), *A sexualidade no mundo antigo* (pp. 27-54). Artes Gráficas.
- Falcão, D.V.S. (2012). A pessoa idosa no contexto da família. In M. N. Baptista, & M. M. Teodoro (Eds.), *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção*. (pp.100-111) Artmed.
- Faleiros, V. F. (2023). A estruturação do idadismo contra a pessoa idosa. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, 34(2), 01-20. <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/15332>
- Ferrigno, J. C. (2015). *Conflito e cooperação entre gerações*, Edições Sesc, 232 p.

- Fleury, H. J., & Abdo, C. H. N. (2022). A sexualidade de mulheres mais velhas. *Diagnóstico e Tratamento*, 27(3), 91-3. https://docs.bvsalud.org/biblioref/2022/08/1380677/rdt-v27n3_91-93.pdf
- Fonseca, N. M., Pereira, A. R., Souza, M. S., Cruz, G. H. S., Souza, C. S., Medeiros, M. R. B., Lima, E. R., & Teles M. A. B. (2021). Percepções e Vivências de Mulheres Idosas Sobre a Sexualidade na Velhice: a Redescoberta da Alegria de Viver. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, 25(3), 405-414. <https://dx.doi.org/10.22478/ufpb.2317-6032.2021v25n3.57116>
- Fontes, A. P. (2010). Resiliência, segundo o paradigma do desenvolvimento ao longo da vida (*life-span*). *Revista Kairós Gerontologia*, Cadernos Temáticos 7, 8-20. <http://revista.pucsp.br/kairos/article/view/3917/2558>.
- Fontes, A. P., & Neri, A. L. (2015). Resiliência e velhice: revisão de literatura. *Ciência e Saúde Coletiva*, 20(5), 1479-1495. https://www.scielo.br/pdf/csc/v20n5/pt_1413-8123-csc-20-05-01475.pdf.
- Foucault, M. (1985). *História da sexualidade. 3: o cuidado de si* (8ª ed., M.T. C. Albuquerque Trad.). Edições Graal.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade. 1: a vontade de saber* (12a ed., M.T. C. Albuquerque, & J. A. G. Albuquerque Trad.). Edições Graal.
- Freire, S. A., Resende, M. C., & Rabelo, D. F. (2012). Enfrentando mudanças no envelhecimento: o modelo de seleção, otimização e compensação. *Perspectivas em Psicologia*, 16(1), 190-211. <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/27556/15110>.
- Freire, S. E. A., & Sousa, R. S. (2017). Amor e sexo percebidos por idosos: seus correlatos valorativos. In C. M. R. G. Carvalho, & L. F. Araújo (Orgs.). *Envelhecimento e práticas gerontológicas*. (Cap. 9, pp. 165-175). CRV.
- Freitas, M. A. A. (2021). Família: novos paradigmas. *Vínculo - Revista do Nesp*, 18(3), 47-54. <https://doi.org/10.32467/issn.19982-1492v18nesp.p523-534>
- Gatti, M.C., & Pinto, M. J. C. (2019). Velhice ativa: a vivência afetivo-sexual da pessoa idosa. *Vínculo - Revista do Nesp*, 16(2), 1-15. <https://www.redalyc.org/journal/1394/139462931008/139462931008.pdf>
- Gedrat, D. C., Silveira, E. F., & Almeida Neto, H. (2020). Perfil dos parceiros íntimos de violência doméstica: uma expressão da questão social brasileira. *Serviço Social*, 138, 342-358. <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.216>
- Gianvecchio, L. A. D. A., & Gonçalves, J. P. (2024). Machismo, violência doméstica e influência das mídias na cultura brasileira. *Trajetórias Humanas Transcontinentais*, 12, 35-49. <http://doi.10.25965/trahs.6069>
- Gomes, R. M., Cidreira, J. M., Santos, M. C. Q., Bastos, N. L. M. V., Santos, K. A., &

- Santos, M. L. Q. (2018). Sexualidade na terceira idade: as representações sobre sexo. *Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 2(40), 939-955.
<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1168/1697>.
- Gómez-Diago, G. (2022). Tipologías de paradigmas en la investigación en comunicación. Una propuesta de clasificación. *Revista de Comunicación*, 21(1), 181-194.
<http://dx.doi.org/10.26441/rc21.1-2022-a9>
- Guazi, T. S. (2021). Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. *Revista Educação, Pesquisa e Inclusão*, 2(1), 1-20.
<https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v2i0.7131>
- Gregersen, E. (1983). *Práticas sexuais: a história da sexualidade humana*. (A. A. T. Serra, & E. Ferreira Trad.). Roca.
- Hekma, G. (1995). Uma história da sexologia: aspectos sociais e históricos da sexualidade. (C. K. Moreira Trad.). In J. Bremmer (Org.), *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*. (pp. 237-267). Papirus.
- Instituto Brasileiro de Direito de Família (2022). *Brasil bate recorde de divórcios em 2021, segundo pesquisa do CNB*.
<https://ibdfam.org.br/noticias/9577/Brasil+bate+recorde+de+divórcios+em+2021%2C+segundo+pesquisa+do+CNB>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. *Agência IBGE Notícias*.
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186->
- Junqueira, P. & Ernesto, A. S. (2020). Família e educação em sexualidade: uma proposta de reflexão. *Revista de Direito Civil*, 2(2), 146-155.
<https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaDirCivil/article/view/1667>
- Kassulke, A., & Soares, A. V. (2022). Envelhecimento: aprendizagem e vivência sob a perspectiva de Erikson. *Revista Confluências Culturais*, 11(2), 72–82.
<https://doi.org/10.21726/rcc.v11i2.1811>
- Kramer Neto, A., Carrijo, L. M., Mamede, L. R. L. S., Bastos, G. C. F. C., & Almeida, R. J. (2023). Fatores associados à satisfação com a vida em pessoas idosas. *Revista Brasileira Militar de Ciências*, 9(23), 1-13.
<https://doi.org/10.36414/rbmc.v9i23.163>.
- Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. (2006, 7 de agosto). Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm
- Leite, A. A. M., & Silva, M. L. (2019). Um estudo bibliográfico da teoria psicossocial de Erik Erikson: contribuições para a educação. *Debates em Educação*, 11(23), 148-168.
<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n23p148-168>

- Lemos, M. B. (1986). Metodologias sequenciais de investigação do desenvolvimento. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 143-154. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14800/2/82014.pdf>.
- Lima, F. P. S., Dutra, L. N. L., Novaes, L. F., Fernandes, I. S., Brech, G. C., & Sales, R. J. (2022). Corpo temporal e sexualidade atemporal: um conflito na velhice. *Research, Society and Development*, 11(9), e10811931519. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31519>
- Lima, L. C. S., Sbr., Mendes, A. L. A. C., Lima, A. A. M. R., Vieira, F. C., Mendes, M. F. O. C., Cavalcanti, T. O. C., & Lacerda, W. W. (2024). Envelhecimento populacional e feminização da velhice no contexto da atenção à saúde do idoso no Brasil. *Brazilian Journal of Health Review*, 7(2), 01-13. <https://doi.org/10.34119/bjhrv7n2-207>
- Lombardía, P. (1954). Los matrimonios mixtos en el Concilio de Elvira. In Ministerio de Justicia (España) (Ed.), *Anuario de historia del derecho español*, 24, 543-558. https://www.boe.es/biblioteca_juridica/anuarios_derecho/abrir_pdf.php?id=ANU-H-1954-10054300558
- Lins, R. N. (2012). *O livro do amor: da pré-história à renascença*. (Vol. 1). Best-Seller.
- Mendonça, J. M. B., Abigailil, A. P. C., Pereira, P. A. P., Yuste, A., & Ribeiro, J. H. S. (2021). O sentido do envelhecer para o idoso dependente. *Ciência e Saúde Coletiva*, 26(1), 57-65. <https://www.scielo.br/j/csc/a/wBsSgfmPpr3pWznwBpSKjhP/?lang=pt>
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec.
- Miranda, G. M. D., Mendes, A. C. G., & Silva, A. L. A. (2016). O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(3), 507-519. http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v19n3/pt_1809-9823-rbgg-19-03-00507pdf.
- Miranda, S. C. G. (2021). A viuvez na população idosa brasileira. *Longeviver*, 310), 35-42. <https://portaldoenvelhecimento.com.br/revista-longeviver-ano-iii-no10-abr-mai-jun-2021/>.
- Miró, N. M., & Mello, R. M. A. V. (2021). Representação da velhice: reflexões sobre estereótipos, preconceito e estigmatização dos idosos. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, 32(1), 273-298. <http://doi.10.31423/oikos.v32i1.9889>.
- Neiva, K. M. C. (2010). *Intervenção psicossocial: aspectos teóricos, metodológico e experiências práticas*. Vetor.
- Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. *Temas em Psicologia*, 14(1), 17-34. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v14n1/v14n1a05.pdf>.
- Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia*. (4a ed.). Alínea.
- Neri, A. L. (2022). Teorias psicológicas do envelhecimento: percurso histórico e teorias

- atuais. In E. V. Freitas, & L. Py (Orgs.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (5a ed., pp. 1225-1234). Guanabara Koogan.
- Neri, A. L., Batistone, S. T., & Ribeiro, C. C. (2022). Bem-estar Psicológico, saúde e longevidade. In E. V. Freitas, & L. Py (Orgs.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (5a ed., pp. e55-e63). Guanabara Koogan.
- Neves, V. L. C., & Dias, C. M. S. B. (2019). Sexualidade: desafios e apropriações na velhice. In E. P. Rabinovich, L. V. C. Moreira, E. S. Brito, & M. M. Ferreira (Orgs.), *Envelhecimento e intergeracionalidade: olhares interdisciplinares 2*. (Cap. 6, pp. 103-120). CRV.
- Neves, V. L. C., & Dias, C. M. S. B. (2022). Os relacionamentos amorosos na era digital na perspectiva da psicogerontecnologia. In F. P. A. Silva, E. P. Rabinovich, & L. M. N. Cardoso (Orgs.), *Envelhecimento & sexualidade 3*. (Cap. 2, pp. 25-33). CRV.
- Neves, V. L. C. (2020). *Sexualidade: (re)descobrimos possibilidades na(s) velhice(s)* [Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Pernambuco]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Católica de Pernambuco.
<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1360>.
- Nimrod, G. (2020). Aging Well in the Digital Age: Technology in Processes of Selective Optimization with Compensation. *Journals of Gerontology: Social Sciences*, 75(9), 2008–2017. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbz111>
- Oliveira, D. V., Vilaça, K. H. C., Antunes, M. D., & Franco, M. F. (2021). O processo de envelhecimento. In D. V. Oliveira (Org.), *Educação física em gerontologia* (Cap. 2, pp. 31-40). Appris.
- Oliveira, E. B. C., Santos, P. M. F., Molina, N. P. F. M., Ferreira, P. C. S., & Rodrigues, L. R. (2023). Sexualidade e autoestima entre mulheres idosas. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 23(4), 1-11. <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/12353>
- Oliveira, K. F. (2019). O corpo e a sexualidade na terceira idade: um olhar sobre como vem se lidando com essa dimensão da idade. *Gestão, Educação, Tecnologia e Saúde*, 2(1), 42-66. <https://ojs3x.gets.science/index.php/gets/article/view/14/artigo>.
- Organização Mundial de Saúde (2010). *Sexualidade e direitos ao longo da vida*.
<https://www.paho.org/pt/topicos/saude-sexual-e-reprodutiva>.
- Organização Mundial de Saúde (2015). *Relatório mundial de envelhecimento e saúde*.
<http://www.who.int/ageing/publications/world-report-2015/en/>
- Papalia, D. E., & Martorell, G. (2022). *Desenvolvimento humano*. (14a ed., F. A. da Costa Trad.). Artmed.
- Pernoud, R. (1977). *O mito da idade média*. (M. C. Santos Trad.). Europam.
- Pinto, M. X. R., Reis, Luana. A., Santana, E. S., & Reis, Luciana, A. (2019). Sexualidade e envelhecimento: a percepção de idosos participantes de grupo de convivência.

Fisioterapia Brasil, 20(1), 43-9. <http://dx.doi.org/10.33233/fb.v20i1.2386>.

- Queiroz, O. N. C., & Fischer, L. B. (2020). A vulnerabilidade e a exclusão do idoso na sociedade contemporânea. In V. Moreira, J. Machado, C. M. Gomes, C. Gomes, C. A. R. Nunes, L. R. Soares (Orgs.). *Anais do quinto congresso internacional de direitos humanos de Coimbra: uma visão transdisciplinar*. p.55. https://www.cidhcoimbra.com/_files/ugd/8f3de9_2157e72867444703a96865c9045988e6.pdf#page=55
- Rocio, M. F. (2015). *Os Deuses e o Sexo: a influência da fé greco-romana entre quatro paredes*. [https://www.academia.edu/31466641/Os Deuses e o Sexo A influência da fé grec o romana entre quatro paredes?f_ri=14887](https://www.academia.edu/31466641/Os_Deuses_e_o_Sexo_A_influência_da_fé_grec_o_romana_entre_quatro_paredes?f_ri=14887)
- Rola, M. J. L. (2020). “*Solteiras, mas não solteironas...*” percepções, significações e vivências de mulheres solteiras mais velhas [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/130739/2/432842.pdf>
- Santos, D. L. J., & Trindade, J. S. F. (2021). Educação, sexualidade e religião: (des) colonizando corpos femininos. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 54, 65-83. <https://doi.org/10.34619/dnrm-d39i>.
- Schmitz, E. D. (2021). Uma breve história da histeria: da antiguidade aos tempos atuais. *Revista Mosaico*, 14, 227-238. <https://doi.org/10.18224/mos.v14i2.8754>
- Schneider, N., & Pavin, R. (2021). As relações de gênero e a feminização da velhice. *Diálogo*, 48, 01-09. <http://dx.doi.org/10.18316/dialogo.v0i48.8668>
- Schulz, R., & Heckhausen, J. (1996). A life span model of successful aging. *American Psychologist*, 51(7), 702-714. <http://psycnet.apa.org/record/1996-04968-003>.
- Seixas, A. M. R. (1998). *Sexualidade feminina. História cultura, família: personalidade e psicodrama*. Senac.
- Silva, C. A. S. O., & Paulino, P. R. V. (2021). Violência doméstica contra a mulher: olhares da psicologia e intercessão com a dimensão espiritual/religiosa. *Cadernos de Psicologia*, 3(6), 804-825. <https://doi.org/10.5281/zenodo.13695386>
- Silva, I. R. M., Ribeiro, M. B., & Faria, A. G. D. (2023). A importância da atuação da Psicologia em face ao desenvolvimento saudável do idoso e combate ao idadismo: revisão de literatura. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, 34(2), 01-18. <http://dx.doi.org/10.31423/2236-8493.v34i2.15256>
- Silva, T. J. R. (2015). A normatização de condutas na Gália franca dos séculos VI e VII: o exemplo dos cânones conciliares. *Anos 90*, 22(41), 239–266. <https://doi.org/10.22456/1983-201X.40725>
- Silveira, J. M. (2013). A sexualidade da criança no cotidiano da instituição infantil. *Educativa*, 16(2), 285-296.

- <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/3092>.
- Soares, K.G., & Meneghel, S. N. (2021). O silêncio da sexualidade em idosos dependentes. *Ciência e Saúde Coletiva*, 26(1), 129-131.
<https://www.scielo.br/j/csc/a/zKHkCkv9LPWPVQ8JYpyRRjp/?format=pdf&lang=em>
- Souto, J. F., & Oliveira, R. K. (2019). Envelhecimento bem-sucedido e estratégias de seleção, otimização e compensação em idosos com câncer. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 22(2), 170-188.
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582019000300010
- Souza, J. A. R., Carrijo, J. A. P., Ferreira, P. C. S., & Gonçalves, J. R. L. (2022). Fatores influenciadores da sexualidade em mulheres idosas. *Revista Científica de Enfermagem*, 12(38), 247-256. <https://doi.org/10.24276/rrecien2022.12.38.247-256>
- Staudingers, U.M., Marsiske, M., & Baltes. P. B. (1995). Resilience and reserve capacity in later adulthood: potentials and limits of development across the life-span. In D. Cicchetti & D. J. Cohen (Eds.). *Developmental Psychopathology* 2, (Cap. 22, pp. 801-847. Wiley. <https://midus.wisc.edu/findings/pdfs/95.pdf>.
- Stedile, T., Martini, M. I. G., & Schmidt, B. (2017). Mulheres idosas e sua experiência após a viuvez. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(2), 327-343.
http://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/2445/1689.
- Stefanini, J. R., Braga, T. B. M., Sousa, J. M., & Farinha, M. G. (2021). Mulheres que vivenciaram violência por parceiros íntimo: sofrimentos e superações *Perspectivas em Psicologia*, 25(2), n. 194-218. <https://doi.org/10.1590/s1518-8787.2017051006385>
- Suzuki, M. Y., Bento-Silva, T. L., & Falcão, D. V. S. (2012). Viúvas idosas: da perda à organização. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), 207-223.
<https://doi.org/10.23925/2176-901X.2012v15iEspecial12p207-223>
- Szymanski, H., & Szymanski, L. (2014). O encontro reflexivo como prática psicoeducativa: uma perspectiva fenomenológica. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, 19(1), 9-22. <http://dx.doi.org/10.18316/1594>.
- Tomazini, R. J. (2019). Qualidade de vida na velhice: envelhecimento ativo e sexualidade. *Diaphora*, 8(2), 59-64.
<http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/194>.
- Tomé, A. M., & Formiga, N. S. (2020). Theories and perspectives about aging: concept and reflections. *Research, Society and Development*, 9(7), 1-28.
<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4589>.
- Turassa, N. G., Bandeira, T. B., Rodrigues da Silva, V., & Salles, R. J. (2021). Análise do processo de luto pela perda do cônjuge na velhice. *Colloquium: Health and Education*, 1(2), 1-28. <https://doi.org/10.37497/colloquium.v1i2.28>.
- Turato E. R. (2013). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. (6a ed.). Vozes.

- Villa Nova, C. L., Corrêa, K. B., Lourenço, V. A., Jorge, B. S. D., Silva, T. M. G., & Santos, A. L. (2024). Concepções e vivências da sexualidade e seus efeitos nas vidas de mulheres idosas. *Revista de Pesquisa Online*, e13035-e13035.
<https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v16.13035>
- Wilson-Nash, C., Pavlopoulou, I., & Wang, Z. (2023). Selecting, optimizing, and compensating during lockdown: how older consumers use social networking services to improve social well-being. *Journal of Interactive Marketing*, 58(2-3), 301-320.
<https://doi.10.1177/10949968231155156>
- Yalom, I. D. (2006). *Psicoterapia de Grupo: teoria e prática*. (R. C. Costa Trad.). Artmed

ANEXOS

ANEXO 1



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO (UNICAP)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SEXUALIDADE DE PESSOAS IDOSAS SOLTEIRAS, VIÚVAS OU SEPARADAS: CONCEPÇÕES E ATITUDES DE FAMILIARES

Pesquisador: Cristina Maria de Souza Brito Dias

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 69838023.8.0000.5206

Instituição Proponente: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.253.537

Apresentação do Projeto:

Este projeto partiu do questionamento: “as concepções e as atitudes de familiares podem interferir na expressão da sexualidade das pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas? E esta questão constituiu seu objetivo geral. Portanto, visa compreender essas concepções e atitudes acerca da sexualidade na velhice. A base teórica adotada será o paradigma Lifespan, que preconiza a capacidade do ser humano se desenvolver ao longo de toda a vida, bem como a Teoria da Seleção, Otimização e Compensação (SOC), que consiste no manejo biopsicossocial frente aos eventos e mudanças ocorridas nas diferentes fases da vida, num processo contínuo de perdas e ganhos. Participarão 20 pessoas de ambos os sexos, sendo 10 pessoas idosas, solteiras, viúvas ou separadas (com 60 anos ou mais) e 10 familiares que convivem com esses idosos, entre filhos(as), netos(as), bisnetos(as) ou sobrinhos(as), que estejam na faixa etária de 18 a 45 anos. A pesquisa será longitudinal e acontecerá num período de 18 semanas, em três momentos. Os instrumentos utilizados serão: 1) primeiro momento: será preenchido um questionário sociodemográfico e realizada uma entrevista com roteiro com as pessoas idosas; 2) momento: cinco encontros sendo um grupo focal e quatro sessões de intervenção

Endereço: Rua Almeida Cunha, nº 245 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4041

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO (UNICAP)



Continuação do Parecer: 6.253.537

psicoeducativa com os familiares indicados pelos idosos; 3) terceiro momento: uma nova entrevista de follow up com as pessoas idosas, que ocorrerá três meses após a intervenção com os familiares. Os dados obtidos nesses momentos serão analisados à luz da Técnica de Análise de Conteúdo Temática. Espera-se dar visibilidade social e científica ao tema e facilitar novas compreensões acerca da sexualidade das pessoas idosas, em especial daquelas que estão solteiras, viúvas ou separadas. Almeja-se ainda possibilitar uma melhor comunicação entre os familiares, bem como elaborar uma intervenção psicoeducativa capaz de instigar novas concepções acerca da sexualidade na velhice, além de elaborar uma cartilha para os idosos e seus familiares, a partir dos resultados obtidos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Compreender as concepções e as atitudes de familiares de pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas, acerca da sexualidade na velhice.

Objetivo Secundário:

- Identificar se há e como se dá a interferência de familiares na expressão da sexualidade das pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas, na perspectiva dos próprios idosos;
- Analisar os significados dados à sexualidade na velhice, por parte de filhos(as), netos(as), bisnetos(as) ou sobrinhos(as);
- Propor uma intervenção psicoeducativa com familiares que interferem na expressão da sexualidade desses idosos, na expectativa de estimular a reflexão e/ou minimizar preconceitos subjacentes;
- Avaliar, na narrativa dos participantes idosos, possíveis mudanças nas atitudes dos familiares em relação à sexualidade na velhice, após três meses da intervenção.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

No estudo em pauta existirá a possibilidade de dificuldades e de riscos potenciais que poderão interferir na execução das ações propostas, repercutindo nos objetivos preconizados. Entre as dificuldades existirá a possibilidade de

Endereço: Rua Almeida Cunha, nº 245 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609
Bairro: Santo Amaro **CEP:** 50.050-480
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO (UNICAP)



Continuação do Parecer: 6.253.537

encontrar resistência, entre os idosos ou na adesão do familiar. Ambos poderão se sentir inibidos ou desconfortáveis com a temática, visto a sexualidade ser, naturalmente, uma questão mais intimista da vida das pessoas e o fato de ser uma pesquisa longitudinal exigirá mais tempo dos participantes para coleta dos dados. Nos casos citados serão encorajados a colaborar com o conhecimento e com as mudanças sociais, por meio de uma participação que prezarão pelo respeito e pela individualidade, assegurando a confidencialidade das informações, ajustando os melhores horários para o desenvolvimento das atividades.

Quanto aos possíveis riscos, as pesquisadoras ficarão atentas e todo cuidado será tomado para não causar constrangimento de qualquer natureza, evitando possíveis evasões da pesquisa, que poderão ocorrer, nos casos de: possíveis desníveis intelectuais, que possam comprometer as interpretações; uso de termos linguísticos que subestime ou superestime algum participante, individualmente ou o grupo de intervenção; ocorrência de palavras, gestos ou atitudes, individuais ou coletivas, que porventura provoquem alguma intimidação, discriminação ou preconceito de qualquer natureza, entre os participantes.

Benefícios:

Os benefícios, seja para as pessoas idosas, seja para os familiares poderão se refletir de forma direta ou indireta. Os benefícios diretos encontrarão lugar na perspectiva de proporcionar: maior sensibilidade e/ou conscientização dos participantes para aspectos naturais e importantes à todas as fases da vida; um novo prisma para a compreensão da sexualidade humana, especialmente na velhice; recursos para melhorar o entendimento e o respeito entre gerações, resultando numa convivência mais harmônica, entre os familiares.

Já os benefícios indiretos poderão ser percebidos por meio: da assimilação de novos paradigmas sociais, relacionados aos conteúdos que serão trabalhados; da acessibilidade às pesquisadoras para escuta em grupo, ou em particular, após a intervenção, caso, isso seja solicitado ou necessário; o encaminhamento para Clínica Escola “Manoel de Freitas Limeira” da Universidade Católica de Pernambuco, dos casos que notadamente, haja necessidade e/ou desejo de acompanhamento psicológico; conduzir com a

Endereço: Rua Almeida Cunha, nº 245 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4041

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO (UNICAP)



Continuação do Parecer: 6.253.537

mesma educação e cordialidade do momento da entrada na pesquisa qualquer participante que manifestar desejo de desistir, antes da sua finalização.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa bem estruturada em termos teóricos e metodológicos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apresentados adequadamente.

Recomendações:

não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Protocolo de pesquisa aprovado nesta versão.

Considerações Finais a critério do CEP:

A coordenação do CEP acompanha o parecer do relator e aprova o protocolo de pesquisa nesta terceira versão. Lembramos o envio dos relatórios PARCIAL e FINAL da pesquisa por meio de "Notificação". Favor consultar o Manual de Usuário PESQUISADOR, disponível na Plataforma Brasil <http://plataformabrasil.saude.gov.br/visao/publico/indexPublico.jsf> que orienta a emissão dos referidos relatórios, entre outros assuntos.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2093731.pdf	14/08/2023 21:06:31		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_TESE.pdf	14/08/2023 21:03:20	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_FAMILIAR.pdf	14/08/2023 21:02:38	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PESSOA_IDOSA.pdf	14/08/2023 20:59:10	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Brochura Pesquisa	PROJETO_DE_TESE.docx	14/08/2023	Cristina Maria de	Aceito

Endereço: Rua Almeida Cunha, nº 245 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4041

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO (UNICAP)



Continuação do Parecer: 6.253.537

Brochura Pesquisa	PROJETO_DE_TESE.docx	20:54:13	Souza Brito Dias	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_DE_ATIVIDADES.pdf	14/06/2023 13:18:04	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	ORCAMENTO.pdf	22/05/2023 15:58:02	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	Termo_de_Autorizacao_de_uso_da_Imagem.pdf	22/05/2023 15:55:06	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	Lattes_orientadora_Cristina_Maria_Souza_Brito_Dias.pdf	22/05/2023 15:03:26	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	19/04/2023 14:10:23	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	Declaracao_de_recomendacao_de_projeto.pdf	19/04/2023 12:40:45	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	Lattes_orientanda.pdf	19/04/2023 12:28:30	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_Instituicao_Lafam.pdf	07/03/2023 11:05:16	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_concordancia.pdf	02/03/2023 14:40:02	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_da_Instituicao.pdf	02/03/2023 14:38:06	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 22 de Agosto de 2023

Assinado por:

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Almeida Cunha, nº 245 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4041

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep@unicap.br

ANEXO 2
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
PESSOA IDOSA SOLTEIRO(A), VIÚVO(A) OU SEPARADO(A)

	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA ACADÊMICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
---	--

PREZADO (A) PARTICIPANTE

1. O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Sexualidade de Pessoas Idosas Solteiras, Viúvas ou Separadas: Concepções e Atitudes de Familiares”;
2. A seleção dos participantes ocorreu de maneira intencional e sua participação não é obrigatória;
3. O(A) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar seu consentimento;
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador, ou com a Universidade Católica de Pernambuco;
5. O objetivo geral desta pesquisa é compreender as concepções e as atitudes de familiares de pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas, acerca da sexualidade na velhice. E, especificamente: 1) Identificar se há e como se dá a interferência de familiares na expressão da sexualidade das pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas, na perspectiva dos próprios idosos; 2) Analisar os significados dados à sexualidade na velhice, por parte de filhas(os), netas(os), bisnetas(os) ou sobrinhas(os); 3) Propor uma intervenção psicoeducativa com familiares que interferem na expressão da sexualidade desses idosos, na expectativa de estimular a reflexão e/ou minimizar preconceitos subjacentes; 4) Avaliar na narrativa dos participantes idosos, possíveis mudanças nas atitudes dos familiares em relação à sexualidade na velhice, após três meses da intervenção;
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a duas entrevistas sobre as referidas questões, sendo uma no início da pesquisa e a segunda após três meses do término das intervenções que serão realizadas com um de seus familiares;
7. As pesquisadoras ficarão atentas e todo cuidado será tomado para não causar qualquer risco ou constrangimento ao senhor(a). Entretanto, caso ocorram situações potencialmente perturbadoras no contexto da sexualidade, se buscará tratar com especial atenção para serem contornadas, resguardando-se o sigilo e proporcionando o apoio que se fizer necessário. Caso haja necessidade, encaminhá-lo(a) para a clínica escola da instituição para acompanhamento

psicológico. Salientamos ainda que sua participação na pesquisa poderá ser interrompida, a qualquer momento, sem nenhum prejuízo de qualquer ordem;

8. Os benefícios relacionados com a sua participação, se referem ao fato de que o(a) senhor(a) poderá refletir sobre sua própria sexualidade; contribuir para mudanças de concepções e/ou atitudes, por parte do familiar, que irá participar da intervenção psicoeducativa e/ou perceber novas compreensões, em relação à sexualidade na velhice de pessoas idosas solteiras, viúvas e separadas, entre os familiares;

9. As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação;

10. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação e ficarão guardados, em local seguro, com a pesquisadora, por um período de cinco anos, após o qual serão apagados;

11. Solicitamos autorização para gravar as entrevistas, para melhor transcrever, compreender e analisar os resultados. Assim como, divulgar os resultados para fins, estritamente acadêmicos;

12. O(A) senhor(a) está recebendo uma via deste termo, no qual constam os telefones e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento;

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Nome: Profa. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

Assinatura

Endereço completo: RUA ALMEIDA CUNHA, 245, SANTO AMARO,
BLOCO G4 - Telefone: (81) 2119-4172 (Departamento de Psicologia)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na RUA DO PRÍNCIPE, 526 – BOA VISTA – BLOCO C – 3º ANDAR, SALA 306 – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE: (81)2119-4041 ou 2119-4376 – ENDEREÇO ELETRÔNICO:

cep_unicap@unicap.br - Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h - Segunda a sexta-feira.

Recife, ____ de _____ de 2023.

Participante da pesquisa

ANEXO 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
FAMILIAR

	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA ACADÊMICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
---	--

PREZADO (A) PARTICIPANTE

1. Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Sexualidade de Pessoas Idosas Solteiras, Viúvas ou Separadas: Concepções e Atitudes de Familiares”;
2. A seleção dos participantes ocorreu de maneira intencional e sua participação não é obrigatória;
3. Você poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar seu consentimento;
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o grupo, do qual faz parte, com o pesquisador, ou com a Universidade Católica de Pernambuco;
5. O objetivo geral desta pesquisa é compreender as concepções e as atitudes de familiares de pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas, acerca da sexualidade na velhice. E, especificamente: 1) Identificar se há e como se dá a interferência de familiares na expressão da sexualidade das pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas, na perspectiva dos próprios idosos; 2) Analisar os significados dados à sexualidade na velhice, por parte de filhas(os), netas(os), bisnetas(os) ou sobrinhas(os); 3) Propor uma intervenção psicoeducativa com familiares que interferem na expressão da sexualidade desses idosos, na expectativa de estimular a reflexão e/ou minimizar preconceitos subjacentes; 4) Avaliar na narrativa dos participantes idosos, possíveis mudanças nas atitudes dos familiares em relação à sexualidade na velhice. após três meses da intervenção;
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar de cinco encontros grupais, os quais terão como foco os objetivos da pesquisa, sendo um encontro por semana, nos dias e horários acordados com o grupo;
7. As pesquisadoras ficarão atentas e todo cuidado será tomado para não causar qualquer risco ou constrangimento ao senhor(a). Entretanto, caso ocorram situações potencialmente perturbadoras no contexto da sexualidade, de forma individual ou coletiva, se buscará tratar com especial atenção para serem contornadas, resguardando-se o sigilo e proporcionando o apoio que se fizer necessário. Caso haja necessidade de encaminhar algum participante para acompanhamento psicológico, será para a clínica escola da instituição;

Salientamos ainda que sua participação na pesquisa poderá ser interrompida, a qualquer momento, sem nenhum prejuízo de qualquer ordem;

8. Os benefícios relacionados com a sua participação dizem respeito ao fato de que o(a) senhor(a) poderá, a partir dos conteúdos trabalhados refletir e/ou mudar suas concepções e atitudes em relação à sexualidade das pessoas idosas solteiras, viúvas ou separadas e multiplicar os conteúdos aprendidos entre os familiares;

9. As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação;

10. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação e ficarão guardados em local seguro com a pesquisadora, por um período de cinco anos, após o qual serão apagados;

11. Solicitamos autorização para gravar e/ou filmar os encontros, para melhor transcrever, compreender e analisar os resultados, assim como divulgar os resultados para fins estritamente acadêmicos;

12. Você está recebendo uma cópia deste termo, no qual constam os telefones e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Nome: Profa. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

Assinatura

Endereço completo: RUA ALMEIDA CUNHA, 245, SANTO AMARO, BLOCO G4 -
Telefone: (81) 2119-4172 (Departamento de Psicologia)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na RUA DO PRÍNCIPE, 526 – BOA VISTA – BLOCO C – 3º ANDAR, SALA 306 – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE: (81)2119-4041 ou 2119-4376 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: cep_unicap@unicap.br - Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h - Segunda a sexta-feira.

Recife, ____ de _____ de 2023.

Participante da pesquisa

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO BIOSOCIODEMOGRÁFICO

Pessoa Idosa

1. **Sexo:** ☐ Masculino
☐ Feminino
2. **Idade:** _____ anos
3. **Grau de escolaridade:**
☐ Analfabeto
☐ 1º grau incompleto
☐ 2º grau incompleto
☐ Superior incompleto
☐ 1º grau completo
☐ 2º grau completo
☐ Superior completo
4. **Estado civil:** _____ **a quanto tempo?**
☐ Viúvo(a) _____ anos
☐ Separado(a) _____ anos
☐ Solteiro(a)
5. **Quantos:** _____ **Idades?**
Filho(s): _____/
Filha(s): _____/
Neto(s): _____/
Neta(s): _____/
Sobrinho/a(s): _____/
6. **Com que frequência os vê?**
☐ Todos os dias (casas próximas)
☐ Frequentemente (3 X por semana)
☐ Em geral, nos finais de semana
☐ Pouco/Raramente (moram distantes)
☐ Não os vê, mas se comunicam, com frequência por mensagens.
7. **Algum depende do(a) senhor(a)?**
☐ Sim ☐ Não
8. **O senhor(a) depende dele?**
☐ Sim ☐ Não
9. **Cuida ou ajuda a cuidar de algum deles?** ☐ Sim ☐ Não
10. **Com quem reside?** _____
11. **Profissão:** _____
12. **Trabalha?** ☐ Sim ☐ Não
☐ Aposentado ☐ Pensionista
13. **Se trabalha, qual a empresa e que função desempenha:**

14. **Renda familiar** (em salários-mínimos)?
☐ 1 salários-mínimos
☐ 2 a 3 salários-mínimos
☐ 4 a 5 salários-mínimos
☐ 6 a 7 salários-mínimos
☐ 8 a 9 salários-mínimos
☐ 10 salários-mínimos ou mais
15. **Tem alguma Crença ou Religião?**
☐ Sim _____ ☐ Não
Participa ativamente?
☐ Sim ☐ Não
Como? _____
16. **Tem algum problema de saúde?**
☐ Sim ☐ Não
Qual? _____
17. **Participa de algum grupo de convivência para pessoas idosas?**
☐ Sim ☐ Não
Qual? _____
18. **Desenvolve alguma atividade ou ação voluntária que lhe dê prazer pessoal e faça se sentir vivo(a), ou útil?**
☐ Sim ☐ Não
Qual? _____

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO BIOSSOCIODEMOGRÁFICO

FAMILIAR

1. **Sexo:** ☐ Masculino
☐ Feminino
2. **Idade:** _____ anos
3. **Grau de escolaridade:**
☐ Analfabeto
☐ 1º grau incompleto
☐ 2º grau incompleto
☐ Superior incompleto
☐ 1º grau completo
☐ 2º grau completo
☐ Superior completo
4. **Seu Estado Civil:** **Filhos?**
☐ Casado(a) ☐ Sim ☐ Não
☐ Separado(a) Quantos? _____
☐ Solteiro(a) Outro _____
5. **Trabalha?** ☐ Sim ☐ Não
6. **Profissão:** _____
7. **Renda familiar** (em salários-mínimos)
☐ 1 salários-mínimos
☐ 2 a 3 salários-mínimos
☐ 4 a 5 salários-mínimos
☐ 6 a 7 salários-mínimos
☐ 8 a 9 salários-mínimos
☐ 10 salários-mínimos ou mais
8. **Depende financeiramente de alguém?**
☐ Não
☐ Companheiro(a)/ Marido
☐ Mãe
☐ Outro _____
9. **Possui Crença ou Religião?**
☐ Não
☐ Católica
☐ Evangélica
☐ Espírita
☐ Afro-brasileira
10. **Tem pessoas idosas solteira, viúva ou separada, na família?**
☐ Não ☐ Avô
☐ Pai ☐ Avó
☐ Mãe ☐ Tio(a)
11. **Qual é seu grau de parentesco com ele(a)?**
☐ Filho(a)
☐ Neto(a)
☐ Bisneto(a)
☐ Sobrinho(a)
12. **Convive com o idoso na mesma casa?**
☐ Sim ☐ Não
13. **Caso não morem na mesma casa, com que frequência o(a) vê?**
☐ Com muita frequência
☐ Com pouca frequência
☐ Em geral, nos finais de semana
☐ Pouco, mas se comunicam por mensagens (moram distantes)
☐ Não se vêem, nem se comunicam
14. **A pessoa idosa tem autonomia para ir aonde desejar?** ☐ Sim ☐ Não
15. **A pessoa idosa tem companheiro(a)?**
☐ Sim ☐ Não
16. **A pessoa idosa de sua família sofre influência de suas opiniões?**
☐ Sim ☐ Não

APÊNDICE C

ROTEIRO DA PRIMEIRA ENTREVISTA COM MULHERES IDOSAS SOLTEIRAS, VIÚVAS OU SEPARADAS

1. Há quanto tempo está viúvo(a) ou separado(a)?
2. Atualmente, o(a) senhor(a) tem parceiro(a) amoroso?
3. **(Se solteiro/a)** Se relacionou com alguém depois que chegou aos 60 anos?
4. **(Se viúvo/a ou separado/a)** Já se relacionou com alguém depois da viuvez/separação?
5. Sabe dizer o que pensam seus familiares sobre a sexualidade das pessoas idosas?
E o(a) senhor(a) o que entende por sexualidade?
6. **(Caso tenha parceiro/a)** Seus familiares aceitam seu relacionamento? Diante das atitudes deles, o que mais lhe chama atenção?
7. **(Caso não tenha parceiro/a)** Se surgisse agora alguém que o senhor(a) achasse interessante, que aceitasse uma aproximação, amizade e/ou um envolvimento mais íntimo, como sua família se comportaria?
8. A atitude da família, em relação à sua sexualidade, traz repercussão na sua vida?
9. Na sua família, existe alguém que tenha mais capacidade de influenciar os demais, por meio de suas opiniões e atitudes? Essa pessoa influencia nas suas decisões?
10. Como é a relação entre o(a) senhor(a) e essa pessoa?
11. Com que frequência mantém contato com ela?

APÊNDICE D
ESQUEMA DA INTERVENÇÃO PSICOEDUCATIVA COM AS FAMILIARES
 (Segundo Momento da Pesquisa)

Atividade	Participantes	Desenvolvimento	Desfecho
I N T E R V E N Ç Ã O P S I C O E D U C A T I V A	10 familiares (8 filhas, 1 neta e 1 sobrinha) das idosas participantes	<u><i>Primeira Intervenção Psicoeducativa</i></u> <u>Dinâmica</u> : recepção, apresentação da pesquisadora e da pesquisa; importância da temática; <u>Objetivo</u> : discorrer sobre as questões éticas; leitura e assinatura do TCLE; preenchimento do questionário biossociodemográfico; conhecer e identificar as relações das participantes com as idosas, já entrevistadas; <u>Procedimento</u> : conversa com as participantes, para conhecer o tipo de vínculos, convivência e influência exercida sobre as mulheres idosas pesquisadas	- Caracterização do grupo; - Retirada de dúvidas; - Agendamento dos encontros
		<u><i>Segunda Intervenção Psicoeducativa</i></u> <u>Dinâmica inicial</u> : aproximação do grupo <u>Objetivo</u> : identificar a importância e a relação do idoso na família; <u>Estratégia</u> : sensibilização - uso de música Família (Fábio Jr., 1994); histórias e conceitos repassados pelos idosos/ancestrais; <u>Procedimento</u> : escutar a música, refletir e identificar quem representa o passado/ancestral da família	- Exposição de opiniões, sentimentos; - Troca de experiências; - Novos conteúdos, dúvidas
		<u><i>Terceira Intervenção Psicoeducativa</i></u> <u>Dinâmica inicial</u> : respirar e relaxar <u>Objetivo</u> : conhecer as concepções das familiares acerca da sexualidade e da sexualidade de mulheres solteiras, viúvas ou separadas. <u>Estratégia</u> : trabalho em grupo - uso de figuras, com representações da sexualidade humana; <u>Procedimento</u> : dois subgrupos recebem as mesmas figuras e seguem as orientações para responder o que for perguntado	- Exposição de opiniões, sentimentos; - Troca de experiências; - Novos conteúdos, dúvidas
		<u><i>Quarta Intervenção Psicoeducativa</i></u> <u>Dinâmica inicial</u> : respirar e alongar <u>Objetivo</u> : experienciar uma situação, possivelmente, já vivida por uma pessoa idosa, dentro e/ou fora da família; <u>Estratégia</u> : vivência – uso de etiquetas de papel com comandos; <u>Procedimento</u> : uma etiqueta com um comando desconhecido pela participante foi colocada na sua testa e todas se comportaram, entre si, de acordo ao comando lido na testa da outra. Assim, experimentar situações de carinho, alegria, atenção, exclusão, invisibilidade, isolamento, entre outras	- Exposição de opiniões, sentimentos; - Troca de experiências; - Novos conteúdos, dúvidas
		<u><i>Quinta Intervenção Psicoeducativa</i></u> <u>Dinâmica inicial</u> : cantando as vogais <u>Objetivo</u> : refletir sobre os conteúdos apresentado/aprendidos; <u>Estratégia</u> : discussão dialogada, sobre os encontros; <u>Procedimento</u> : responder ficha de avaliação e dizer - “o que trouxe para os encontros e o que leva dos encontros?”	- Apreciação, acerca da participação e dos conteúdos trabalhados; - Mensagem final; - Agradecimentos;

APÊNDICE E

Letra da Música utilizada na Intervenção

Música: Família
Autor: Fábio Júnior
Ano: 1994

Família é coisa mais maluca que eu
 conheço
 Família tem cheiro, tem cor, tem endereço
 Família pode ser a minha, pode ser a sua
 Família se constrói em casa e também na
 rua
 Família é uma pessoa que vem com
 defeito
 Família pode ser do seu ou do meu jeito
 Família é um instrumento difícil de tocar
 Família parece casa, mas é um lar
 Família eu sou
 Família, amor
 Família eu quero
 Tô sendo sincero
 Família eu sou
 Família, amor
 Família eu quero
 Tô sendo sincero
 Família é fonte de amor inesgotável
 Família é um monte de dor inexplicável
 Família faz coisas que ninguém explica
 Família não vai embora, família fica
 Família às vezes briga quase todo dia
 Família se você não escolhe, devia
 Família é tempestade num copo d'água
 Família magoa, mas perdoa toda mágoa
 eu sou
 (Família), amor
 Família eu quero
 tô sendo sincero
 Família é assim mesmo, família é uma
 doideira
 Família é pra hoje, pra agora e pra vida
 inteira
 Família é uma luz, um porto seguro
 Família é passado, presente e futuro

Família eu sou
 família, amor
 (Família) eu quero
 eu tô sendo sincero
 Família eu sou
 Família (eu sou), amor
 (Família) eu quero
 Tô sendo sincero
 Família eu sou
 Família, amor
 (Família) eu quero
 Tô sendo sincero
 Família eu sou
 Família, amor
 (Família) eu quero
 Eu tô sendo sincero
 Família eu sou
 Família, amor
 Família
 Eu tô sendo sincero
 eu sou
 (Família), amor
 Família eu quero
 Eu tô sendo sincero
 Família eu sou
 Família, amor
 (Família) eu quero
 Tô sendo sincero
 Família eu sou
 Família, amor
 Família
 Eu tô sendo sincero
 Família

APÊNDICE F
Figuras de domínio público retiradas da internet e utilizadas na Intervenção



(crianças)



(mamando)



(passeando)



(na cama)



(coral)



(artesanato)



(dançando)



(beijando)



(computação)



(vendo TV)

APÊNDICE G
Frases de comando utilizadas com as familiares durante a Intervenção

ME FAÇA UM ELOGIO

APERTE MINHA MÃO

ME DÊ UM ABRAÇO

NÃO OLHE PARA MIM

QUERO FICAR SÓ

NÃO ME
CUMPRIMENTE

APÊNDICE H
Ficha de avaliação da Intervenção

AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

- PARTICIPAR DA PESQUISA FOI PROVEITOSO PARA VOCÊ:

☐ SIM ☐ NÃO

- ENCONTROU DIFICULDADE:

☐ SIM ☐ NÃO

- COMO O ENCONTRO COM A PESQUISADORA FOI PARA VOCÊ:

☐ Excelente ☐ Bom ☐ Regular ☐ Ruim ☐ Péssimo

- RESPONDA:

- O QUE VOCÊ TROUXE DE INFORMAÇÕES E CONHECIMENTOS SOBRE A SEXUALIDADE NA VELHICE, ESPECIALMENTE, NA VELHICE DE PESSOAS SOLTEIRAS, VIÚVAS OU SEPARADAS, MUDOU?

☐ APRENDI MUITA COISA ☐ MUDOU MUITO

☐ MUDOU UM POUCO. ☐ NÃO MUDOU.

PODE FALAR ALGO A RESPEITO?

APÊNDICE I

ROTEIRO DA SEGUNDA ENTREVISTA COM AS MULHERES IDOSAS SOLTEIRAS, VIÚVAS OU SEPARADAS

1. Nos últimos quatro meses iniciou ou participou de alguma atividade que lhe deu muita satisfação e que gostaria de manter ou repetir?
2. **(Caso positivo):** Poderia nos descrever?
3. O Sra. se relacionou com alguém ou ampliou seu ciclo de amizades, nesse período?
4. **(Caso positivo):** Houve algum comentário, entre seus familiares? Seu familiar comenta suas concepções sobre sexualidade da pessoa idosa? E quanto a sua em particular?
5. **(Caso positivo):** Poderia nos descrever?
6. Quais as atitudes dela que lhe chamam mais a atenção?
7. Em que momentos entende estar expressando sua sexualidade?